



**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**ÉVERTON NERY CARNEIRO**

**ÉTICA E HERMENÊUTICA:  
JESUS E O *PARALYTIKOS***

**São Leopoldo  
2012**

**ÉVERTON NERY CARNEIRO**

**ÉTICA E HERMENÊUTICA:  
JESUS E O *PARALYTIKOS***

Trabalho final de Mestrado Profissional para a  
obtenção do grau de Mestre em Teologia da  
Escola Superior de Teologia.  
Programa de Pós-graduação.  
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

**Orientador: Dr. Flávio Schmitt**

**São Leopoldo  
2012**

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C289e Carneiro, Éverton Nery  
Ética e hermenêutica: Jesus e o paralytikos /  
Éverton Nery Carneiro ; orientador Flávio Schmitt. –  
São Leopoldo : EST/PPG, 2012.  
124 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de  
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em  
Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Bíblia. N.T. Mateus 9 – Crítica, interpretação, etc.  
2. Bíblia – Hermenêutica. 3. Jesus Cristo – Ética. 4.  
Cura do paralítico (Milagre). I. Schmitt, Flávio. II. Título.

## DEDICATÓRIA

Penso, sinto, vivo! Ao viver me defronto com o outro, com o estranho, com o inusitado e com o mistério que é o viver e tentar perceber/compreender a presença de Deus na vida. É nessa toada que me sinto a vontade para dedicar esse trabalho ao nosso Deus, que sempre é luz na minha vida; a Camila, minha amada, que me inspira, busca me entender e ao compreender na sua compreensão me ama. Dedico também esse trabalho aos meus pais, Josemira e Everaldo, e aos meus filhos, Amanda e Gabriel. A todos eles, fica sempre a saudade de um amor, que tem sempre um amanhã, tal qual o horizonte. De uma forma muito especial, toda a minha família faz parte dessa história, dessa conquista. Tios, tias, primos, primas, irmãos e irmãs, avôs e avós. Cada um tem a sua parcela de participação na construção da minha vida. A todos vocês dedico esse trabalho, que é parte da vida e interprete da mesma.

Os seus discípulos perguntaram: - Mestre, por que esse homem nasceu cego? Foi por causa dos pecados dele ou por causa dos pecados dos pais dele? Jesus respondeu: - Ele é cego, sim, mas não por causa dos pecados dele nem por causa dos pecados dos pais dele. É cego para que o poder de Deus se mostre nele.

*João 9.2-3 (NTLH)*

## RESUMO

Esse texto trabalha a interpretação bíblica, especialmente, pensando não somente que a Bíblia não é um “tudo dito”, como também as várias interpretações não promovem o seu esgotamento, ou seja, ela é sempre um “a dizer”, portanto um anúncio. Diante disso, este trabalho se faz bastante relevante para ensejar passos firmes no trato com a hermenêutica bíblica, buscando apresentar os resultados da pesquisa, que é realizada tendo como objeto a interpretação bíblica de Mateus 9.2-8. A perícopos em estudo é construída mostrando que a cura e o perdão devolvem a vida ao homem, outrora *paralytikos*. Para alcançar os objetivos propostos nesta investigação é necessário orientar este estudo a partir de uma hermenêutica bíblica, considerando-se que é importante articular narrativa bíblica-ética-hermenêutica às transformações mais amplas que vêm ocorrendo na sociedade, buscando captar então os nexos entre as mudanças na vida social e o texto bíblico, assim como também as suas construções simbólicas. Neste sentido, este texto traz inicialmente uma discussão sobre ética e de maneira específica a ética de Jesus, para em um segundo momento abordar a hermenêutica em um viés ético, pensando no diálogo da ética com a hermenêutica, assim como é narrado o diálogo entre Jesus e o *paralytikos*, para enfim realizar uma atualização do mesmo. Não possuindo um caráter casual, aleatório ou acidental ou até mesmo imprevisível, a ética se apresenta não só como algo a ser estudado, mas principalmente vivido, e ao se falar de vida, trata-se da Palavra de Deus, que numa perspectiva da ética de Jesus, apresenta uma renúncia ao legalismo, portanto, à verdade, neste sentido pré-estabelecida.

Palavras-chave: ética; hermenêutica; *paralytikos*

## ABSTRACT

This text works on biblical interpretation, especially considering not only what the bible isn't "all Said", but also the various interpretations don't promote your exhaustion, that is, it is always "something more", so an announcement. Therefore, this work is quite relevant to give rise firm steps in dealing with biblical hermeneutics, seeking to present the results of research that is carried out to the biblical interpretation of Mathew 9.2-8. The passage in question is constructed showing that healing and forgiveness to return life to man, one *paralytikos*. For achieve the objectives proposed in this research is necessary to guide this study from a biblical hermeneutics considering that it is important to articulate the biblical narrative-ethical-hermeneutics to broader transformations taking place in society, then attempt to understand the links between changes social life and the biblical text, as well as their symbolic constructions. In the sense this text provides an initial discussion of ethics specifically applied to Jesus in a second stage to address the ethical hermeneutics in a bias, thinking, dialogue with the hermeneutics of ethics, as is narrated dialogue between Jesus and *paralytikos* to finally do an update of the some conduct. Don't having a casual nature, randon or accidental, or even unpredictable, ethics presents itself not only as something to be studied, but mainly lived, and when talking about life, it is the Word of God, that perspective of ethics Jesus, he renounces the legal and therefore the truth in this sense pre-established.

Key words: ethics; hermeneutics; *paralytikos*

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>1 A ÉTICA DE JESUS</b>	<b>15</b>
1.1. Princípios e fundamentos	16
1.2. Uma civilização: dois livros	24
1.3. Uma civilização: dois livros e uma fusão	27
<b>2 HERMENÊUTICA: UM VIÉS ÉTICO</b>	<b>39</b>
2.1. Perguntas, Palavra e Verbo	43
2.2. Da Grécia antiga ao século XIX.	52
2.3. A dimensão filosófico-epistemológica da hermenêutica	54
2.4. Heidegger e Gadamer	56
2.5. A eticidade hermenêutica	64
<b>3 O <i>PARALYTIKOS</i>: VIGOR-DE-TER-SIDO, ATUALIDADE E PORVIR</b>	<b>68</b>
3.1. “Levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa.”	70
3.2. Texto e simetria	73
3.3. Fontes e paralelos	74
3.4. Portas de entrada.	80
3.5. Jesus e a comunidade de Mateus	87
3.6. O <i>Paralytikos</i> : atualização e atualidade	92
3.6.1. Sociedades primitivas e antiguidade.	92
3.6.2. Modernidade e...	96
3.6.3. Do século XX até...	100
<b>PARA NÃO CONCLUIR...</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>115</b>

## INTRODUÇÃO

*Em toda investigação o mais difícil é o princípio...  
A dificuldade não nos vem de sabermos de menos e, sim,  
de sabermos demais sobre a realidade.*

*Emanuel Carneiro Leão*

Em que pese o esforço de algumas tradições cristãs em estabelecer antigas verdades e fincar as interpretações, já não são ouvidas como outrora. Eis que se faz um convite a Rubem Alves, que escreve afirmando estar parafraseando Alberto Caeiro:

“Não é bastante ter ouvidos para se ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma”. Daí a dificuldade: a gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor. [...] Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos...<sup>1</sup>

Que cada leitor seja capaz de ao fazer a leitura, dialogar, não se considerando melhor ou superior, mas assumindo uma posição de superação da desigualdade e respeito às diferenças.

Evidentemente, a interpretação bíblica não escapou ao mundo pós-moderno. Com efeito, solapar a solidez das formulações modernas, em especial a prerrogativa de depositária da verdade divina usurpada por algumas tradições religiosas, foi uma grande contribuição da pós-modernidade<sup>2</sup>. Entretanto, a construção de um mundo

<sup>1</sup> SCARLATELLI, Cleide Cristina da Silva. *A Vida à luz do encontro dialógico*. Revista Estudos Teológicos. Ano 44. Nº 1. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Escola Superior de Teologia. 2004. p. 124.

<sup>2</sup> Lyotard define pós-modernidade como sendo uma situação em que as grandes narrativas (os grandes sistemas filosóficos em que baseamos nossa consciência e nossa ação) deixam de ter a credibilidade que tinham. Pós-modernidade deixou de ser de lá para cá, a situação de crise e de perda de legitimidade das meta-narrativas, dos discursos últimos que sustentam discursos menos fundamentais. Nas palavras de Lyotard: “considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos ‘metarrelatos’”. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências, mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia.” LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p.03.

onde qualquer saber é válido, e todas as respostas possíveis, sem dúvida, carece de críticas, do contrário, poderia parecer uma “sociedade ideal” aberta aos mais antagônicos pensamentos. Sendo assim, nesta época de globalização<sup>3</sup>, de diversas falas e interpretações, cabe inquirir a quem serve esta ordem, qual a finalidade dos discursos propostos, de que lugares são produzidos e para onde se direcionam.

Buscando uma aproximação com a interpretação bíblica de Mateus 9.2-8, vale questionar como se tem utilizado a liberdade interpretativa frente ao texto, com quais preocupações se faz a leitura das escrituras, entendendo que *“textos e acontecimentos humanos são signos que necessitam de interpretação.”*<sup>4</sup> A hermenêutica bíblica, neste bojo, se apresenta como uma importante contribuição para uma interpretação responsável, honesta, criteriosa e ética do texto sagrado. Sem pretender monopolizar a explicação do mesmo, ao contrário, buscando ampliar a possibilidade de aplicação dos diversos eixos hermenêuticos, favorecendo, assim, a riqueza dos escritos. Como afirma Heidegger: *“... em um sentido amplo, hermenêutica pode designar a teoria e a metodologia de toda interpretação, inclusive das artes...”*<sup>5</sup> Nesse sentido, o rigor metodológico, assim como o mergulho no texto, não podem ser desprezados por um exercício hermenêutico socialmente engajado e ético. Ademais, devem estar evidentes, sobretudo, o lugar de onde fala, a quem quer falar e a serviço de quem está a sua interpretação. Esta caminhada esta sendo realizada tendo como ponto de partida Mateus 9.2-8 na:

... convicção de a Bíblia não ser um depósito que já “disse” tudo. É um texto que “diz”, no presente, mas que fala como “texto”, não como uma palavra difusa e existencial que somente tem sentido genérico de provocar uma decisão minha. A tensão entre ser um texto fixado em um horizonte cultural que já não é o nosso, e ser uma palavra viva que pode mover a história, somente se resolve através de uma leitura frutífera. Isto equivale a anunciar o problema da hermenêutica bíblica.<sup>6</sup>

Essa pesquisa trabalha a interpretação bíblica, especialmente, pensando não somente que a Bíblia não é um “tudo dito”, como também as várias interpretações

<sup>3</sup> **Nota do autor:** Aqui não se tem a intenção de aprofundar o debate sobre o processo de globalização, mas vale chamar atenção, a princípio, sobre o aspecto econômico de acumulação de capital, oportunista, especulativo e transnacional, entendendo que a globalização transcende o fenômeno econômico.

<sup>4</sup> CROATTO, Severino J. *Hermenêutica Bíblica*. Editora Sinodal/Paulinas. São Leopoldo – Rio Grande do Sul, 1ª edição, 1986. p. 17.

<sup>5</sup> HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes; Bragança Paulista, São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2003, p.80.

<sup>6</sup> CROATTO, 1986, p. 07.

não promovem o seu esgotamento, ou seja, ela é sempre um “a dizer”, portanto um anúncio, e “nenhuma transformação chega sem a escolta de um prenúncio.”<sup>7</sup> A interpretação é feita utilizando a Nova Versão Internacional (NVI) e principalmente Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), por entender como afirma na sua apresentação, a NTLH, que “... o texto bíblico chegou muito mais perto do leitor e ouvinte brasileiro. Nunca a bíblia foi tão fácil.”<sup>8</sup>

Diante disso, este trabalho hermenêutico se faz bastante relevante para ensejar passos firmes no trato com a hermenêutica bíblica. Neste texto, apresenta-se os resultados da pesquisa, que é realizada tendo como objeto a interpretação bíblica da perícop<sup>9</sup> de Mateus 9.2-8, onde, no que se refere ao objetivo geral deste estudo, busca-se interpretar este texto à luz de uma hermenêutica bíblica.

Para alcançar esse objetivo realizam-se diversas análises, sendo elas: a) Uma análise literária, onde se procura identificar a forma ou método literário usado na perícop<sup>9</sup> em estudo com vistas às várias formas como história, narrativa, cartas, exposição doutrinal, poesia e apocalipse; cada uma tem seus métodos únicos de expressão e interpretação; b) Analisar a questão léxico-sintática, pois esta revela a compreensão das definições de palavras (lexicologia) e sua relação umas com as outras (sintaxe); c) É preciso considerar varias hipóteses quanto às origens das fontes dos evangelhos, a saber: hipótese da utilização recíproca, do evangelho primitivo, dos fragmentos, da tradição oral e das duas fontes; d) Entender que a linguagem do Novo Testamento se utiliza de múltiplas formas de expressão para a comunicação da sua mensagem, em que o estudo dessas formas procura apurar a sensibilidade para perceber a multiplicidade das formas do processo de revelação; e) Analisar o contexto sócio-religioso do autor, a fim de entender suas alusões e referências, assim como considerar a relação desta perícop<sup>9</sup> com o corpo todo do escrito deste autor; f) Analisar o elemento teológico, pois este estuda o nível de compreensão teológica na época da produção deste texto, a fim de averiguar o significado do texto para seus primitivos destinatários.

---

<sup>7</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback: 5ª edição. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2008. Coleção Pensamento Humano, p. 86.

<sup>8</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 2005.

<sup>9</sup> “Termo adotado da retórica helenista e empregado para se referir a um trecho curto ou uma passagem da Escritura. Foi usado nos círculos cristãos pela primeira vez por Jerônimo para designar uma parte da Escritura. Esse uso precedeu a divisão da Escritura em capítulos. Na crítica bíblica contemporânea, o termo é usado para se referir a qualquer unidade independente da escritura.” DOCKERY, David S. *Hermenêutica Contemporânea à luz da igreja primitiva*. Tradução: Álvaro Hatnher. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 182.

Além disso, se propõe realizar a atualização, que é o importante passo que traduz o significado de um texto bíblico para seus primeiros ouvintes com o mesmo significado que ele tem para os cristãos em época e cultura diferentes. Em alguns casos, a transmissão se realiza com razoável facilidade, e em outros, como as ordens bíblicas, obviamente influenciadas por fatores culturais (por exemplo, saudar com ósculo santo), a tradução através de culturas se torna mais complexa.

Vale destacar, no entanto, que todas estas partes estão intimamente relacionadas, o que não impede a presença de elementos de uma análise se imiscuindo em outras.

Ao final, busca-se expor na conclusão uma avaliação da interpretação, sua importância e possibilidade de interferência no ambiente social e eclesial. O eixo interpretativo que norteará este trabalho será a hermenêutica bíblica, privilegiada, decerto, devido ao lugar de onde escreve, o sertão nordestino, região marcada pela pobreza e pela marginalização social, considerando sempre as vozes castigadas por esta complexa situação social, que bate à porta e clama por uma resposta daqueles que dizem falar de Deus e por Deus.

Entre os fatores que caracterizam uma primeira compreensão de um texto, e no caso específico Mateus 9.2-8 estão, entre possivelmente outras coisas: intensidade da leitura, nível de conhecimento da língua, experiência de vida, conhecimento gerais, estado psico-espiritual do leitor no momento da leitura, ou o que poderíamos denominar de competência geral do leitor. Esta se manifesta através de observações e das relações que ele faz durante o ato de leitura. O leitor então faz reflexões e vai tirando conclusões, precárias ou não, mas, por certo provisórias.

A perícopes em estudo é construída mostrando que a cura e o perdão devolvem a vida ao homem, outrora *paralytikos*<sup>10</sup>. É Figueiredo que afirma: *“Costumo dizer que a melhor pergunta a ser dirigida ao texto bíblico não é tanto como tal fato aconteceu, mas por que tal fato é narrado pela Bíblia.”*<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> **Nota do autor:** todas as vezes em que for preciso fazer referência ao “*paralytikos*” do texto bíblico em Mateus 9.2-8, ou se necessário usar a “palavra” paralítico em português que remeta à ideia do “*paralytikos*” em grego, fazemos a opção por usar a palavra grega *paralytikos* como está explicado na parte 3.4, página 83, nas notas de rodapé 340 e 341.

<sup>11</sup> FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de. *Bíblia: Mito? Realidade?* Estudos Bíblicos. Nº 98. Ed Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 2008/2. p. 48.

Neste sentido, nos últimos tempos, como resultado da luta das próprias pessoas com deficiência<sup>12</sup>, vem ganhando espaço na sociedade a proposta de romper com os tradicionais paradigmas de segregação e a adoção de procedimentos que possam contribuir para garantir a essas pessoas as condições necessárias à sua participação como sujeitos sociais<sup>13</sup>. Este processo ganha força ao propor o paradigma<sup>14</sup> da inclusão social<sup>15</sup>, afirmando a necessidade de todos se comprometerem com a eliminação das barreiras que vêm excluindo uma parcela considerável da população mundial, dentre as quais se encontram as pessoas com deficiência.

Em relação a este segmento, o ponto de partida de seu processo de marginalização é a sua exclusão do processo produtivo. A imensa maioria das pessoas com deficiência não está conseguindo se inserir nas atuais relações sociais de produção e, desta forma, sem condições de manter o seu sustento e ainda ficando à margem do atual processo histórico.

Outro aspecto que caracteriza as atuais condições de existência das pessoas com deficiência, e que tem vínculo direto com a sua exclusão do processo produtivo, reside no fato de as mesmas serem compreendidas e tratadas numa relação de desigualdade<sup>16</sup> dos demais seres humanos. No imaginário social, tais pessoas são consideradas como improdutivas, inúteis e incapazes, sendo tomadas como um fardo pesado ou uma cruz a ser carregada pela família e pela sociedade. Esta forma

---

<sup>12</sup> “Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas” (*Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência-ONU 2006*). <http://www.sedese.mg.gov.br/index.php/caade-deficiencia-pessoas.html>. Acesso em 13 de março de 2011.

<sup>13</sup> **Nota do autor:** Para Touraine, sujeito é vazio, não-social, sem conteúdo social. Esta concepção insere o pensador francês numa noção filosófica especulativa de longa história. Como sociólogo e historiador, percebem-se nele, porém, a preocupação e o cuidado de fundamentar suas conclusões em relações sociais e históricas concretas. A idéia de sujeito é priorizada a partir da reflexão sobre a defesa dos direitos do homem, da afirmação da personalidade e dos problemas que se relacionam à sexualidade. TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. Petrópolis. Vozes. 1994.

<sup>14</sup> Paradigma pretende sugerir que ‘*certos exemplos da prática científica atual - tanto na teoria quanto na aplicação - estão ligados a modelos conceituais de mundo dos quais surgem certas tradições de pesquisa*’. Em outras palavras, uma visão de realidade atrelada a uma estrutura teórica a priori, aceita, estabelece uma forma de compreender e interpretar intelectualmente o mundo segundo os princípios constantes do paradigma em vigor. KHUN, T. A *Estrutura das revoluções Científicas*. Perspectiva. São Paulo-SP. 1996, p. 121.

<sup>15</sup> **Nota do autor:** A inclusão social introduz um novo horizonte para a sociedade, pois indica outra etapa no processo de conquista dos direitos por parte dos mais diversos segmentos sociais, tais como, pessoas com deficiência, os explorados, excluídos e discriminados em razão da raça, do sexo, da orientação sexual, da idade, da origem-etnia, etc.

<sup>16</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. A *Construção multicultural da igualdade e da diferença*. Oficina do CES nº135, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, jan. 1999, p. 02.

de tratamento desconsidera a possibilidade de se constituírem como sujeitos e transformam-nas em objetos da caridade e da filantropia. Nesta forma de tratamento, as pessoas com deficiência quase sempre são concebidas como doentes ou, enquanto seres, eternamente infantis. Ainda existem aqueles que procuram atribuir uma razão baseada no misticismo e no preconceito para a existência de pessoas com deficiência, prática esta recorrente dentre as diversas culturas.

Via de regra, não se percebe que as pessoas com deficiência também compõem a totalidade social e, desta forma, vivenciam as contradições que são produzidas historicamente. Ainda, quase sempre, reduzem as causas das dificuldades enfrentadas por essas pessoas a suas características pessoais, desresponsabilizando as barreiras sociais e, com isto, naturalizam a segregação de que são vítimas, auxiliando a reforçar a consciência social para as práticas de caridade e de filantropia.

A superação a essa situação exige um rompimento com paradigmas excludentes produzidos ao longo da história e que, ainda hoje, têm fundamentado a práxis do homem atual em relação a este segmento social. A história da humanidade sempre foi marcada pela segregação e exclusão econômica, política, social e cultural das pessoas com deficiência, afetando, principalmente, aquelas pertencentes às classes exploradas, ou seja, as mais pobres. Ao se buscar analisar as condições de existência das pessoas com deficiência ao longo da história, podem ser encontrados diferentes modelos de tratamento e compreensão destinados a este segmento social. As principais formas de tratamento podem ser resumidas nos modelos do extermínio ou abandono, da institucionalização, da integração e da inclusão.

Para alcançar os objetivos propostos nesta investigação é necessário orientar este estudo a partir de uma hermenêutica bíblica, pois considera-se de grande importância articular narrativa bíblica-ética-hermenêutica às transformações mais amplas que vêm ocorrendo na sociedade, buscando captar então os nexos entre as mudanças na vida social e o texto bíblico, assim como também as suas construções simbólicas.

Neste sentido, este texto traz inicialmente uma discussão sobre ética e de maneira específica a ética de Jesus, para em um segundo momento abordar a hermenêutica em um viés ético, pensando no diálogo da ética com a hermenêutica, assim como é narrado o diálogo entre Jesus e o *paralytikos*, na perspectiva de que

“a ética pressupõe que as escolhas morais não são simples questões de acaso; não são fortuitas e completamente imprevisíveis.”<sup>17</sup> Não possuindo um caráter casual, aleatório ou acidental ou até mesmo imprevisível, a ética se apresenta não só como algo a ser estudado, mas principalmente vivido, e ao se falar de vida, trata-se da Palavra de Deus, que numa perspectiva da ética de Jesus, segundo Gardner: “a convicção fundamental de Jesus e a afirmação basilar da fé cristã é que Deus é o criador.”<sup>18</sup> Jesus renuncia ao legalismo, portanto, à verdade, neste sentido pré-estabelecida.

Nesta perspectiva de renúncia às verdades pré-estabelecidas, e construção de conceitos que Minayo, afirma que esta análise “coloca a fala em seu contexto para entendê-la a partir de seu interior e no campo de especialidade histórica e totalizante em que é produzida.”<sup>19</sup> Além disso, o resultado e a produção de conhecimento são aproximações da realidade.

Conforme aponta Minayo, “o produto final de uma pesquisa é sempre provisório... é sempre um ponto de vista a respeito do objeto.”<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> GARDNER, E. Clinton. *Fé bíblica e ética social*. Tradução de Francisco Penha Alves, 2ª edição. São Paulo. Aste. Rio de Janeiro: JUERP. 1982. p. 21.

<sup>18</sup> GARDNER, 1982. p. 127.

<sup>19</sup> MINAYO, 1996. p. 231.

<sup>20</sup> MINAYO, 1996, p. 237-238.

## 1 A Ética de Jesus

*“Ao invés de tomar a palavra,  
gostaria de ser envolvido por ela  
e levado bem além de todo começo possível.”<sup>21</sup>*

*Michel Foucault*

Na sociedade atual, com frequência as discussões sobre ética se fazem presentes, principalmente em vistas da crise civilizatória que se tem vivido. Discute-se ética no campo da filosofia (“... a palavra grega ‘*philosophia*’ é um caminho sobre o qual estamos a caminho.”)<sup>22</sup> e da teologia (“... é uma ciência da vida... como um todo é uma ciência hermenêutica, o que certamente não quer dizer que ela unicamente faça uso de métodos hermenêuticos.”)<sup>23</sup>, da justiça (representadas pelas deusas gregas *Themís*<sup>24</sup> e *Dike*<sup>25</sup>) e do direito (“... se concretiza em um conjunto de regras – leis ou normas – que tem por objeto o comportamento inter-subjetivo, ou seja, o comportamento dos homens entre si.”)<sup>26</sup>, da política (“... técnica racionalmente otimizada do exercício do poder.”)<sup>27</sup> e da economia (“Ordem ou regularidade de uma totalidade qualquer, seja esta uma casa, uma cidade, um Estado ou o mundo.”)<sup>28</sup>, da ecologia (“... que não é receita de bolo. Ela representa coisas diferentes para cada classe social, pois a sua percepção está ligada às

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola. São Paulo – São Paulo. 1996.p. 05.

<sup>22</sup> HEIDEGGER, Martin. *Que é isso, a filosofia ?* Tradução de Enildo Stein. Petrópolis – Rio de Janeiro, Vozes. Livraria Duas Cidades. 2006. p. 17.

<sup>23</sup> KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo. Sinodal/EST. 2009. p.27.

<sup>24</sup> Depois de casar-se com *Métis*, a inteligência, *Zeus* casa-se com *Themís*, a justiça, que é irmã de *Métis*, pois ambas são filhas de *Urano* com *Gaia*, que ainda tem como irmãos, *Cronos* e *Reia*, que tem *Zeus* como filho ilustre. Ao casar-se com a segunda mulher, tão importante quanto a primeira no que se refere à conservação do poder no centro da nascente ordem cósmica, a justiça (*Themis*) é no fundo uma forma de se manter fiel à ordem cósmica, de se ajustar a ela, pois é sempre com a justiça que se acaba vencendo. FERRY, Luc. *A sabedoria dos mitos gregos. Aprendendo a viver II*. Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro – RJ. Objetiva. 2009. p.67-69.

<sup>25</sup> *Diké* é filha de *Zeus* com *Themís*, que quer dizer a justiça entendida no sentido de justa divisão das coisas. *Diké* é irmã de *Eunomia*, que significa “a boa lei”. A “justiça justa” e “a boa lei” são filhas de *Zeus* com a justiça (a ordem). FERRY, 2009. p.68-70.

<sup>26</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 2000. p. 278.

<sup>27</sup> VAZ, Henrique Cláudio Toledo de Lima. *Ética e Direito*. São Paulo – São Paulo. Edições Loyola. 2002. p.177.

<sup>28</sup> ABBAGNANO, 2000. p. 298.

*experiências sociais concretas.*)<sup>29</sup> e da religião (“... em sua essência mais universal é a interpretação do mundo no horizonte da idéia do incondicional... De maneira cultural-hermenêutica, a religião é descrita como ‘cultura da interpretação.’”)<sup>30</sup>. Essa sociedade em crise e em permanente transformação, regida pela razão em um modelo que podemos denominar de raciocentrismo<sup>31</sup>, levanta questões acerca de uma axiologia<sup>32</sup> fundamental do comportamento humano, como pode ser observado na grande quantidade de publicações cuja temática é a ética. Ao passo em que o desenvolvimento técnico-científico é percebido largamente na cotidianidade<sup>33</sup> da existência humana é preciso perguntar: Quais os princípios éticos orientadores da reflexão e ação humana? Percebe-se com alguma facilidade que a sociedade ocidental tem tido um extraordinário desenvolvimento tecnológico e científico, ao passo que no que se refere ao desenvolvimento humanístico tem sido de uma grande mediocridade em termos gerais.

### 1.1. Princípios e fundamentos

A ética ocidental assentada no raciocentrismo, que tem sua gênese no modelo socrático-platônico, está falida. Algo novo precisa tomar lugar nessa massa falida e sem esperança. Esse algo novo que se apresenta é a ética de Jesus e isto representa um paradoxo. Buscar a proposta ética de Jesus é fazer um mergulho na sua vida, no seu ambiente, nas suas relações, na sua fala e na sua ação, ou no que dizem que ele falou e principalmente o que os testemunhos de sua vida oferecem aos outros. Enfim, a vida de Jesus narrada nos evangelhos revela a sua ética.

<sup>29</sup> MINC, Carlos. *Ecologia e Cidadania*. São Paulo – São Paulo. Moderna. 1997. p.07.

<sup>30</sup> KÖRTNER, 2009. p.36.

<sup>31</sup> “Entendemos por raciocentrismo a singularidade do modo de ser do Ocidente, que posiciona a razão como norte de todo modo de ser do homem. O nascimento do raciocentrismo tem lugar e data marcados. Trata-se segundo Nietzsche (2003b, p. 78-96) e Heidegger (1978, p. 27-29), do momento em que surge o pensamento de Sócrates e Platão, na Grécia, no século V a.C.” CABRAL, Alexandre Marques. *Heidegger e a destruição da ética*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. Manual editora, 2009. p.21.

<sup>32</sup> ABBAGNANO, 2000. p. 101.

<sup>33</sup> **Nota do autor:** “É a junção de diferentes cotidianos; onde os mesmos são comandados pelo mercado, pelo marketing e pela publicidade, gerando o modernismo com sua prática tecnológica, pelos vários saberes envolvidos. Todos os cotidianos estão entrelaçados; agindo em função de uma realidade social, exercendo cada um a sua especificidade; como por exemplo: O professor tem um cotidiano, o teólogo tem outro cotidiano; o pastor segue outro cotidiano e assim sucessivamente; sendo que todos eles tem um canal de comunicação entre si. O cotidiano é a peça mutável e influenciável dentro do conjunto da vida cotidiana, sendo ele o responsável pelo andamento e direção dada as práticas sociais como um todo. Este cotidiano interfere sobre essas práticas, ditando o que deve ser utilizado com o intuito de atender as demandas da vida cotidiana. O conjunto dessas práticas no cotidiano pode ser compreendida como a cotidianidade.” Adaptado de: Disponível em <<http://www.slideshare.net/cotidiano/cotidiano-e-cotidianidade>> Acessado em 26/07/2011 às 20:45

Buscar a ética de Jesus é verdadeiramente trilhar o caminho que Ele propôs e o jeito todo especial que Ele chamou a todos a caminhar com ele, com coragem que “... é uma realidade ética, mas se enraíza em toda a extensão da existência humana e basicamente na estrutura do próprio ser. Deve ser considerada ontologicamente a fim de ser entendida eticamente.”<sup>34</sup>

Mazzarolo afirma que “... a ética grega não era a mesma que a ética do evangelho.”<sup>35</sup>, pois ao chegar a Corinto, Paulo se depara com a seguinte declaração popular, como consta em 1Cor 6.12a: “*Tudo me é permitido!*” Buscando trilhar o caminho ensinado pela ética de Jesus, Paulo diz: “*Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém. ‘Tudo me é permitido’<sup>36</sup>, mas não vou deixar que nada me escravize.*”<sup>37</sup>

É na sabedoria da vida que a ética tem o seu nascimento na Grécia antiga e Segundo Vaz:

A ética se origina, pois, do saber ético. Ela não é, em suma, senão o próprio saber ético de determinada tradição cultural que, numa conjuntura de crise do ethos, recebe uma nova expressão tida como capaz de conferir-lhe uma nova e mais eficaz força de persuasão, no momento em que suas expressões tradicionais, a religião e a sabedoria da vida, perdiam pouco a pouco a credibilidade. Essa nova expressão adotará uma nova forma de linguagem, a linguagem do logos demonstrativo ou da ciência, que se impunha como novo e triunfante referencial simbólico em função do qual pouco a pouco se reorganizava o mundo da cultura. O nascimento da Ética insere-se, portanto, nesse grande movimento de transformação da cultura grega nos séculos V e VI (sic) que antecipa, de alguma maneira, o destino ocidental.<sup>38</sup>

Para tratar da Ética de e em Jesus é de suma importância que se parta do princípio que a sua mensagem é universal e, portanto se faz mister realizar a sua tradução numa linguagem que também sendo universal possa alcançar a todos

<sup>34</sup> TILLICH, Paul. *A Coragem de ser*. Tradução de Eglê Malheiros. 3ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976. p.01.

<sup>35</sup> MAZZAROLO, Isidoro. *A ética e a diaconia da eucaristia*. In: Exigências éticas na Bíblia. Petrópolis. Vozes. 2003. P. 55 (Estudos Bíblicos 77).

<sup>36</sup> “Paulo está provavelmente falando de alguns da congregação de Corinto que se jactavam do direito de fazer tudo que quisessem. O apóstolo contrapõe-se, observando que essa ‘liberdade’ de ação talvez não seja benéfica para o cristão, “... não deixarei que nada me domine.” A pessoa pode ficar escravizada às ações de que participa livremente... A liberdade pessoal e o desejo de fazer valer direitos próprios não são as únicas preocupações da vida. É necessário levar em conta também o bem alheio.” **Bíblia de Estudo NVI** – Nova Versão Internacional / Organizador Geral Kennet Barker; Co-organizadores Donald Burdick... (et al.). São Paulo. Editora Vida. 2003. Notas de rodapé 6.12 e 10.23 nas páginas 1961 e 1968

<sup>37</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. 1 Cor 6.12.

<sup>38</sup> VAZ, Henrique Cláudio Toledo de Lima. *Escritos de filosofia*. São Paulo. Loyola. 1999. V.04. Introdução à ética filosófica, t.1. p.57.

indistintamente, provocando uma clarificação em um mundo formado por um grande número de pessoas que se relacionam de forma cada vez menor com o sagrado. Em outro sentido, a própria teologia precisa passar por uma transformação de postura tanto de seus fundamentos, de seu pensar e agir ético, como também de veiculação da mensagem bíblica. Neste sentido, além de se trabalhar com o amor a sabedoria, trabalhar-se-ia também com a sabedoria do amor. Sobre essa mensagem, pretensamente universal é preciso abordar o que chama atenção o filósofo Raul Fornet-Betancourt, ao ser citado por Noé: “... *no hay universal ni hay particular, hay universos; hay una pluralidad de universos. Y que em esa pluralidad de universos tenemos una pluralidad de razones.*”<sup>39</sup>

Inicialmente, é feita aqui uma visita conceitual à ética e à moral. O primeiro problema encontrado é o relativo às fontes, pois cada autor focaliza o tema segundo a ideologia<sup>40</sup> vigente e seus próprios valores<sup>41</sup> e, também, sua convicção religiosa. Não foi tarefa das mais fáceis, pois, até aqueles que se declaram neutros carregam, um alto grau de preconceitos, apesar de alguns confessarem uma neutralidade, que evidentemente não existe. Além disso, todo conceito é um conceito construído a partir da vida, assim como:

... toda ciência é uma ciência e a vida é sempre muito mais antiga do que qualquer ciência. Como toda ciência, também as ciências da vida vêm depois e a reboque de uma determinada interpretação da

---

<sup>39</sup> **Tradução do autor:** “Não há universal, nem há particular; existem uma pluralidade de universos. Nessa pluralidade de universos temos uma pluralidade de razões.” FORNET-BETANCOURT *apud* OVIEDO, 2005 *apud* NOÉ, Sidnei Vimar. *Multi e interculturalidade na América latina*. Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. Hugo N. Santos (editor). São Paulo. ASTE. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. CETELA. 2008. p. 72.

<sup>40</sup> Segundo Paulo Freire ideologia é: “(...) *imobilizante; anima o discurso neoliberal; tem ares de pós-modernidade; insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar quase natural; expressa uma indiscutível vontade mobilizadora; nos nega e amesquinha como gente.*” FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro.: Paz e Terra. 1996. p.21-22.

<sup>41</sup> “Literalmente, em seu sentido original, ‘valor’ significa coragem, bravura, o caráter do homem, daí por extensão significar aquilo que dá a algo um caráter positivo (...) Do ponto de vista ético, os valores são os fundamentos da moral das normas e regras que prescrevem a conduta correta. No entanto, a própria definição desses valores varia em diferentes doutrinas filosóficas. Para algumas concepções, é um valor tudo aquilo que traz a felicidade do homem. Mas trata-se igualmente de uma noção difícil de se caracterizar e sujeita a divergências quanto à sua definição. Alguns filósofos consideram também que os valores se caracterizam por relação aos fins que se pretendem obter, a partir dos quais algo se define como bom ou mau. Outros defendem a ideia de que algo é um valor em si mesmo. Discute-se assim se outros valores podem ser definidos intrínseca ou extrinsecamente. Há ainda várias outras questões envolvidas na discussão filosófica sobre os valores, p. ex., se os valores são relativos ou absolutos, se não inerentes à natureza ou humana ou se são adquiridos etc.” JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário Básico de Filosofia*. Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 3ª edição revisa e ampliada. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1996.

vida, que só se obtém com a experiência comunitária de um pensamento radical.<sup>42</sup>

Ao começar pelo dicionário<sup>43</sup> são encontradas as seguintes definições de ética:

[gr. *ethiké*.] Substantivo feminino. 1. Filo. Estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente a determinada sociedade, seja de modo absoluto.<sup>44</sup>

(...) a parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especialmente a respeito da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social.<sup>45</sup>

Percebe-se que, mesmo enumerando outras tantas definições de variadas fontes, elas enfocam com algumas variações os mesmos aspectos: a conduta ou o comportamento humano, os valores, as ações humanas, quase todas abordando, também, as várias formas de maniqueísmo: bem e mal, bom e mau, certo e errado, justo e injusto, verdade e mentira, céu e inferno etc.

Verifica-se aqui, que não se pode escapar das fortes ligações entre ética e moral, pois praticamente são duas faces da mesma moeda: o comportamento humano, individual ou socialmente falando, deve ser norteado por princípios discutidos eticamente e por normas morais, algumas delas transformadas em jurídicas, para que haja disciplina nas relações humanas. Contribuindo com essas afirmações, Silva Telles Jr. afirma:

(...) as normas da ação humana, por serem éticas, isto é, por serem normas da ordem ética, da ordem dos valores, da ordem da cultura, as normas éticas são chamadas, comumente, normas morais. Tomo aqui a palavra moral numa ampla concepção, abrangendo todas as normas

<sup>42</sup> LEÃO, Emanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Vol 02. 2ª edição. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 2000. p. 132.

<sup>43</sup> “Sabemos, entretanto, que nem sempre os dicionários nos entregam as explicações mais completas sobre o sentido de uma palavra... Além disso, em geral, não nos fornecem a evolução dos significados de uma palavra nos diferentes contextos em que é empregada.” GEBARA, Ivone. *O que é Teologia*. São Paulo. Brasiliense. Coleção Primeiros Passos: 317. p.07.

<sup>44</sup> Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Corresponde à 3ª edição, 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI. 2004 by Regis Ltda.

<sup>45</sup> Dicionário Houaiss.

da ação humana, das quais as normas de Direito constituem uma espécie (...).<sup>46</sup>

Assim, não se pode pensar em ética sem abordar a moral, que com poucas diferenças tem sido definida como um conjunto sistemático das normas que orientem para a realização de seu fim. Entretanto, este fim não se confunde com o simples objetivo: determinado alvo que este ser humano<sup>47</sup> se propõe a conquistar pelos seus esforços, ou por toda sua vida, como o conforto, o prazer, as honras, o poder político etc., mas é uma destinação imanente a cada ser, mesmo independente de sua vontade; logo, fim é a razão de ser de uma existência e o seu sentido mais profundo. Acerca disso, Codina diz:

Aristóteles afirma na *Ética a Nicômaco* que o sumo bem, como fim, somente pode ser atingido por uma atividade virtuosa da alma, atividade que nos é necessariamente propiciar o bem agir, o que nos conduz ao viver. A atividade virtuosa tem duas vertentes: a intelectual, que se adquire pelo ensino, e a moral, que se obtém pelo hábito. Assim, virtudes como a justiça, a coragem, a temperança, a prudência etc. devem ser cultivadas no exercício da vivência ética. O exercício dessas virtudes configura um quadro extremamente complexo na medida em que os seres humanos são movidos por paixões que ofuscam ou impedem a deliberação moral.<sup>48</sup>

Reflexões, inspiradas no trecho acima, podem contribuir para entendermos melhor as afirmações de Aristóteles: o homem só encontra a felicidade praticando aquelas virtudes e usando a razão, e também a justiça e a injustiça surgem a partir da prática de nossas relações sociais. Sobre isso afirma o Jesus mateano: *“Façam aos outros o que querem que eles façam a vocês; pois isso é o que querem dizer a Lei de Moisés e os ensinamentos dos profetas.”*<sup>49</sup>

A ética, como ciência que estuda a finalidade do bom comportamento dos seres humanos, deve avaliar os meios a serem aplicados para que a citada conduta

<sup>46</sup> TELLES Jr., Godofredo da Silva. *Introdução à Ciência do Direito*. São Paulo. Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP, 1953. p. 87.

<sup>47</sup> “O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos.” MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Unesco. Editora Cortez, 1999, 9ª edição. p. 15.

<sup>48</sup> CODINA, Graciela Deri de. *A questão da ensinabilidade das virtudes na formação do educador: uma problematização*. In: Anais do VIII Simpósio de Educação e LV Encontro de Pedagogia Mackenzie, 1999. São Paulo. p.08.

<sup>49</sup> *Bíblia de Estudo NTLH*. 2005. Mt 7.12

se reverta sempre em favor do ser humano. É preciso notar que o humano é um advérbio junto ao verbo, como lembra Mestre Eckhart:

Como uma estrela da manhã no meio da névoa. Dirijo a mira dos meus olhos para a palavrinha latina *quasi*, que significa “como”; as crianças na escola chamam-na de “advérbio”.(...) O que mais próximo se pode anunciar de Deus é “Verbo” e “Verdade”. Deus chamou a si mesmo de um “Verbo”. São João falou: “No princípio era o verbo” (Jo1.1) e com isso ele <ao mesmo tempo> sugeriu que nós devemos ser um “advérbio” junto a esse “Verbo. É como Vênus, a ‘estrela livre’, segundo a qual se nomeou a “sexta-feira”. E Vênus possui muitos nomes. Quando ela aparece antes do alvorecer e nasce antes do sol, chama-se “estrela da manhã”; mas quando ela segue o sol, de modo que o sol se põe antes dela, chama-se então “estrela da tarde”; às vezes segue seu curso acima do sol, às vezes abaixo dele. Mais que todas as estrelas, ela está sempre igualmente próxima do sol; ela nunca está mais distante ou mais próxima do sol, nem mais nem menos, e com isso mostra que um homem que quer chegar ali deve ser sempre próximo e em presença de Deus, de modo que nada pode distanciá-lo de Deus, nem felicidade, nem infelicidade, nem criatura alguma.<sup>50</sup>

O que ocorreu ao longo do tempo foi um processo de substantivação. Entretanto, que o ser humano possa entender/compreender/saber e assumir que ele é essencialmente esse “advérbio” junto ao “Verbo”. Mas, como fazer isso? Entendendo que o ser humano “... é um mistério, reflexo do próprio mistério de Deus. E este mistério só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado.”<sup>51</sup>, realiza-se o movimento de acompanhamento do Verbo, possibilitando assim o desvelar desse mistério, no entanto, “... o conhecimento pleno daquilo que o ser humano é, só se dará na plenitude, ou seja, na comunhão absoluta com Deus, pois Ele – Mistério dos mistérios – revelará a verdadeira natureza e imagem do ser humano.”<sup>52</sup> Parafraseando Paulo na sua Primeira Carta aos Coríntios: na atualidade meu conhecimento é apenas limitado, mas num futuro, que sempre está vindo, poderei conhecer cada vez mais como sou conhecido, ou seja, a cada dia serei capaz de me conhecer como verdadeiramente ou aproximadamente sou conhecido.<sup>53</sup> Numa perspectiva ética Leone ao fazer uma abordagem a partir de

<sup>50</sup> ECKHART, Meister. *Sermões Alemães: sermões 1 a 60* / Mestre Eckhart; tradução e introdução de Enio Paulo Giachini; revisão de tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback; apresentação de Emmanuel Carneiro Leão. Bragança paulista: editora Universitária São Francisco; Petrópolis: vozes. 2006.p.87-88.

<sup>51</sup> KOCH, Cleber Eduardo. “*Agora vemos em espelho... mas depois veremos face a face (1 Cor 13.12)*.” Teologia em Questão. Palavra & hermenêutica. Faculdade Dehoniana. Taubaté – São Paulo. 2005.p.77.

<sup>52</sup> KOCH, 2005.p.77-78.

<sup>53</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. 1Cor 13.12b.

Levinás afirma que “... a ética não é o corolário<sup>54</sup> da visão de Deus, é a visão de Deus, pois a ética é uma óptica.”<sup>55</sup> É importante, pois, que o ser humano seja e torne-se o coração da observação em harmonia com o meio em que está imerso. Aqui tem-se, pois, a ética cuidando das formas ideais da ação humana na busca da essência do ser, procurando conexões entre o material e o espiritual, sem haver dicotomia, procurando os modelos de conduta adequados, que são os objetivos dos seres humanos. Assim, o que a ética estuda é a proposta de ação que, liderada pela razão, é observável e variável, representando e concretizando a conduta humana. Neste trilho, Valls assim afirma sobre ética:

É entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos. A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento.<sup>56</sup>

Na perícope em estudo, Mateus 9.2-8, realiza-se uma reflexão teológica, entendendo esta que “... como forma de reflexão da fé cristã também é essencialmente interpretação de texto (...) Nesse sentido, a teologia é, em seu todo, um processo interpretativo.”<sup>57</sup>, que leva em conta a vida, tanto numa perspectiva prática como teórica, tendo em vista que a ética, a partir das narrativas sobre Jesus nos evangelhos, inexistente qualquer tipo de separação. Ao prosseguir a reflexão chega-se à moral, e encontra-se, também em dicionários o seguinte:

(...) conjunto de valores como a honestidade, a bondade, a virtude etc., considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta dos homens.<sup>58</sup>

(...) conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo ou lugar, quer para grupo ou pessoa determinada.<sup>59</sup>

Ao perceber a partir do padrão dicionário o que é moral, vê-se que Chauí, ao estabelecer a diferença entre ética e moral, faz uma interessante e oportuna observação:

<sup>54</sup> “Proposição que se deriva imediatamente de uma outra por via puramente lógica, sendo sinônimo de consequência.” JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário Básico de Filosofia*. Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 3ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1996. p.56.

<sup>55</sup> LEONE, Alexandre. *Mística e razão: dialética do pensamento judaico*. São Paulo. Perspectiva. 2011.p.75.

<sup>56</sup> VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense. São Paulo-SP. 2008. p.07.

<sup>57</sup> KÖRTNER, 2009. p.29.

<sup>58</sup> Dicionário Houaiss

A ética é uma reflexão antropológica que conduz necessariamente a uma indagação sobre o sentido do homem, enquanto que a moral, uma reflexão comportamental, explicita as normas que devem pautar a ação humana para realizar o sentido do homem revelado pela ética na sua dimensão antropológica.<sup>60</sup>

Para Chauí então a ética é uma reflexão antropológica sobre o sentido do homem e a moral é uma reflexão comportamental que explicita normas da ação humana. Vai ser Ávila, ao flertar um pouco com a poesia e a religião (“... *uma forma específica pela qual as pessoas interpretam as suas vidas.*”<sup>61</sup>), que faz a seguinte observação:

A ética, parte da filosofia que estuda os deveres do homem para com Deus e a sociedade, vem do *ethos*, termo grego que significa o conjunto de condutas morais pelas quais o grupo humano, mesmo antes de qualquer prescrição cotidiana, busca padrões de viver e conviver que lhes garantam sua preservação e desenvolvimento, de maneira a atingir o nível possível de felicidade, numa vivência sensata. Ética é a reflexão racional sobre os *ethos*, e se distingue da moral, que é uma ciência normativa.<sup>62</sup>

Partindo dessa afirmação, percebe-se que a ética não somente pergunta pelo que é, mas vai além, perguntando não só pelo que deve ser, como também questiona, levantando o porquê é correto fazer perguntas éticas e errado evitá-las. Neste sentido é Levinás que sacode as estruturas ao afirmar:

Nós chamamos ética uma relação entre termos onde um e outro não estão unidos nem por uma síntese de entendimento, nem por uma relação de sujeito e objeto e onde, no entanto, um pesa ou importa ou é significativa em relação ao outro, onde estão ligados por uma intriga que o saber não podia esgotar nem desdobrar.<sup>63</sup>

Pensando a partir de e com Levinás, afirma-se hermeneuticamente que a ética possui, não somente uma relação de alteridade e interioridade, mas principalmente, uma relação de anterioridade em relação à ontologia. Ao fazer todo esse movimento, tendo visto o que é ética e comparando com moral, Nietzsche é lembrado ao afirmar

---

<sup>59</sup> Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2004.

<sup>60</sup> CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo. Editora Ática. 2003.p.310.

<sup>61</sup> KORTNER, 2009. p.37.

<sup>62</sup> ÁVILA, F. B. de. *Folhas de Outono: ética e valores*. São Paulo: Loyola, 2001. p.45.

<sup>63</sup> LEVINÁS *apud* BUCKS. RENÉ. *A Bíblia e a Ética: A relação entre a filosofia e a sagrada escritura na obra de Emanuel Levinas*. Edições Loyola. São Paulo – São Paulo. 1997. p. 101

que “A moral não passa de uma interpretação – ou mais exatamente de uma falsa interpretação – de certos fenômenos.”<sup>64</sup>

Nietzsche faz essa afirmação, ao muito provavelmente trabalhar com a ideia de que a ética (e a moral) é posterior à vida e, portanto, uma construção humana. Em sendo dessa forma é uma interpretação da vida. O que se chama atenção então é que não é “a” interpretação da vida, mas, apenas mais uma interpretação da vida e isto é o que Nietzsche considera que é uma falsa interpretação. Sendo desta forma:

A luta desenfreada pela busca de um revigoramento da racionalidade como fonte de todo e qualquer pensamento ético, hoje, não é sintoma do imperialismo da razão, mas de sua decadência. Se estamos em busca de um novo pensamento ético, é porque já saímos daquele horizonte racional desde o qual ele emerge.<sup>65</sup>

Mundo grego clássico e mundo hebraico antigo estão dispostos aqui. O primeiro, o berço da racionalidade e da ética racionocêntrica, que apresenta sinais de decadência. O segundo, manjedoura do Cristo, que apresenta a Palavra de Deus. Ambos estão na matriz da civilização ocidental, no entanto, enquanto que o primeiro é declinante, o segundo é ascendente, enquanto perspectiva de um compromisso ético, pois a ética baseada na racionalidade exclui a não-racionalidade ou o mistério de sua fala e de sua ação. Já a ética advinda da palavra divina, tem como centro não a racionalidade, mas a não-racionalidade, onde não se exclui a razão e tampouco se propõe submeter uma a outra. A perspectiva oriunda daqui tem como centro o mistério, onde fé e razão estão em diálogo permanente, trafegando num universo onde o falar e o agir acontecem sem dicotomia, mas sim em comunhão. Deve-se entender que esses dois mundos não se excluem ou se anulam, ao se tratar de um, remete-se imediatamente ao outro. Jesus, onde a Palavra humana e a Palavra de Deus se fazem únicas, faz a fusão, propondo o Projeto ético do Reino de Deus, que não é expressão de racionalidade, mas sim de não-racionalidade, manifestada na forma de mistério na loucura da cruz.

---

<sup>64</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com martelos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2006. p.67.

## 1.2. Uma civilização: dois livros

Dois grandes conjuntos de livros estão na base da fundação da civilização ocidental. O primeiro deles é vinculado às narrativas míticas gregas clássicas e o outro às narrativas míticas judaico-cristãs. Mas o que é uma narrativa mítica?

O que o mito narra é um transacontecimento que tem a função de ser modelo exemplar de acontecimentos históricos. Assim entendido o mito, é necessário inverter o sentido de visualização anterior: o histórico no mito não é o acontecimento exemplar (que é imaginário), mas a realidade humana que ele quer interpretar na forma de uma conexão com o mundo transcendente dos deuses. Tal realidade histórica está ‘refletida’ no relato mítico; está ali como em um negativo de fotografia.<sup>66</sup>

Nesse “negativo em fotografia” tem-se, no primeiro desses conjuntos a Odisséia como um ponto marcante desse conjunto literário. A Odisséia narra um retorno para casa, uma volta ao lar, uma busca interior, um retorno às origens. O segundo conjunto citado, a Bíblia, tem na sua primeira parte, que denominamos de texto vetero-testamentário o Êxodo como ponto marcante. Êxodo tem origem no grego *exodus*, que quer dizer saída. Neste livro tem-se a narrativa da saída do povo hebreu do Egito em direção à “Terra prometida”, sendo conduzidos por Moisés. Segundo Cortella, em inglês, a palavra *exit*, possivelmente tem origem no grego *exodus*. Além de “saída”, *exit* significa “sucesso”, que em português é “êxito.”<sup>67</sup> O êxodo é um movimento para fora, é uma ida ao distante, é uma busca do outro, é uma viagem ao exterior, uma busca ao estrangeiro. Buscar o estrangeiro é lançar-se ao mar, no caso do Êxodo o “deserto”, para então ao sabor do vento favorável – “*e não há vento favorável para quem não sabe onde quer chegar*” (Sêneca) – deixar o porto, encarar o oceano ou deserto (que simbolicamente são as forças do inconsciente, do mistério ou da própria vida) e não ter medo de mudar, para ao rescindir com esse sentimento, deixar irromper o novo e seguir o poeta quando ele diz: “... *deixa a vida me levar, vida leva eu...*”<sup>68</sup>. Para realizar isso, é preciso mudar a mentalidade, passando para uma mentalidade humilde. Continuando e indo além,

<sup>65</sup> CABRAL, 2009. p. 25.

<sup>66</sup> CROATTO, J. Severino. *A Deusa Aserá no Antigo Israel – a contribuição epigráfica da arqueologia*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana. Petrópolis. Vozes. São Leopoldo. Sinodal. Nº 35/36. 2001. p.33-34.

<sup>67</sup> CORTELLA, Mario Sérgio. *Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 10ª edição. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes. 2010. p.47.

<sup>68</sup> CAIS, Eri do e MERETI. *Deixa a vida me levar*. IN: PAGODINHO, Zeca. **Deixa a vida me levar**. Gravadora Universal, 2002. 3ª faixa.

enquanto a Odisséia não é proclamação<sup>69</sup>, o Êxodo é querigma. É Paul Ricoeur que ao tratar sobre a narrativa faz a seguinte consideração:

Enquanto a historiografia grega de Heródoto ou Tucídides aplica-se em distinguir as forças naturais e divinas, a fim de chegar a estabelecer as causas e as responsabilidades humanas no desenrolar dos fatos históricos, os escritores hebraicos relêem a história dos povos à luz de suas relações com Deus.<sup>70</sup>

São percepções diferentes da história (gregos e hebreus) e aqui se pensa com os óculos da modernidade, pois a filosofia, e como tal “... é de fato uma necessidade histórica com a qual e sem a qual tudo permanece tal qual. Com ela como sem ela...”<sup>71</sup>, mas ao ser atravessado por ela, nada será como o mesmo. Tendo sido Kant quem construiu a idéia de que o mundo tem sentido pela linguagem, agindo como se essa linguagem por si mesma fosse portadora de sentido, afirma-se: “A linguagem é querigma: proclama sentido.”<sup>72</sup>

Que ética, de uma forma geral, se vincula a cada um desses conjuntos de textos? Intuitivamente é possível afirmar que enquanto o Êxodo tem seus vínculos estabelecidos com a ética teleológica<sup>73</sup>, a Odisséia tem ligações com a ética deontológica<sup>74</sup>. Qual a diferença entre elas?

A diferença básica entre a ética teleológica e a deontológica pode ser explicada pelo significado das raízes das palavras. A teleologia vem da palavra grega *telos*, que significa "fim" ou "propósito." A deontologia vem da palavra grega *deon*, que significa aquilo que é devido. Na aplicação à ética, portanto, uma abordagem teleológica é aquela que ressalta o fim ou o resultado da ação, e uma abordagem deontológica depende de regras básicas mediante as quais se pode determinar o que é devido em qualquer caso específico, independentemente dos resultados. Ou seja, a primeira é uma ética pragmática ou utilitária, que se ocupa de como uma ação funcionará, afinal, para o bem da maioria dos homens. A segunda é uma ética de princípios, que se ocupa com o dever da pessoa de fazer aquilo que é

<sup>69</sup> “Proclamar é anunciar em público e de viva voz. É também o ato de fazer-se aclamar como porta-voz de alguma mensagem especial; é o chamar a atenção para algo cujo teor ultrapassa as ocupações ordinárias, mas dá a elas sua orientação.” HEBECHE, Luiz. *O escândalo de Cristo: ensaio sobre Heidegger e São Paulo*. Ijuí. Unijuí. 2005. p. 56.

<sup>70</sup> RICOEUR, Paul. *A hermenêutica Bíblica*. Tradução: Paulo Menezes. Edições Loyola. São Paulo - São Paulo. 2000.p. 43.

<sup>71</sup> LEÃO, 2000. p. 176.

<sup>72</sup> BUCKS, 1997.p. 148.

<sup>73</sup> ABBAGNANO, 2000. p. 943

inerentemente correto à parte das consequências que se possa prever. Noutras palavras, a ética teleológica ocupa-se com o bem extrínseco dos atos, na medida em que produzem o bem ou o mal. A ética deontológica, do outro lado, procura um bem intrínseco no ato propriamente dito, independentemente do alegado bem ou mal que porventura produza. A primeira ocupa-se com o dever por amor aos bons resultados; a última, com o dever por amor ao dever. Não se quer dizer, naturalmente, que a ética do dever não se preocupa com os resultados. Realmente, os deontologistas podem acreditar que cumprir o dever pode trazer o maior bem afinal das contas. Esta, no entanto, não é a razão para alguém cumprir seu dever (isto é, porque trará o bem maior); pelo contrário, cumpre seu dever porque é intrinsecamente bom fazer aquilo que a pessoa deve fazer. Não segue uma regra primariamente porque trará o bem, mas, sim, porque é bom fazer assim.

Isto não significa, do outro lado, que a ética utilitária não se ocupa com regras. É dizer que há uma diferença radical na teoria, e que a abordagem teleológica baseia o bem das ações humanas somente na sua utilidade em geral. A ética deontológica baseia o bem das ações humanas no valor intrínseco de seguir certas normas ou regras porque estas ações são intrinsecamente certas. Os "utilitários das regras" sustentam que algumas regras nunca devem ser quebradas, ainda que haja exceções individuais legítimas, simplesmente porque observar regras (mesmo nos casos excepcionais) leva a efeito um bem maior do que a quebra das regras. Mas estas regras que nunca devem ser quebradas não são qualificadas como normas universais, visto que não são normas do dever que dizem respeito ao valor intrínseco, nem são realmente universais. Sua "universalidade" é justificada somente por um apelo aos resultados. Destarte, realmente não são universais. Há algumas exceções, como no caso de duas regras em conflito.

### **1.3. Uma civilização: dois livros e uma fusão**

É necessário voltar, pois à Odisséia e ao Êxodo, tendo como ponto de partida a narrativa do encontro de Jesus com Nicodemos (que em grego significa “Conquistador do povo”<sup>75</sup>) no Evangelho de João:

---

<sup>74</sup> ABBAGNANO, 2000. p. 241

<sup>75</sup> LINHARES, Jorge. *Os nomes bíblicos e seus significados*. Editora Getsêmani. Belo Horizonte – Minas Gerais. 9ª edição. 2004. p.94.

Havia um fariseu chamado Nicodemos, que era líder dos judeus. Uma noite ele foi visitar Jesus e disse: - Rabi, nós sabemos que o senhor é um mestre que Deus enviou, pois ninguém pode fazer esses milagres se Deus não estiver com ele. Jesus respondeu: - Eu afirmo ao senhor que isto é verdade: ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo.<sup>76</sup>

Tem-se no “nascer de novo” dois movimentos. O primeiro é o movimento da Odisséia, que é voltar para dentro de si mesmo, uma interiorização, uma volta para casa, para então, depois de ter voltado ao seu próprio útero, ao próprio “eu”, agora re-nascer, sair, realizar o “Êxodo” e com humildade<sup>77</sup> proclamar o ser humano à humanidade. Este é o pensar e agir ético de Jesus, pois:

Segundo o princípio pedagógico básico da tradição socrática, o mestre tem de representar de maneira convincente em sua própria pessoa o conteúdo de sua mensagem. As narrativas de milagres apresentam essa unidade entre mensagem e mensageiro.<sup>78</sup>

Essa síntese (unidade) entre mensagem e mensageiro é percebida no agir milagroso de Jesus, pois seus milagres têm um nexo existencial com sua pregação, assim como é percebido na perícopre de Mateus 9.2-8. Ação e pregação de Jesus no Evangelho de Mateus e em particular na perícopre em estudo formam uma unidade intrínseca, de modo que não considerar o milagre significa realizar uma espécie de mutilação da proclamação de Jesus, pois não somente o milagre tem algo a ver com um mensageiro de Deus, como também “... *apontam para além do mensageiro e sua mensagem.*”<sup>79</sup> Ao fazer essa afirmação, entende-se que Jesus é uma “voz”, uma mensagem e mensageiro, que não deixou nada escrito (pelo menos que se tenha conhecimento), portanto, não foi um escriba, em sentido lato, metafórico ou contextual em relação ao seu tempo de vida. Jesus é um arauto, o portador das boas novas, sendo Ele as próprias boas novas.

A partir desse pensar e agir de Jesus, que são de uma essência ética, Leonardo Boff propõe uma Ética do Cuidado, a qual vincula cuidado à responsabilidade. Para ele, as intervenções humanas na realidade requerem o

<sup>76</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. João 3.1-3.

<sup>77</sup> “Que tem sua origem no latim ‘... *húmus, que é terra fértil e na origem, significa chão. A palavra ‘humildade’ é a mesma da origem húmus, da qual deriva a palavra humano.*” SILVA, Deonísio da. **De Onde Vêm as Palavras.** São Paulo – SP. A Girafa Editora, 2004, p.433.

<sup>78</sup> BERGER, Klaus. **Heremênutica do Novo Testamento.** Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Sinodal. 1999.p.344.

<sup>79</sup> BERGER, Klaus. **É possível acreditar em milagres?** Tradução: Luis Henrique Dreher. São Paulo – São Paulo. Paulinas. 2004. p.46.

cuidado e a responsabilidade coletiva. Jesus é o portador da Palavra, sendo Ele a própria Palavra, pois encarnou a Palavra. Esta Palavra que é Palavra de Deus é cuidado.

A ética do cuidado protege, potencia, preserva, cura e previne. É o cuidado que confere força para buscar a paz no meio dos conflitos de toda ordem. Sem o cuidado que resgata a dignidade da humanidade condenada à exclusão, não se inaugurará um novo paradigma de convivência.<sup>80</sup>

Assim, a ética do cuidado se responsabiliza por todas as ações humanas, sendo “... *entendida a partir da compreensão de que cuidar do outro não é uma atividade comum. Antes de tudo, é algo essencial e vital para a manutenção da vida e da existência humana.*”<sup>81</sup> Neste sentido a ética do cuidado demonstra a humanidade, a humildade e o *húmus* de Jesus e o que deveria ser a humanidade do ser humano. A prática das suas diferentes ações na cotidianidade reafirma as marcas do processo de humanização. Portanto, cuidado e responsabilidade andam de mãos dadas. A intenção nesse instante é fazer uma ligação estreita entre ética teleológica e deontológica; do cuidado e da responsabilidade; a Odisséia e o Êxodo. A ética deontológica, que é Odisséia, está na esfera da responsabilidade. Já a ética teleológica, que é Êxodo, está na esfera do cuidado.

No que tange à responsabilidade, uma possibilidade que interessa em estudá-la acontece no campo ético, onde se pode fazer isso a partir das ações do ser humano como conseqüência de seus limites e liberdade<sup>82</sup>. É numa atitude de responsabilidade ética que a liberdade individual encontra sua concretude. Ela aponta como algo interligado às necessidades e ocupações humanas. Sem ela o ser humano sente-se descompromissado com o lugar em que cada um se encontra para a construção de uma sociedade mais justa e humana. É na palavra de Tillich que se entende como a responsabilidade está implícita na decisão de se responder por seus atos, como parte de sua liberdade:

Responsabilidade designa a obrigação da pessoa com liberdade de responder se lhe perguntam sobre suas decisões. Ela não pode pedir

<sup>80</sup> Disponível em < <http://www.cdvh.org.br/oktiva.net/1029/nota/156769/> > Acessado em < 16/07/2011 às 16:15 >.

<sup>81</sup> SILVA, Marta N. da. *Cuidados em movimento: A ética do cuidado e a escuta sensível como fundamento do cuidado do outro*. Espiritualidade e saúde: da cura d’almas ao cuidado integral. Organizado por Sidney Vilmar Noé. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Sinodal. 2004.p. 24.

<sup>82</sup> AZPITARTE, Eduardo Lopes. *Fundamentação da ética cristã*. São Paulo. Paulus, 1995. p. 357

a alguém outro que responda por ela. Só ela deve responder, pois seus atos não são determinados por algo fora dela nem por uma parte dela, mas pela totalidade centrada no ser. Cada um de nós é responsável por aquilo que aconteceu por ação do centro de seu eu, sede e órgão de sua liberdade<sup>83</sup>.

A responsabilidade proposta por Bonhoeffer está ligada ao bem próprio, e relacionada ao mesmo tempo com pessoas, coisas, instituições, poderes, isto é, em meio à existência do ser humano. Todas essas representações a qual a responsabilidade se baseia, faz do ser humano um ser incluso e não isolado. Não há como viver sozinho:

Qualquer tentativa de viver como se sozinho estivesse, é uma negação do caráter fatural da sua responsabilidade. Não há como escapar da responsabilidade dada com sua paternidade. É nesse fato que desmorona a ficção que considera o individuo isolado o sujeito de todo comportamento ético. O sujeito para o qual toda reflexão ética deve dirigir-se não é ele, mas o responsável. Não importa por quantos se assume responsabilidade, se por uma pessoa, por uma comunidade ou por grupos de comunidades. Auto-responsabilidade é, na verdade responsabilidade frente ao ser humano, e isto quer dizer frente à humanidade<sup>84</sup>.

A responsabilidade está relacionada com a “auto-afirmação” da própria vida e do semelhante. Onde a ação divina se faz presente na ação e atitudes do ser humano. O bem estar de um grupo, uma comunidade, está interligado no compromisso com o próximo e com Deus através do Cristo. É nesse sentido que faz jus as palavras de Jesus em Mateus: “*Ame os outros como você ama a você mesmo*”<sup>85</sup>, mostra o grau de responsabilidade que cada um tem com seu semelhante, com o seu irmão.

Ao refletir nesse instante sobre, qualquer que seja o caminho, qualquer que seja a ética (deontológica ou teleológica) são elas que “... *nos fornecem o modelo para interpretar devidamente a mensagem bíblica.*”<sup>86</sup>

Ao se falar de interpretação da mensagem bíblica trata-se da hermenêutica, e ao fazer esse movimento entende-se que ela é essencialmente ética, e neste bojo, se apresenta como uma importante contribuição para uma interpretação

<sup>83</sup> TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Sinodal. 2005. p.193.

<sup>84</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, Ed. Sinodal. 2005, p. 125.

<sup>85</sup> *Bíblia de Estudo NTLH*. 2005. Mateus 22. 39b.

<sup>86</sup> BUCKS, 1997. p. 152.

responsável, honesta e criteriosa do texto sagrado e da própria vida. Neste sentido, a interpretação não é algo que cabe escolher fazer ou não.

A leitura de texto e da vida, a interpretação de texto e da vida é algo que o ser humano faz na sua cotidianidade, como o ar que se respira. Há, tanto na literatura sagrada como também fora dela, uma idéia que se manifesta de maneira muito intensa que a vida humana transcende a realidade visível. Assim afirma Bucks:

A transcendência que ocorre na vida humana, confrontada com o outro, é fixada por escrito. A escritura em si é letra morta. Ela começa a retornar à vida de onde proveio por meio da interpretação e nas inúmeras leituras que dela são possíveis.<sup>87</sup>

Veja-se essa situação ao meditar-se sobre a revelação de Deus no Monte Sinai. Pode-se, dentro de uma postura ética, fazer uma hermenêutica desse texto olhando para a revelação de Deus não com palavras, mas como uma revelação de si mesmo. As palavras que hoje são lidas no texto são testemunhos<sup>88</sup> de como os que participaram do evento e as gerações posteriores interpretaram e registraram a sua essência. Aqui reside algo de razão, mistério e fé, como é o caso da narrativa em Mateus 9.2-8, pois:

... a natureza da palavra é a de ser um veículo de manifestação do poder do espírito ... a palavra, uma vez pronunciada ou escrita, tem a força de um voto, pois ela é mobilizadora. A palavra, para Heschel, é mais do que uma combinação de sinais ou letras; as letras são unidimensionais e só tem a função de representar os sons; por outro lado, as palavras têm plenitude e profundidade, são multidimensionais. A palavra tem a seu ver, uma realidade própria objetiva.<sup>89</sup>

Sobre influência do raciocentrismo, tanto a filosofia, como a ciência moderna, como também a própria teologia renunciam a idéia de revelação e milagre tendo como ponto de partida exatamente o princípio da impossibilidade do sobrenatural.

---

<sup>87</sup> BUCKS, 1997. p. 190.

<sup>88</sup> “Comete-se um equívoco ao incluir o cristianismo, o judaísmo e o islamismo entre as religiões de livros. No sentido estrito da palavra, provavelmente apenas o islamismo pode ser considerado como tal, uma vez que o Alcorão é venerado como revelação direta de Deus. Para o cristianismo, a Bíblia é o testemunho fundamental da revelação, sendo que a revelação, no entanto, deve ser diferenciada do testemunho. O testemunho integra o evento da revelação, mas não deve ser equiparada ao momento da revelação.” KORTNER, 2009. p.29.

<sup>89</sup> LEONE, Alexandre. *Mística e razão: dialética do pensamento judaico*. São Paulo. Perspectiva. 2011.p.16

É Heschel, que ao ser citado por Leone, faz a seguinte observação sobre a exegese da Torá, que ele entende não como lei e sim como “ensinamento divino”<sup>90</sup>:

Cada geração tem os seus exegetas. Cada enigma tem suas soluções, e quanto mais profundo o enigma, mais numerosas as soluções. A Torá pode ser apreendida de dois modos diferentes: pela via da razão (*severa*) e pela via visionária (*hazon*).<sup>91</sup>

É o próprio Heschel, portanto que já afirmara ser o judaísmo uma religião<sup>92</sup> que bebe em duas fontes distintas que deságuam em um mesmo mar. Religião que é “... *interpretada eticamente. Ela assume sempre uma importante função de orientação para o agir.*”<sup>93</sup> Sobre estas duas fontes citadas elas são: a razão e o mistério. Razão, etimologicamente advém...

... da palavra latina *ratio*, cujo significado é medida. Neste sentido, razão deve ser entendida como faculdade inerente ao ente humano capaz de apresentar o real sob conceitos (...) é a faculdade que mede o real, segundo o seu poder de ação.<sup>94</sup>

Ao passo em que a razão mede o real, ela carrega em si o dizer sobre o que é o real e também constrói os critérios sobre essa medição. Dessa forma e somente assim o real é considerado real. Dito de outra forma, o que não for desse jeito, ou seja, mensurável ou compreendido pela razão não é nada. O mistério fica de fora, pois não pode ser capturado pelo real, sendo assim ele nada é. O sonho, a fábula, a mitologia, a poesia são expulsas ou não aceitas na categoria racional. Ao ouvir Holderlin, escutamos: “*Existe sobre a terra uma medida? Não há nenhuma.*”<sup>95</sup>

Quanto ao mistério...

... não equivale ao enigma que, decifrado, desaparece. Mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade e que possui um caráter definitivamente indecifrável.<sup>96</sup>

<sup>90</sup>LEONE, 2011.p.31.

<sup>91</sup>HESCHEL *apud* LEONE, 2011.p.52.

<sup>92</sup>**Nota do autor:** Para Leone (2011, p.01), “A religião é a resposta humana daquele que se percebe na situação de estar diante do divino.”

<sup>93</sup> KORTNER, 2009. p.34.

<sup>94</sup> CABRAL, 2009. p.21.

<sup>95</sup> HOLDERLIN *apud* HEIDEGGER, 2008. p. 171.

<sup>96</sup> BETTO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Frei Betto, Leonardo Boff. 6ª edição. Rio de Janeiro – Rio de Janeiro. Garamoud. 2005. p.35.

Cabe então continuar a reflexão, e ao fazer esse exercício o mesmo é realizado de forma que se possa entender dentro do possível o mistério, que não é algo oposto ao conhecimento, pois o mistério traz em si a possibilidade de ser conhecido. Entretanto, neste mesmo si está a possibilidade do “... *mistério continuar mistério no conhecimento.*”<sup>97</sup>

É dentro dessa áurea do mistério que se visita o milagre, sendo importante ressaltar que a palavra milagre tem sua origem no latim *miraculum*<sup>98</sup>. Na antiguidade clássica, portanto, no contexto da Odisséia, era considerado um fato excepcional ou que não pode ser explicado; é um acontecimento extraordinário que é entendido como sinal da manifestação de Deus. A palavra mística que envolve o milagre na Odisséia tem a mesma raiz que mistério, guardando consangüinidade etimológica “... *com a palavra grega muein, que tem o sentido de fechar os olhos e a boca, recolher-se no íntimo, chegar ao âmago.*”<sup>99</sup>, ou de Frei Betto que fala dos “... *olhos abertos e das mãos operosas.*”<sup>100</sup> A primeira é um voltar a si mesmo e diante do extraordinário, calar. A segunda é um lançar-se para fora, e diante do extraordinário, nascer de novo, e falar. Enquanto que respectivamente, uma é aquietação, a outra é inquietação. Definitivamente, não pode ser esquecido que para o acontecer, o nascer de novo ou re-nascimento é necessário o voltar para dentro de si mesmo, ou seja, para realizar o Êxodo é preciso viver a Odisséia. Em Jesus esses movimentos são inseparáveis: O Êxodo e a Odisséia do milagre em Cristo! Para Berger:

... por milagres entendemos curas e expulsões de espíritos; ressuscitamento de mortos; milagres de alimentação, a caminhada de Jesus sobre o mar, e sua maldição bem-sucedida de uma figueira. E às histórias de milagres pertencem também as narrativas que cercam o início e o desfecho da vida de Jesus, ou seja, a concepção pelo Espírito Santo e a ressurreição do sepulcro.<sup>101</sup>

De uma forma geral o milagre é pensado aqui como “... *um fenômeno que não se encaixa no nexo causal de todas as coisas, que rompe, pois, as leis da natureza ora conhecidas.*”<sup>102</sup> Não somente é importante como necessário transcender esse entendimento, pois o milagre não reside tão somente na cura do *paralytikos*, mas

<sup>97</sup> BETTO, 2005. p.35.

<sup>98</sup> SILVA, 2004. p. 548.

<sup>99</sup> SALLES, João Carlos (Org.). *Pesquisa e Filosofia*. Salvador-Bahia, Quarteto Editora, 2007. p.292.

<sup>100</sup> BETTO, Frei. 2005. p.43.

<sup>101</sup> BERGER, 2004. p.43.

<sup>102</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *Evangelho e milagre sob a perspectiva do Novo Testamento*. Estudos Bíblicos nº 01. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. EST. 1975.p.08.

também no perdão dos pecados do mesmo. O milagre reside também na pregação do Evangelho aos pobres<sup>103</sup>, na libertação do poder das riquezas<sup>104</sup>, onde inexistente relação de superioridade/inferioridade de um tipo qualquer de milagre sobre outro, pois o milagre da Graça de Deus pode ser experimentado de múltiplas formas. Inclusive é o próprio Paulo que parece perceber que uma ânsia por milagres é na verdade um sinal da falta de fé e, portanto, um possível motivo para o ser humano se escandalizar na loucura da cruz.<sup>105</sup>

É assim, portanto que pensar a escritura como razão e mistério, onde esta tão somente possibilita seu sentido por um empenho ininterrupto de interpretação, significa que de um dado jeito, sem o apoio de cada interprete, que é sujeito integrante da própria Escritura, uma parte da revelação não ocorre, permanecendo desconhecida ou no exílio. Pensar a hermenêutica nesta perspectiva é ser ético na reflexão e na ação, portanto na revelação. Tendo este seguimento:

Segundo Levinas, a hermenêutica não está a serviço do ente<sup>106</sup>, nem do ser, mas de algo que transcende a ambos. O motivo principal pelo qual é preciso interpretar não é o “fosso” histórico e cultural que abriu entre a época em que foram redigidos os textos e o nosso tempo atual. Isso é sem dúvida um dos motivos, mas não o mais importante. Mesmo se não houvesse essa distância, o texto ainda precisaria ser interpretado e reinterpretado.<sup>107</sup>

Reitera-se de forma racional e não abrindo mão do mistério que a inspiração<sup>108</sup> transcende a intencionalidade<sup>109</sup> do autor. Nesta caminhada é preciso fazer uma leitura respeitosa do texto e da vida, pois ambos são por demais sagrados. Assim, ao longo dessa toada a interpretação vai sendo realizada dinamicamente e não numa exclusividade entre texto (vida) e interprete. Ao se

<sup>103</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 11.5.

<sup>104</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 6.24.

<sup>105</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. 1 Cor 1.22-25.

<sup>106</sup> “Ente significa tudo que de algum modo é: o homem, as coisas, os acontecimentos, até mesmo o nada, enquanto é um Nada, isto é, enquanto tem um significado, seja positivo ou negativo para a existência.” LEÃO, Emanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Vol 01. 5ª edição. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1977.

<sup>107</sup>BUCKS, 1997. p. 188.

<sup>108</sup> “Convém lembrar que inspiração, em perspectiva cristã, não permite ser limitada a um único livro. Certamente a Bíblia é a ‘carta de Deus à humanidade’, redigida por aqueles e aquelas que eram suas privilegiadas testemunhas. A tese da inspiração da Sagrada Escritura, com os cuidados que merece, é fundamental para a fé cristã.(...) Nessa ótica, inspiração passa a designar a promessa escatológica a se cumprir já antecipadamente, embora de modo ainda parcial, na aprendizagem da fé, do amor e da esperança”. Dicionário Brasileiro de Teologia/ Fernando Bortolletto Filho, Organizador. São Paulo. ASTE, 2008.p.538.

<sup>109</sup> **Nota do autor:** Entendemos aqui tal como “Heidegger usa a palavra intencionalidade, mas já no sentido do nexos entre o Dasein e o mundo, e fala justamente da queda, ato de emergir-se no mundo e do sair dessa imersão,

realizar a leitura do texto bíblico, o mesmo é trazido para o hoje da história, para o presente, fazendo, pois, uma interpretação a partir do óculos que se usa na atualidade da leitura que é feita. Busca-se assim, compreender/explicar a realidade vivida, para então interferir ou não sobre a mesma. Só não se pode deixar de fazer o interpretar, o viver. Passado, presente e futuro, que são ônticos<sup>110</sup> e vinculados ao tempo vulgar, possuem uma relação de linearidade e causalidade, sendo vistos como entidades separadas e/ou isoladas tais como é percebido na definição Santo Agostinho:

O que é [...] o tempo? [...] atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro – se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? [...] O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presentes das futuras. Existem, pois, esses três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três.<sup>111</sup>

Ao fazer essa Confissão, que “... é uma necessidade da libertação do homem”<sup>112</sup>, Agostinho dá um passo significativo para se compreender/explicar o tempo, no entanto é com Heidegger, séculos depois que será possível ampliar essa compreensão/explicação, a partir da construção dos conceitos de vigor-de-ter-sido, atualidade e porvir, que pertencem ao que Heidegger denomina de tempo originário, pertencente ao reino do ontológico<sup>113</sup>, como pode ser percebido em sua obra *Ser e Tempo*.

---

como uma mobilidade.” NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Benedito Nunes; Maria José Campos (organizadora). Belo Horizonte. Ed. UFMG.1999. p. 63.

<sup>110</sup> “Existente: distinto de ontológico, que se refere ao ser categorial, isto é, à essência ou à natureza do existente. P. ex., a propriedade empírica de um objeto é uma propriedade ôntica; a possibilidade ou a necessidade é uma propriedade ontológica. Essa distinção foi ressaltada por Heidegger.” ABBAGNANO, 2000. p. 727.

<sup>111</sup> AGOSTINHO, Santo. *As confissões*. 13ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 224-225.

<sup>112</sup> LEÃO, 2000. p.35.

<sup>113</sup> “A palavra ontologia foi criada por R. Glöcenius para o seu *Lexicon Philosophicum*, publicado em 1613. Ela é resultado da junção de dois termos gregos, *onta* (entes) e *logos* (teotia, discurso, palavra). Ao pé da letra, ontologia significa, portanto, teoria dos entes. ‘Ente’ está aí representando todas as coisas sobre as quais se pode dizer que são – ou que a ontologia é a teoria do ser enquanto tal. A partir da obra de Christian Wolf, *Ontologia* (1730), esta passou a ser considerada parte da metafísica... A rigor, há uma infinidade de seres sobre os quais podemos dizer que são, seres materiais e imateriais (como deuses e anjos ou os números matemáticos), seres reais e possíveis, seres individuais e eventos – a ontologia vai se perguntar pelas características básicas que tornam possível dizer que algo ou um estado de coisas, um evento, é.” CASTRO, Suzana. *Ontologia*. Rio de Janeiro – RJ. Jorge Zahar Editora. 2008. p. 07

Numa perspectiva vulgar, enquanto que o passado é o ontem, o outrora; o presente é o hoje, o agora, e o futuro é o amanhã a aurora, tem-se uma outra perspectiva, que é do tempo originário. Neste, existe uma simultaneidade, onde o vigor-de-ter-sido é acontecido, a atualidade é acontecimento e o porvir é abertura. Assim o vigor-de-ter-sido é sempre uma retomada onde o *dasein*<sup>114</sup> (a presença) é um poder-ser e enquanto poder-ser é possibilidade já realizada/a realizar. Ainda sendo retomada é um tomar de novo e de modo novo. Assim como o vigor-de-ter-sido, de certa maneira interfere sobre a atualidade, realizando sempre o acontecimento e abertura, esta última, que é o porvir, está na fronteira da antecipação, fazendo a recordação a cada instante, atualizando sempre o acontecido numa eternidade do sempre acontecimento. Ao longo do tempo (originário e em simultaneidade), que aqui é uma abertura onde o ser se revela, sempre uma nova interpretação vai interpretando o já interpretado. Tem-se, pois uma enunciação (a proposição), que “... será para nós a atividade linguageira exercida por aquele que fala no momento em que fala.”<sup>115</sup>, sendo dessa forma “... portanto, por essência histórica, da ordem do acontecimento e, como tal, não se reproduz nunca duas vezes idêntica a si mesma.”<sup>116</sup> que possui significado e isto é fechado. Tem-se uma interpretação, que são as significâncias, e essas são várias, onde se entende que a proposição é derivada da interpretação e tem-se a compreensão, que é sempre abertura.

É neste sentido que vida e escritura possuem uma relação de reciprocidade, onde o interprete que a compreende/explica é constantemente interpretado e, portanto, compreendido/explicado no processo em que Deus se revela. E Ele se revela eticamente, ou seja, o modelo de se interpretar a escritura e a vida é a ética. Eis o projeto de Jesus, pois:

---

<sup>114</sup> Heidegger reservou a palavra *Dasein* para dizer e evocar o modo de ser próprio do homem. Trata-se de uma maneira composta de duas outras: *Da* e *sein*. A primeira exerce muitas vezes a função de advérbio de lugar com o sentido de “aí”, “lá”. Por isso foi quase sempre traduzida por ser-aí em português e em espanhol, por “être-là” em francês e “esser-ci” em italiano. Apesar de fiel à letra, a tradução é infiel ao pensamento. Se avia a língua, desvia da linguagem. Pois em *Da-sein*, o *Da* não pensa um lugar, mas a abertura do homem para tudo que, de algum modo é. Numa preleção em Freiburg i. Br., Heidegger chamou esta abertura: “o espaço aberto em si mesmo pela irrupção do ser”, (...). É que o homem não está simplesmente no espaço. Seu modo de ser espacial é abrindo espaços para o ser passar. Realizando-se na intimidade das coisas, o homem traz sempre com seu ser algo assim como um “círculo de desvelamento. Neste círculo e por ele, os seres se podem manifestar como os seres que são. O *Da* de *Da-sein* diz, pois, que, instaurando com seu ser uma abertura, o homem se abre a todo instante num círculo de desvendamento. LEÃO, 2000. p. 200.

<sup>115</sup> ASCOMBRE E DUCROT (1974, p.80) *apud* FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo – São Paulo. Editora Ática. 2008.p.31.

<sup>116</sup> ASCOMBRE E DUCROT (1976, p.18) *apud* FIORIN, 2008.p.31.

O reino de Deus requer uma ética profunda, não superficial, que adentre na pessoa e chegue ao fundo do coração. A evolução ética do ser humano requer uma atitude que vai além daquilo que se vê e dirige-se ao mundo interior onde há pensamentos, sentimentos, desejos e imagens que afetam o mais íntimo da pessoa e constrói seu verdadeiro ser.<sup>117</sup>

O grande equívoco está situado em acreditar que se pode resolver as questões morais da vida inventando uma ética de submissão que seja externa à lei. A ética de Jesus esta alicerçada no interior do ser humano, na Odisséia e no Êxodo e leva em consideração aquilo que reside no coração, na dinâmica da coragem do ser, pois esta “... é a coragem de afirmar a nossa própria natureza por sobre o que é accidental em nós.”<sup>118</sup> A partir das narrativas dos Evangelhos e em particular da narrativa de Mateus 9.2-8 é possível pensar que para Jesus é mais importante o que o ser humano é do que o que ele faz, se o que ele faz tem a função específica de ser visto, entendendo que verdadeiramente na ética de Jesus, não existe separação entre o pensar e o agir ético. É Tiago, quem afirma:

Portanto, a fé é assim: se não vier acompanhada de ações, é coisa morta. Mas alguém poderá dizer: “Você tem fé, e eu tenho ações.” E eu respondo: “Então me mostre como é possível ter fé sem que ela seja acompanhada de ações. Eu vou lhe mostrar a minha fé por meio das minhas ações.”<sup>119</sup>

A partir disso é possível perceber que a ética de Jesus, seu pensar e agir éticos tem ênfase de que a verdadeira mudança necessita ter raízes profundas. Definitivamente, Jesus não se impressionava com hierarquias religiosas, nem tampouco poder eclesiástico. Para Jesus, todos os seres humanos devem estar em igual condição, sendo respeitados e possuírem dignidade na plenitude do que é ser humano, não o substantivo, mas o adjetivo, a qualidade do humano como atributo do ser. *Na ética de Jesus, o próximo toma o lugar da lei, e, assim, as necessidades do outro determinam o que se deve fazer em cada situação concreta.*<sup>120</sup> É possível

<sup>117</sup> SANTOS, Hugo N. *Saúde e ética na ação pastoral de Jesus*. Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia pastoral. Organizado por Lothar Carlos Hoch e Thomas Heimann. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. EST/Sinodal. 2008. p. 37.

<sup>118</sup> TILLICH, 1976. p.10.

<sup>119</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Tiago 2. 17-18.

<sup>120</sup> SANTOS, Hugo N. *Saúde e ética na ação pastoral de Jesus*. Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia pastoral. Organizado por Lothar Carlos Hoch e Thomas Heimann. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. EST/Sinodal. 2008. p. 35.

pensar que Jesus não buscou eliminar a lei, mas sem dúvida Ele lhe atribui a ética, os princípios da vida, numa perspectiva que a mesma até então não possuía, pois:

... Jesus tinha a intenção de que seus ensinamentos morais servissem como guia para seus seguidores durante a duração de sua vida, e que Ele os considerava relevantes para a vida no Reino futuro, o qual em certo sentido já estava presente;<sup>121</sup>

O processo de transformação do ser humano é dialético, vivendo a eterna tensão entre o já e o ainda não, entre a Odisséia e o Êxodo, entre o abrir e o fechar de olhos, entre o ficar e o sair, entre a interiorização e a exteriorização, enfim, entre a quietação e a inquietação, entre o pensar e o agir, entre o mistério e a razão, entre o céu e a terra<sup>122</sup>, e entre o céu e o mar, onde:

... lá longe, onde céu e mar se encontram numa sutura, lá está o horizonte. Mas o horizonte não é linha da diferença. É a profundidade da identidade. Na visibilidade das diferenças a identidade se mostra como a diferenciação de céu e mar. Com ser o lugar de desaparecimento, o horizonte é também o lugar de aparecimento do visível. Não só desaparecendo, também o aparecendo, o visível deixa ser o horizonte.<sup>123</sup>

Richard Bach diz como título de um de seus livros que “*Longe é um lugar que não existe*”<sup>124</sup>. Sim, esse encontro do céu com o mar não possui tempo e espaço. É lugar atemporal e tempo utópico. Onde não existe, paradoxalmente o desaparecer e o aparecer aí acontecem.

---

<sup>121</sup> GARDNER, 1982.p.86.

<sup>122</sup> “O céu começa aqui, na realidade humana e terrena; é um processo dialético dentro da história que envolve todas as suas dimensões.” KOCH, Cleber Eduardo. “*Agora vemos em espelho... mas depois veremos face a face (1 Cor 13.12)*”. Teologia em Questão. Palavra & hermenêutica. Faculdade Dehoniana. Taubaté – São Paulo. 2005. p. 81.

<sup>123</sup> LEÃO, 1977. p. 182.

<sup>124</sup> BACH, Richard. *Longe é um lugar que não existe*. Tradutor: A. B. Pinheiro de Lemos. Editora Record. Rio de Janeiro. 18ª Edição. 1990.

## 2 HERMENÊUTICA: UM VIÉS ÉTICO

*Com asas nos pés, voas pelo espaço, cantando toda a Música, em todas as línguas... Nós te honramos, Hermes, ajuda-nos em nosso trabalho! Dá-nos um falar eloquente, e um vigor jovial. Supre nossas necessidades, concede-nos clara memória. Dá-nos a boa sorte, e encerra nossas vidas em paz.*

**Excerto do Hino Órfico a Hermes**

A expressão “hermenêutica” pode derivar do verbo grego *hermeneuein*. Este refere-se, por sua vez, ao substantivo *hermeneus*, que poderá ser aproximado sem rigor científico, de Hermes (deus grego, filho de Zeus com Maia<sup>125</sup>). Hermes era o mensageiro dos Deuses, anunciava o destino. *Hermeneuein* era a revelação que levava ao conhecimento, por parte daquele que estivesse em condições de ouvir uma mensagem. Entenda-se aqui que para ouvir é preciso escutar e para isso “... é necessário encontrar-se na realização da verdade libertadora de Deus.”<sup>126</sup> De toda forma, é possível pensar que a origem etimológica é duvidosa, mas enraíza no significado de falar, dizer. O vocábulo tem três orientações de sentido: “...*hermeneuein* significa, em grego, tanto ‘interpretar’ como ‘comunicar’ e ‘explicar’”<sup>127</sup>. Uma linha comum aparece aqui: a idéia de que algo deve ser tornado inteligível, de que se deve conseguir que seja entendido.<sup>128</sup>

Seguindo esta perspectiva, no que se refere à ética, pode-se inferir que a hermenêutica carrega consigo fundamentos éticos, pois este interpretar, comunicar e explicar precisam estar envolvidos e serem tomados por uma postura responsável e honesta. Entretanto, avisa Schopenhauer “... *que todas as traduções são necessariamente imperfeitas.*”<sup>129</sup> Sendo todas as traduções imperfeitas, entende-se aqui imperfeição como incompletude<sup>130</sup>, pois a hermenêutica é a resposta à experiência da finitude. Sendo a hermenêutica uma tradução, isto significa que a hermenêutica é imperfeita, ou seja, trafega pelo universo da incompletude, assim

<sup>125</sup> FERRY, 2009. p. 66.

<sup>126</sup> LEÃO, 2000. p. 36.

<sup>127</sup> KORTNER, 2009. p.11.

<sup>128</sup> CORETH, Emerich. *Questões Fundamentais de Hermenêutica*. Tradução: Carlos Lopes de Matos. São Paulo. SP. Editora da Universidade de São Paulo. 1973. p.01.

<sup>129</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sussekind. Porto Alegre – Rio Grande do Sul. L&M. 2010.p.150.

<sup>130</sup> “A incompletude é característica de todo processo de significação. A relação pensamento/linguagem/mundo permanece aberta, sendo a interpretação função dessa incompletude, incompletude que consideramos como uma qualidade e não um defeito.” ORLANDI, Eni Pucciinelli. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. Campinas – São Paulo. Fontes. 2ª edição. 2005.p.19.

como a vida e a interpretação da vida, é cheia de imperfeição, de incompletude, de finitude, portanto de humanidade, pois:

Eu gosto disso, de que a gente se engane!... É a única coisa em que o homem é superior aos outros organismos. É assim que se chega à verdade. Sou um homem e é porque me engano que sou homem. Não se chegou nunca a nenhuma verdade sem ter-se enganado ao menos quatorze vezes e isso é talvez um caso singular em seu gênero. Mas sequer sabemos enganar-nos de uma maneira pessoal. Um erro original vale talvez mais que uma verdade banal.<sup>131</sup>

É importante admitir que isso é uma beleza e graciosidade de Deus que faz o ser humano ficar em extraordinária admiração ao perceber o panorama<sup>132</sup> que se apresenta, pois tanto a vida, como o texto, como também a hermenêutica não podem abrir mão de suas imperfeições, pois são abertura<sup>133</sup> constante num processo de transformação e aperfeiçoamento. É na perspectiva da hermenêutica bíblica que a Rede Ecumênica em Defesa das Pessoas com Deficiência faz questionamentos e oferece pistas:

Do ponto de vista teológico, como pode ser interpretado o fato de que algumas pessoas vivem com deficiência? O que este fato nos diz sobre a vida humana no mundo criado por Deus? A filosofia e a teologia do século XX ensinam que somos seres históricos e que nossas interpretações são sempre influenciadas pelo contexto histórico. Nossa percepção da realidade é sempre finita porque somos seres finitos. Quando desenvolvemos uma interpretação teológica a respeito da deficiência humana, temos que reconhecer que a história mudou e que está mudando também a forma de como interpretamos a deficiência. Com história nós queremos dizer, a história de um indivíduo ou as percepções emergentes da comunidade na qual as pessoas com deficiência vivem.<sup>134</sup>

As pistas são remetidas diretamente à hermenêutica, pois um leitor ao se defrontar com um texto em diferentes momentos e em condições diferentes de

---

<sup>131</sup> DOSTOIEVSKI, F. *Crime e Castigo*. 1947. p. 386.

<sup>132</sup> “Em grego, tudo é *pan* e ver é *horao*, donde se deriva *horama*, aquilo que é visto. O conjunto de tudo que se vê no âmbito de um horizonte se chama, pois, de panorama.” LEÃO, 1977. p. 181.

<sup>133</sup> **Nota do autor:** Entendemos por abertura aqui o que Croato afirma: “Em todo texto há um ‘adiante’, esse mundo de sentidos que se abre em virtude de sua polissemia, potenciada por sua própria condição de estrutura lingüística e, como sabemos, pela morte de seu ‘autor’. O sentido está no texto e não na mente de seu autor. No texto, por sua vez, não está como entidade separável, mas sim codificada em um sistema de signos que constituem o relato e que ‘dizem algo sobre algo’ por sua vez manifestação como determinado discurso.” CROATO, 1986. p.26.

<sup>134</sup> REDE ECUMÊNICA EM DEFESA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. *Uma igreja de todos e para todos: uma declaração teológica provisória*. Tradução de Iara Muller e Wener Ewald. São Paulo. Aste. 2005. p. 11-12.

leitura, não lê esse texto da mesma maneira. Além disso, o mesmo texto é lido por diferentes leitores, em diferentes períodos, de maneiras diferentes.

Dito isso, e apesar do dito, a hermenêutica possui um *ethos*<sup>135</sup>, uma morada, afinal de contas já disse Heráclito de Éfeso que “a morada do homem é o extraordinário.”<sup>136</sup> Extraordinário é, pois a linguagem, que “... é a passagem misteriosa e por isso mesmo, diretamente imperceptível de todos os caminhos do pensamento.”<sup>137</sup> Tem-se a partir desse fragmento de Heráclito uma ressonância que é distinguir o ser humano, como ser que está sempre aberto, quer ele tenha consciência disso quer não, à possibilidade da transcendência, do sagrado. Continuando e buscando estar nos caminhos do pensamento, Leão faz duas construções que particularmente interessam. A primeira ao afirmar que “... a linguagem ‘é a casa do ser’ e ‘os poetas e pensadores seus vigias’.”<sup>138</sup> A segunda, ao dizer que “No princípio era a Linguagem e a Linguagem estava no Mistério e a Linguagem era Mistério.”<sup>139</sup> Enquanto a primeira construção de Leão é uma paráfrase heideggeriana, a segunda construção é uma paráfrase joanina. Leão interpretando a ambos, e daqui pode-se assim dizer, “... a hermenêutica é a arte da leitura.”<sup>140</sup> Aqui leitura é entendida não somente como leitura de um texto escrito<sup>141</sup>, mas leitura de mundo, leitura de vida, buscando captar o sentido e este “... significa interpretar algo inicialmente incompreendido ou incompreensível.”<sup>142</sup> Compreender se estende a um além, que passa por compreender a si mesmo de maneira ética, onde “... compreender não significa concordar.”<sup>143</sup> Ao fazer esse percurso é Nietzsche que afirma: “... todo acontecimento do mundo orgânico é um assenhorar-se, e todo subjugar e assenhorar-se é uma nova interpretação.”<sup>144</sup> Inevitavelmente se pensa na máxima nietzscheana: “não existem fatos, somente interpretações.”

<sup>135</sup> **Nota do autor:** É um termo genérico que designa o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Designa uma espécie de síntese dos costumes de um povo. É a totalidade dos traços característicos pelos quais um grupo se individualiza e se diferencia dos outros. *Ethos* pode assim incluir temas culturais, padrões culturais e valores. Quando desejarmos nos referir ao conjunto de valores tradicionalistas baianos, às atitudes próprias e características do baiano, ao seu modo de ser e agir, podemos simplesmente dizer: Este é o *ethos* baiano!

<sup>136</sup> HERÁCLITO *apud* UNGER, Nancy Mangabeira. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. Edições Loyola. São Paulo – São Paulo. 2ª edição. 2000. p.09.

<sup>137</sup> LEÃO, 1977. p. 209.

<sup>138</sup> LEÃO, 1977. p. 131.

<sup>139</sup> LEÃO, 1977. p. 220.

<sup>140</sup> KORTNER, 2009. p.12.

<sup>141</sup> “...toda leitura é produção de um discurso e, portanto, de um sentido, a partir do texto. Não se lê um sentido, mas sim um texto, um relato numa operação que coloca em ação a competência deste...” CROATO, 1986. p. 23.

<sup>142</sup> KORTNER, 2009. p.10.

<sup>143</sup> KORTNER, 2009. p.43.

Pensando com Nietzsche e buscando ir além é que se pode dizer que a interpretação abarca uma parte da realidade e não toda a realidade. Sendo assim, é tão somente sobre a interpretação que se pode tratar, pois:

O homem sempre interpreta. No sonho e na vigília nós sempre interpretamos. Mesmo quando não falamos mas apenas ouvimos ou lemos, estamos interpretando. Até quando não ouvimos nem lemos ou falamos mas somente agimos ou simplesmente repousamos, ainda assim interpretamos. É que interpretar não é uma entre outras possibilidades humanas, como se o homem pudesse ser primeiro homem e só depois, de propósito ou sem propósito, interpretasse, falando, ouvindo, sonhando, agindo, repousando. Não! É interpretando que o homem fala e ouve. É interpretando que o homem sonha, age e repousa. Interpretar é o modo de ser do homem. Ser homem é interpretar.<sup>145</sup>

É precisamente sonhando, agindo ou repousando que o ser humano está a interpretar. Quando se dorme, não apenas se descansa, mas também se sonha. Pode-se dizer assim nessa toada, nessa poesia, que se dorme especialmente para sonhar, ou seja, ser sonhador é ser humano. Sendo o ser humano sonhador e interprete, aquele que interpreta resolve o que é interpretar, decidindo permanentemente o que se é. Tem-se aqui, não um círculo vicioso, mas um círculo virtuoso, onde a hermenêutica parte do pressuposto que não se compreende tudo, entretanto, nunca se fica sem compreender algo, pois a compreensão somente é possível se já existe algo compreendido. Jesus é assim, um já compreendido, um a compreender, sendo dessa forma um hermeneuta ético do Cristo de Deus. Assim, entende-se que “... a hermenêutica de nossa existência revolucionária inclui, pois, o vigor histórico do Mistério de Cristo. Ao Mistério de Cristo só chegamos na fé. (...) Só chegamos ao Mistério de Cristo por já partirmos dele.”<sup>146</sup> Pensar nessa perspectiva significa assumir que se chega ao Mistério de Cristo tendo como origem a fé, onde esta “... como podemos aprender com Rudolf Bultmann – deve ser interpretada como uma forma de compreensão.”<sup>147</sup> Sendo desta forma, “... o ser humano se descobre não como sujeito da compreensão, mas como seu objeto.”<sup>148</sup> Visto que o cristianismo é a religião da palavra, sobre esta que Henry afirma e deixa perguntas:

<sup>144</sup> NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Tradução: Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba – Paraná. Hemus Livraria, Distribuidora e Editora. 2002. p. 66.

<sup>145</sup> LEÃO, 1977. p. 212.

<sup>146</sup> LEÃO, 1977. p. 223.

<sup>147</sup> KORTNER, 2009. p.32.

<sup>148</sup> KORTNER, 2009. p.72.

Se a natureza de Cristo é dupla, podemos pensar que a sua palavra é também dupla. Não que ela esteja marcada pela duplicidade, à maneira de uma palavra humana submetida às intrigas do mundo, acostumada à simulação e à mentira. Dupla a palavra de Cristo é-o num outro sentido, tão precioso quanto radical: nela, ora se trata da palavra de um homem ora se trata da de um Deus. A análise das palavras de Cristo não estará sujeita, desde logo, à pergunta, acerca de cada uma delas: quem fala? O homem-Jesus, aquele que não tem onde reclinar a cabeça e que pede de beber à Samaritana? Ou então o Verbo de Deus que é a Palavra de um Deus eterno e que diz das suas próprias palavras: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão-de passar”(Lc 21.33)?<sup>149</sup>

Henry faz um convite à reflexão, pensando a princípio que a comunicação entre Deus e o ser humano acontece pelo diálogo. Tanto no texto vétero quanto no neo-testamentário, percebe-se que Deus é representado como um Deus que fala e ao fazer isso também faz perguntas, e sendo ele o que faz perguntas, pode-se entender que o diálogo entre Deus e o ser humano é iniciado por Deus.

## 2.1. Perguntas, Palavra e Verbo

No contexto do diálogo de Deus com o ser humano é preciso fazer considerações. Inicialmente a abordagem da interrogação. Como assim? Deus faz perguntas? Sim Ele as faz! É preciso, no entanto, diferenciar problema de pergunta. Ambos colocam o ser humano diante de uma interrogação, entretanto, o problema, “... em um sentido genérico, dificuldade, tarefa prática ou teórica de difícil solução.”<sup>150</sup>, quando resolvido, deixa de ser interrogação. Já a pergunta é algo intrínseco e extrínseco, ela persegue o ser humano como algo que não se pode calar. Na perícopes de Mateus 9.2-8 a narrativa coloca que Jesus faz duas perguntas. A primeira: “*Por que vocês pensam maldosamente em seu coração?*”<sup>151</sup> E a segunda: “*Que é mais fácil dizer: ‘Os seus pecados estão perdoados’, ou: ‘Levanta-se e ande?’*” Essas duas perguntas, assim como tantas outras feitas pelo Filho, como também pelo próprio Pai, não se configuram como “problema”, para os quais se tem possivelmente resposta e, portanto solução à vista, fazendo com que a interrogação desapareça e algo deixe de perseguir o ser humano. Pelo contrário, elas são

<sup>149</sup> HENRY, Michel. *Palavras de Cristo*. Tradução de Florinda Martins. Edições Colibri. Lisboa – Portugal. 2003. p.12.

<sup>150</sup> JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário Básico de Filosofia*. Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 3ª edição revisa e ampliada. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1996.p.231.

perguntas e como tais, feitas por Deus, que em Cristo Jesus, como no Evangelho de João diz: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida.”*<sup>152</sup> É vida, pois essa, *“... fala de si mesma e não cessa de dizer o que ela é na sua verdade...”*<sup>153</sup>. É Verdade, pois *“A vida é verdade porque se revela a si mesma e porque esta revelação de si – esta auto-revelação – constitui o fundamento de toda a verdade concebível. Nada existe, com efeito, para nós se não se manifestar.”*<sup>154</sup> E é caminho, pois a *“Palavra da vida é a de Deus, seu Verbo. E é esta Palavra, é Cristo enquanto Verbo de Deus...”*<sup>155</sup> Esse Deus é essencialmente ético, pois: *“... a vida é uma Palavra e uma Palavra que fala de si”*<sup>156</sup>; além disso, ela é *“entendida como inter-relação dos sujeitos pela aceitação recíproca da dignidade de cada um, a vida ética é uma vida na justiça.”*<sup>157</sup> É pois, Heidegger que diz, sem a menor pretensão de cientificidade, a partir da análise do poema *A Palavra*, de Stefan George, que: *“... nenhuma coisa é onde falha a palavra. Uma coisa é somente onde a palavra não falha, e assim é.”*<sup>158</sup>

São aquelas já citadas perguntas, feitas por um Deus, que é ético, justo e portanto, a própria vida, que continuam a interpelar o ser humano eternamente na construção de sua humanidade. Desta forma, *“se considerarmos o Antigo ou o Novo Testamento, é a Palavra de Deus que está no centro dos textos que os compõe, assim como da ética que prescrevem...”*<sup>159</sup> A tudo isso, a estas perguntas, a esse diálogo de Deus com o ser humano, que tem início com Deus, que o próprio ser humano responde com a religião, que é *“... a resposta humana diante do sagrado.”*<sup>160</sup>

Essas perguntas podem ser comparadas às perguntas feitas por Deus, na narrativa de Gênesis. A mais antiga, sendo a primeira pergunta feita por Deus ao ser humano é: *“Onde é que você está?”*<sup>161</sup> Já a segunda pergunta é: *“Onde está Abel, o seu irmão?”*<sup>162</sup> São duas perguntas, com características existenciais. A primeira

---

<sup>151</sup> **Bíblia de Estudo NVI** – Nova Versão Internacional / Organizador Geral Kennet Barker; Co-organizadores Donald Burdick... (et al.). São Paulo. Editora Vida. 2003. Mateus 9.4.

<sup>152</sup> L João 14.6.

<sup>153</sup> HENRY, 2003. p.77.

<sup>154</sup> HENRY, 2003. p.76.

<sup>155</sup> HENRY, 2003. p.77.

<sup>156</sup> HENRY, 2003. p.77.

<sup>157</sup> VAZ, Henrique Cláudio Toledo de Lima. *Ética e Direito*. São Paulo – São Paulo. Edições Loyola. 2002. p.322.

<sup>158</sup> HEIDEGGER, 2003. p.149.

<sup>159</sup> HENRY, 2003. p.80.

<sup>160</sup> LEONE, 2011. p. 02.

<sup>161</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Gênesis 3.9b.

<sup>162</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Gênesis 4.9b.

delas é feita a Adão, segundo a narrativa do livro de Gênesis. A segunda é feita a Caim, segundo a mesma narrativa. Esta pergunta, por certo deixa o ser humano perplexo, pois Deus fala aos profetas, ao mais comum dos seres humanos e também com assassinos! A primeira é uma pergunta que nos remete à Odisséia, uma volta a si mesmo. Já a segunda pergunta, nos remete ao Êxodo, ao outro. Com o outro se estabelece a postura de responsabilidade, ou seja, nas palavras de Levinás: “... *um-para-o-outro, como um-guardião-de-seu-irmão, como um-responsável-pelo-outro.*”<sup>163</sup> Assim, em Levinás, ao contrário de Heidegger, em *Ser e Tempo* o ser humano (*Dasein*) não é o “pastor do ser”, mas o “guardião do outro”. A ética antecede ao ontológico. A essas perguntas feitas, o ser humano busca responder à medida que se relaciona com Deus, tanto numa perspectiva horizontal, como também vertical. Não é uma ou outra, mas as duas numa relação dialética. A estaca e a trave. Eis a manifestação da própria cruz! Relacionalidade consigo, com Deus, com o mundo. Seja consigo mesmo, com Deus ou com o mundo, é sempre uma relação com o outro, essa terra estranha, que está além de si mesmo e ao mesmo tempo em si mesmo, pois à medida que o outro passa a ser mais e mais conhecido, ele vai deixando essa esfera e passando progressivamente para a esfera do compreendido, sem, entretanto jamais pertencer a uma dessas esferas em exclusividade. Caetano Veloso, em uma de suas composições assim diz: “*Porque és o avesso, do avesso, do avesso, do avesso.*”<sup>164</sup> Nas palavras do compositor baiano, pode-se notar que o último desses “avessos”, já é o direito, não mais o direito como no início, mas como aquele que ao passar pelas constantes transformações, na ação entre o direito e o avesso, o mesmo e o outro, volta sempre ao mesmo, volta sempre para casa, mas jamais como o mesmo, pois já experimentou no Êxodo o outro.

No pórtico de entrada do Oráculo de Delfus<sup>165</sup> estava escrito: “*Conhece-te a ti mesmo*”, que foi divulgado por Sócrates, que significa “*força (kratos) que salva*”

<sup>163</sup> LEVINÁS, Emmanuel. *O Humanismo do outro Homem*. Petrópolis. Vozes. 1993. p.15.

<sup>164</sup> VELOSO, Caetano. *Muito – Dentro da Estrela Azulada*. Philips/Phonogram.1978. Lado B.

<sup>165</sup> “O Oráculo de Delphos, na antiga Grécia, era um dos lugares sagrados mais venerados pelos gregos. Durante mais de 15 séculos, cidadãos comuns, gerais, filósofos e reis se dirigiram ao Oráculo de Delphos para consultar as pitonisas, sacerdotisas que interpretavam a palavra dos deuses, na busca de respostas às questões da sua existência e do seu destino. No acesso ao templo encontravam-se as famosas palavras: “Conhece-te a ti mesmo”. Podemos dizer que todos nós, metaforicamente, também estamos diante desse templo, só que a chave para abri-lo está dentro de cada um, é o “conhece-te a ti mesmo”. Ninguém pode abrir este templo sagrado por nós. Na verdade, quando nos dispomos a entrar no templo, iniciamos uma jornada da qual só sabemos o início. Para onde vamos, aonde vai dar esse processo, ninguém sabe... No entanto, este é um caminho sem volta.”

<<http://www.arlsdelphos.com.br/page13.php>> Acessado em 03/08/2011

(sôs)<sup>166</sup> através de Platão, tendo um sentido de que o ser humano devia reconhecer-se no diálogo com a realidade, buscando conhecê-la no mostrar das palavras.<sup>167</sup> Conhecer a si mesmo, de dada maneira representa um paradoxo, pois, a partir do momento em que se compreende alguma coisa, obviamente isso já não é mais totalmente outro. Todavia, se de alguma forma, algo é totalmente outro, não se compreende de forma alguma. Aqui então cabe diferenciar o outro do estranho. “O outro não é necessariamente o que me é estranho. Antes de tudo, é o outro de mim mesmo e pode como tal ser compreendido dialeticamente como pertencente a mim.”<sup>168</sup> Por outro lado, “O estranho, ao contrário, é o não-pertencente, o que se encontra fora das demarcações do próprio e dele está excluído.”<sup>169</sup> Deus é esse Totalmente Outro, com o qual não pode ser constituído pelo mesmo, no entanto pode-se deparar-se com Ele. Para Levinás, nesse outro, no seu olhar “... que surpreende e me compromete, se anuncia a transcendência divina.”<sup>170</sup> Estando e sendo essa transcendência divina, “O Outro está sempre para além de qualquer idéia que possamos ter sobre ele.”<sup>171</sup> Então Levinás recita um Talmud babilônico: “Se eu não responder por mim, quem responderá por mim? Mas se eu responder somente por mim, sou eu ainda eu?”<sup>172</sup> Então pode-se continuar ouvindo o próprio Levinás quando ele afirma sem rodeios: “entre o um que eu sou e o Outro pelo qual respondo, abre-se a diferença sem fundo, que é também a não indiferença da responsabilidade, significância da significação, irreduzível a qualquer sistema.”<sup>173</sup> O sistema é sacrificial e sacrifício sem sangue, sem “gritaria” não tem “graça”. “A lógica do nosso sistema é totalmente alheia à lógica do Evangelho. A nossa sociedade está completamente alheia ao espírito do Evangelho.”<sup>174</sup> O ser humano, realmente precisa ser tocado pela Graça e entender que o escândalo não está na doutrina, mas no ser humano não se escandalizar com a afirmação “que Deus matou seu Filho”, principalmente porque Deus não matou, tampouco mata seus filhos. Deus-Pai

<sup>166</sup> BUZZI, Arcângelo R. *Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem*. 33ª edição. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes. 2007.p. 41.

<sup>167</sup> BUZZI, 2007. p. 41.

<sup>168</sup> KORTNER, 2009. p.59.

<sup>169</sup> KORTNER, 2009. p.59.

<sup>170</sup> LEVINÁS *apud* BUCKS. RENÉ. *A Bíblia e a Ética: A relação entre a filosofia e a sagrada escritura na obra de Emanuel Levinas*. Edições Loyola. São Paulo – São Paulo. 1997.p. 101..

<sup>171</sup> LEVINÁS *apud* BUCKS. RENÉ. 1997.p. 101..

<sup>172</sup> TALMUD BABILÔNICO *apud* LEVINÁS, Emmanuel. *O Humanismo do outro Homem*. Petrópolis. Vozes. 1993. p.109.

<sup>173</sup> LEVINÁS, Emmanuel. *O Humanismo do outro Homem*. Petrópolis. Vozes. 1993. p. 15.

<sup>174</sup> COMBLIN, José. *Justiça e lei no Evangelho segundo Mateus*. Estudos Bíblicos. Nº 26. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1990. p. 23.

na sua infinita Graça e misericórdia ressuscita seu Filho, e quem o mata é o sistema! É esse outro que sabe onde está seu irmão “Abel”, pois é seu assassino e, portanto não assumiu a responsabilidade de ser o guardião do outro.

Nesta caminhada, ao pensar na hermenêutica do outro, a partir de Levinás, fica esta tarefa vinculada em proteger o texto em sua alteridade, preocupando-se em “... sua não-identidade com as intenções do autor e do leitor.”<sup>175</sup>

A outra consideração a ser feita, diz respeito a “*Por que vocês pensam maldosamente em seu coração?*”<sup>176</sup> Esta é uma daquelas perguntas que se remetem diretamente ao texto vetero-testamentário, que é interpretado pelo neotestamentário. Pode-se perceber uma ligação quando o autor bíblico assim diz: “*O Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal.*”<sup>177</sup> Percebe-se nestes textos uma concepção de pensar que se vincula ao coração, ou seja, o coração é o centro da razão para o hebreu antigo. Entendido isso, vê-se que Jesus, em Mateus, estabelece um valor para o pensamento farisaico e este é o de um coração que só pensa maldosamente. Ao fazer esse exercício de pensar, os fariseus, portanto, não pensam como Jesus, não estando assim à serviço do Projeto do Pai, da construção do Reino de Deus. O pensamento/palavra de Jesus difere totalmente do pensamento/palavra dos fariseus. Enquanto que os últimos representam a palavra *Tanathos*, Jesus incorpora a Palavra *Eros*, a Palavra de Deus, a Palavra de Vida, o Princípio Vital!<sup>178</sup>

A última consideração a ser feita reside na interpretação de que: “*O que chama a atenção em toda interpretação de um texto é o fato de que ela necessita partir do texto. Não pode aparecer como um adendo arbitrário e acidental; ela pretende ser leitura do texto transmitido.*”<sup>179</sup> Busca-se ao longo de toda essa pesquisa, realizar esta tarefa, partir do texto, neste caso Mateus 9.2-8, entendendo que todo o texto neotestamentário é em si mesmo um livro hermenêutico, pois procura ensinar a hermenêutica e a linguagem da fé, que são razão e mistério, na fusão daquilo que é espiritualidade<sup>180</sup>. Assim, afirma-se que uma hermenêutica sem

<sup>175</sup> KÖRTNER, 2009. p.59.

<sup>176</sup> **Bíblia de Estudo NVI.** 2003. Mateus 9.4.

<sup>177</sup> **Bíblia de Estudo NVI.** 2003. Gênesis 6.5.

<sup>178</sup> **Nota do autor:** Uma influência/interpretação freudiana.

<sup>179</sup> CROATTO, 1986. p.29.

<sup>180</sup> “... espiritualidade não é algo que possuamos ou mesmo façamos. Vida espiritual não é desejar nem ter ou fazer, mas ser. Espiritualidade está profundamente ligada com o que nós somos. Faz parte do nosso ser.

espiritualidade, não tem sentido, assim como uma espiritualidade sem hermenêutica, pois sendo a teologia uma hermenêutica, entende-se perfeitamente a máxima de que “... a teologia , ao contrário do evangelho por ela interpretado, não possui qualidade soteriológica.”<sup>181</sup> Pensando nesse sentido, como já feito anteriormente, Deus é esse Totalmente Outro, que se manifesta em Jesus, sendo sua máxima revelação como Cristo, como O Mesmo. Todos estão convidados a experimentar esse Totalmente Outro, ao assumir-se como Cristo de Deus e tomar conta de sua missão: ser o guardião de seu irmão, guardião do outro.

No que tange à linguagem da fé, a mesma é a vida, ou dito de outra forma, a Palavra da Vida, pois somente a vida experimenta-se a si mesma, sendo que só a vida permite conhecer a vida. É assim que a vida fala, ela fala na vida. E o que é que a vida fala ao falar desse jeito? É que vive, que é vida!<sup>182</sup> A linguagem da fé é a linguagem do amor, da sintonia com a Palavra da Vida e do estabelecimento da soberania desta Palavra sobre a vida. Ainda sobre a linguagem da fé é Planck que afirma:

... a ciência também exige espíritos crentes. Qualquer pessoa que se tenha dedicado seriamente a tarefas científicas de qualquer classe dá-se conta de que na porta do templo da ciência estão escritas estas palavras: “É necessário ter fé”. Esta é uma qualidade da qual os cientistas não podem prescindir.<sup>183</sup>

Segundo Planck, a linguagem da ciência é a linguagem da fé, pois a ciência é parte da vida e não está à parte dela ou até mesmo a totalidade da mesma. A vida precede a ciência e não pode ou deve estar subjugada a ela, pois “... o que vale mais do que a Lei é precisamente a vida.”<sup>184</sup>

Ao se falar de vida é importante nesse momento trazer à memória e não deixar esquecida, (e ao que parece “O homem moderno esqueceu o que é

Espiritualidade tem a ver com qualidade de vida, que envolve comunhão com Deus e com o nosso próximo. Como é parte do que nós somos, ela envolve também o nosso corpo. Assim, espiritualidade não é somente algo que se refira à alma ou a coisas que não podemos ver ou tocar. Espiritualidade envolve o ser humano como um todo, em todos os momentos da vida.” PIRES, Frederico Pieper. *O que é espiritualidade?* Organizado por Valtair A. Miranda. Rio de Janeiro. MK editora. Coleção Teologia ao alcance de todos. 2005. p. 15.

<sup>181</sup> KORTNER, 2009. p.41.

<sup>182</sup> **Nota do autor:** Este parágrafo é uma paráfrase de: HENRY, Michel. *Palavras de Cristo*. Tradução de Florinda Martins. Edições Colibri. Lisboa – Portugal. 2003. p.74

<sup>183</sup> GÓES, Paulo. O caráter científico da teologia. In: MARASCHIN, J. (Org) *Teologia sob limite*. São Paulo – SP: AST. 1992. p.54.

<sup>184</sup> HENRY, 2003. p.24.

*esquecer*<sup>185</sup>), a citação nº 30 deste trabalho de pesquisa, de Michel Henry. Sobre o esquecimento é preciso admitir que se tenha pensado com profundidade a essencialidade do esquecer, que em grego é *lethe*, como destino de encobrimento, o esquecimento. Daí surge a palavra *a-lethéia*, que traduzida para o português é “verdade”, ou seja, ser verdadeiro é ser não-esquecido, não-encoberto pois o *alpha* grego, neste caso é um prefixo negativo. Esta é uma experiência pela qual, no horizonte do mundo ocidental não foi realizada; a experiência da verdade não como correspondência entre a coisa e o dito sobre a coisa, mas da verdade como não-esquecimento, não-ocultamento ou desocultamento. Aqui se faz o convite a Michel Henry na sua expressão: Palavra de um homem e Palavra de Deus. Em Jesus, quem fala? De quem é a palavra? *“O que fala o Senhor Jesus? Fala o que Ele é. E o que é que Ele é, pois? É uma palavra do Pai. Nessa mesma Palavra o Pai pronuncia a si mesmo e toda a natureza divina e tudo que Deus é, assim como Ele o conhece, e Ele o conhece como Ele é.”*<sup>186</sup> Na narrativa de Mateus 9.2-8, Jesus fala e ao fazer isso o faz em linguagem humana. Existe uma outra linguagem que não a humana? Ao visitar Henry, percebe-se que sim. Entretanto, esta *“... escapa ao conjunto das concepções de linguagem”*<sup>187</sup> existentes na modernidade. As modernas concepções de linguagem e da própria filosofia da linguagem nada sabem a respeito da *“Palavra de Deus, isto é, o modo como Deus nos fala.”*<sup>188</sup> Tem-se, portanto aqui a na base do pensamento de Henry a existência de uma Palavra Divina e de uma Palavra Humana. Esta compreensão pode ser percebida quando o autor bíblico assim escreve: *“Repito: sei que esse homem foi levado, de repente, ao paraíso. Não sei se isso, de fato, aconteceu ou foi uma visão; somente Deus sabe. E ali ele ouviu coisas que palavras humanas não conseguem contar.”*<sup>189</sup> O universo da Palavra de Deus mantém diálogo com o universo da Palavra humana, entretanto, existe uma incompreensão, que está situada no campo da transposição da Palavra Divina em Palavra humana. No mundo da narrativa mítica grega, este papel é desempenhado pelo deus Hermes. No campo da narrativa mítica judaico-cristã não há intermediário, Deus conversa diretamente com o ser humano. Enquanto na Grécia Clássica, o

<sup>185</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá cavalcante Schuback. 5ª edição. Petrópolis. Vozes. Bragança Paulista. Editora Universidade São Francisco. 2008. Coleção Pensamento Humano. p. 233.

<sup>186</sup> ECKHART, 2006. p.43.

<sup>187</sup> HENRY, 2003. p.13.

<sup>188</sup> HENRY, 2003. p.13.

<sup>189</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. 2 Coríntios 12.3-4.

divino possui intérprete, no mundo hebraico, o divino não possui intérprete, pelo menos não no campo dos celestes, pois tem-se aqui os profetas, que são a voz de Deus. Tanto em um mundo quanto no outro a incompreensão está sempre presente.

A dificuldade de o homem entender a Palavra de Deus é um tema constante no ensino de Cristo. Ela está presente quando Cristo se dirige aos homens para lhes falar deles próprios ou quando lhes fala de si mesmo. Quem mais do que ele estaria consciente desta dificuldade, ele que conhecia os homens - <<Eu conheço-vos [...]>> (João 5.42).<sup>190</sup>

Pela Palavra de Deus ser essencialmente ética, ela deveria ser entendida pelo ser humano, pois, “... *também chamamos de ética a própria vida...*”<sup>191</sup>, e por mais paradoxal que possa ser, o ser humano que é um vivo na vida junto à Palavra da Vida que é a Palavra de Deus, não consegue muitas vezes compreender, e quando compreende não consegue traduzir em Palavra humana aquilo que experienciou como Palavra de Deus, como está dito em 2 Cor 12.3-4. Em várias oportunidades o ser humano não consegue traduzir em Palavra humana a experiência de vida, ou seja, a Palavra de Vida, que é a Palavra de Deus. Em Jesus isso não ocorre, pois ele é a manifestação de Deus, Ele é a própria Palavra de Deus. Quando Jesus diz: “Seus pecados estão perdoados”, Ele realmente está perdoadando os pecados. Quanto à Palavra humana, necessariamente, quando alguém diz que perdoou pecados, não significa dizer que ocorreu o perdão, pois pode não ter acontecido esse milagre. “*A Palavra de Cristo já não é aqui a do homem compassivo. Também já não é uma palavra aprendida junto de alguém e repetida, é a palavra de Deus com qual Cristo identifica a sua porque ele lhe é idêntico.*”<sup>192</sup> Fica claro, portanto, que enquanto a Palavra humana é aprendida, a Palavra de Deus, que é a Palavra de Vida se nasce com ela. É preciso entender que enquanto a Palavra humana acontece no mundo, no reino do visível, a Palavra divina, Palavra de Vida, acontece no reino do invisível. Segundo Michel Henry:

Palavras humanas em todos os aspectos, visto que aquele que as pronuncia é um homem que se dirige aos homens na sua linguagem, de maneira que o compreendam. Além do mais, estas palavras falam-lhes da sua própria existência, neste mundo em que ela

<sup>190</sup> HENRY, 2003. p.89.

<sup>191</sup> VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense. São Paulo-SP. 2008. p.07.

<sup>192</sup> HENRY, 2003. p.87.

decorre e da conduta que devem seguir nesse mundo. O conjunto desses discursos, o seu conteúdo, os pressupostos da sua abordagem determinam o que se pode chamar um <<sistema humano>>, em que tudo provém do homem e tudo a ele refere.<sup>193</sup>

É preciso chamar atenção que a palavra humana, no que se refere à criação, imita a Palavra divina, pois ela é criadora. Enquanto Deus cria o mundo real, o ser humano cria o mundo conceitual, pois: *“Depois que o Senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves, ele os levou ao homem para que pusesse nome neles.”*<sup>194</sup>

Tudo isso, no entanto, não é somente isso, pois a compreensão da Palavra de Deus como incompreensão é um aspecto, mas existe um outro, que é ter esquecido a ideia de Palavra de Deus. Só pode esquecer quem já viveu plenamente essa experiência. A humanidade já passou por essa experiência com profundidade quando o Cristo taberculou entre os seres humanos, inclusive é o escritor de Filipenses que assim diz:

Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha: Ele tinha a natureza de Deus, mas não tentou ficar igual a Deus. Pelo contrário, ele abriu mão de tudo que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E vivendo a vida comum de um ser humano.<sup>195</sup>

Está-se diante de algo especialmente inédito e carregado de significado e mistério, onde segundo a narrativa é o próprio Deus que abre mão de sua divindade e assume a precariedade da condição humana. Pode-se ver nesta narrativa uma singular e mítica resposta ao drama da humanidade até então sem esperança, portanto *“O Pai fala a Palavra e fala na Palavra e nada mais.”*<sup>196</sup> É Michel Henry quem faz a pergunta: *“Será possível ao homem escutar na sua linguagem uma palavra que fale noutra linguagem – na linguagem de Deus, mais precisamente no seu Verbo? E, como poderá, ao menos, assegurar-se da existência de uma tal palavra?”*<sup>197</sup> A resposta vem de Cafarnaum, pois o perdão/cura é exposto em toda a sua transparência e ação da transcendência na imanência. A presença/ausência da Palavra de Deus se manifesta plenamente em seu Cristo, revelando dinamicamente

<sup>193</sup> HENRY, 2003. p.23.

<sup>194</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Gênesis 2.19ª.

<sup>195</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Filipenses 2.5-7.

<sup>196</sup> ECKHART, 2006. p.44.

<sup>197</sup> HENRY, 2003. p.15-16.

seu Verbo, que é encarnado na “carne” de Jesus. “*Que Jesus possa vir também em nós e lançar fora todos os impedimentos, e abrir espaço livre e fazer-nos Um, assim como Ele, Um com o Pai e com o Espírito Santo, é um Deus, para que nós assim nos tornemos Um com Ele e permaneçamos eternamente.*”<sup>198</sup> Ao fazer essa experiência, estaremos experienciando a *a-letheia*, a verdade, o não-esquecimento, o desocultamento, trazendo o ausente para o presente, re-encantando-se com a saudade: ausência da Presença; Presença na ausência. Fica-se aqui com as palavras do Zaratustra de Nietzsche: “*Alma minha, ensinei-a a dizer ‘Hoje’ como ‘Um Dia’ e ‘Noutro Tempo’ e a passar dançando por cima de tudo para além de todo ‘Aqui’ e ‘Ali’ e ‘Lá’.*”<sup>199</sup>

## 2.2. Da Grécia antiga ao século XIX

A palavra hermenêutica, desde o mundo grego, abarca vários níveis de reflexão. Assinala fundamentalmente uma técnica e uma ciência; a arte de interpretar textos, que edificavam, pela sua dimensão simbólica uma determinada comunidade humana, ou ainda a arte de compreender o sentido latente e obscuro de mensagens que reclamam ser entendidas. Era, aliás, o lugar-comum da formação do homem culto greco-romano e medieval. Representava uma forma da compreensão ou experiência humana de sentido que tinha fundamentalmente a ver com a praxis da orientação e com a capacidade de escolha num mundo comunitariamente marcado por um conjunto de valores, de costumes, de usos, de crenças e de tradições<sup>200</sup>, um *ethos*. É sobre este último que Aristóteles afirma estar ligada a tarefa prática da hermenêutica.<sup>201</sup>

Até ao séc. XIX, a hermenêutica desenvolveu-se como uma disciplina auxiliar das ciências que se orientavam normativamente para os antigos clássicos e para a Bíblia. Significou apenas o processo de tornar compreensível pela palavra viva, e não uma forma de ciência ou saber no qual atuasse uma razão conceitual rigorosa. Designava uma capacidade natural do ser humano, a capacidade para ser e se compreender nas relações plenamente significativas com os outros seres humanos. Era a arte de compreender os outros e de com eles se entender pela palavra.

<sup>198</sup> ECKHART, 2006. p.45.

<sup>199</sup> NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Tradução: Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba – Paraná. Hemus Livraria, Distribuidora e Editora. 2002. p. 171.

<sup>200</sup> CORETH, 1973. p.01.

<sup>201</sup> ALMEIDA, Custódio Luís S. *Hermenêutica e Dialética: Dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. Porto Alegre – Rio Grande do Sul. EDIPUCRS. 2002.p. 357.

Partilhava com a retórica o processo de tornar compreensível pela palavra viva que interliga, representada pelo diálogo vivo ou pelos grandes textos e narrações que fundam pela sua transmissão de ideais uma determinada pertença vivida em comunidade.<sup>202</sup>

Momento decisivo desta hermenêutica, marcada pelo efeito da palavra na vida humana, especificamente da palavra bíblica, é “*compreender esta Palavra da Vida, que é o Verbo de Deus, é compreender primeiro em que é que a Vida é uma palavra.*”<sup>203</sup> Foi no contexto da Reforma Protestante e sua defesa na importância do texto contra os ataques contra-reformistas de Trento<sup>204</sup>, que surge a primeira forma significativa da hermenêutica não filosófica. Marca então, não a preocupação metodológica com o texto, mas a necessidade de explicitar a normatividade de uma palavra, que deve atingir quem nela crê, levando a uma ação e a uma conversão de vida. A palavra é letra morta, pensava Lutero, a partir de 2 Cor 3.6<sup>205</sup>, se não é experimentada como um estímulo a uma metamorfose ou transformação espiritual. Para este teólogo, a palavra da Bíblia não pode ser letra morta. Espera uma resposta, isto é, orienta-se para uma apropriação pessoal. É na verdade, no contexto da Reforma Protestante (e sua defesa pela leitura e acesso ao texto bíblico contra o princípio de autoridade da tradição católica) que a hermenêutica alcança uma configuração importante. Impõe-se, numa época em que se dá a invenção da imprensa e a enorme difusão da leitura e da escrita, como modelo de uma leitura implicada, isto é, feita por motivos de auto-compreensão. Pressupõe um conceito de verdade que nada tem de metódico ou desinteressado, pois parte de uma pré-compreensão.<sup>206</sup>

A ideia de fundo de toda esta hermenêutica protestante que se desenvolve em clima humanista é a seguinte: o homem é um ser capaz de ser tocado e

<sup>202</sup> Cf. CORETH, 1973. pp. 03 e 04.

<sup>203</sup> HENRY, 2003. p.79.

<sup>204</sup> “O Concílio de Trento é, segundo a contagem da Igreja Católica Apostólica Romana, o XIX Concílio Geral da Igreja. Seu significado histórico pode ser esquematizado nos seguintes aspectos: a) Com suas formulações antiprotestantes, o Concílio de Trento sacramentalmente o cisma da igreja ocidental; b) Com a formulação de uma confissão de fé própria, a *Professio fidei Tridentinae*, em 1546, a qual deveria ser professada então por todo sacerdote católico-romano, a igreja católico-romana passou a ser uma igreja confessional; c) Ao se tornar normativo para a reforma interna do catolicismo romano, superou o nominalismo, deu a seus adeptos uma doutrina clara (essa clareza se havia perdido em grande medida) e lançou as bases para uma Igreja universal, ao reformar a administração e a vida eclesial.” DREHER, Martin. *Coleção História da Igreja – A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma* – Vol. 03. São Leopoldo-RS. Sinodal, 1996. p.122.

<sup>205</sup> “É ele quem nos torna capazes de servir à nova aliança, que tem como base não a lei escrita, mas o Espírito de Deus. A lei escrita mata, mas o Espírito de Deus dá a vida.” **Bíblia de Estudo NTLH**. Barueri, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 2005.

modificado pelo poder e efeito da palavra. Logo, os textos contêm a verdade<sup>207</sup> sobre as coisas: uma verdade que não implica certeza nem verificação, pois é, antes de mais nada, linguagem, abertura, isto é, uma proposta fundamental de sentido que só chega realmente a acontecer se é apropriada por alguém que na sua leitura ou interpretação saiba fazer sentido.<sup>208</sup> Será somente em um futuro bem próximo, com Gadamer, que a hermenêutica passará a ser vista como uma experiência que não consiste tão somente na “... *compreensão da linguagem, mas na compreensão através da linguagem, pois a existência humana em geral está articulada linguisticamente.*”<sup>209</sup>

### 2.3. A dimensão filosófico-epistemológica da hermenêutica

A partir do séc. XIX, com Schleiermacher (1769-1834), a hermenêutica adquire toda uma nova dimensão, filosófica e epistemológica que a desliga, enquanto teoria universal da compreensão e interpretação, de todos os momentos da *praxis* e dos dogmas da hermenêutica anterior.<sup>210</sup> “*Se antes de Schleiermacher a hermenêutica era o ensino de técnicas para interpretar textos, Schleiermacher justificava a hermenêutica a partir da dialética – a qual formava a base de seu pensamento científico...*”<sup>211</sup>.

Preocupado em defender com a hermenêutica o caráter científico da teologia e formado filosoficamente no modelo moderno do conhecimento transcendental, Schleiermacher coloca o centro de gravidade de sua hermenêutica na análise da operação da teoria do conhecimento comum a toda a interpretação. É o conteúdo cognitivo do discurso e não o seu efeito retórico ou uma análise dos signos, o único

<sup>206</sup> Cf. CORETH, 1973. pp. 07 e 08.

<sup>207</sup> “Classicamente, a verdade se define como adequação do intelecto ao real. Pode-se dizer, portanto, que a verdade é uma propriedade dos juízos que podem ser verdadeiros ou falsos, dependendo da correspondência entre o que afirmam ou negam e a realidade de que falam. Há, entretanto, várias definições de verdade e várias teorias que pretendem explicar a natureza da verdade. Segundo a teoria consensual, a verdade não se estabelece a partir da correspondência entre o juízo e o real, mas resulta, antes, do consenso ou do acordo entre os indivíduos de uma determinada comunidade ou cultura quanto ao que consideram aceitável ou justificável em sua maneira de encarar o real. A teoria da verdade como coerência considera a verdade de um juízo ou proposição como resultado de sua coerência com um sistema de crenças ou verdades anteriormente estabelecidas, como preservando assim a ausência de contradição dentro do sistema, sendo portanto o critério de verdade interno a um sistema ou teoria determinada. Para a teoria pragmática, a verdade de uma proposição ou de um conjunto de proposições se estabelece a partir de seus resultados, de sua aplicação prática, concreta, de sua verificação pela experiência.” JAPIASSÚ, 1996. p. 269.

<sup>208</sup> BLEICHER, Josef. *Hermenêutica Contemporânea*. Tradução: Maria Georgina Segurado. Lisboa-Portugal. Edições 70. 1980. pp. 24 e 25.

<sup>209</sup> KORTNER, 2009. p.17.

<sup>210</sup> Cf. BLEICHER, 1980. p. 27.

<sup>211</sup> KÖRTNER, 2009. p.74-75.

objeto da interpretação, que onde quer que se exerça (âmbito bíblico, jurídico ou filológico) procura sempre vencer um mal-entendido, aquele que é provocado pela compreensão da linguagem, enquanto esta é a expressão de um pensamento individual<sup>212</sup>, pois “a linguagem é razão ao mesmo tempo teórica e prática.”<sup>213</sup>

À hermenêutica, como arte de evitar o mal-entendido, interessa fundamentalmente meditar a estranha relação que existe entre falar e pensar. E o que é falar? “Segundo opinião corrente: a fala é uma atividade dos órgãos que servem para a emissão de sons e para a escuta. Fala é expressão e comunicação sonora de movimentos da alma humana. Esses movimentos são acompanhados por pensamentos.”<sup>214</sup> Esses movimentos são uma “disposição da alma humana”, um mostrar-se, que são símbolos da disposição da alma, neste caso, mostrando-se como fala.

E sobre o pensar, o que é? Nietzsche faz aqui uma investida: “Se o teu destino é pensar, então venera esse destino como se venera um deus e sacrifica-lhe o que de melhor tiveres, o que mais amares.”<sup>215</sup> Neste sentido, pensar é um fazer sagrado “... que se nos revela se nós mesmos pensamos.”<sup>216</sup> Para que isso possa acontecer é necessário que o ser humano se disponha a aprender a pensar. Ao fazer isso, “o pensamento que pensa produz conhecimentos e falas diversas. Produz o conhecimento que calcula (as ciências), imagina (as artes) e confia (a fé). E produz a filosofia.”<sup>217</sup> Além de tudo, o que mais dá a pensar é o que ainda não se pensou.

Nesta dita relação estranha entre falar e pensar tem-se o mistério, e em sendo mistério é distância e proximidade, um “Lá” e um “Cá”, sem separação. O que sustenta essa relação paradoxal é o não recusar-se ao mistério da palavra, pois para este inexistem palavras, ou seja, “... não há um dizer capaz de trazer à linguagem a essência vigorosa da linguagem.”<sup>218</sup> No exercício do pensar, ao transformar pensamento em fala existe uma perda, pois não há como exprimir tudo que se pensa com palavras. Nesta seara reside parte da dificuldade de se compreender o outro e aqui reside a principal tarefa de Schleiermacher que é realizar uma reflexão sobre as condições que permitem ultrapassar o mal-entendido em ordem a poder

<sup>212</sup> BLEICHER, 1980. pp. 28 e 29.

<sup>213</sup> ALMEIDA, Custódio Luís S. *Hermenêutica e Dialética: Dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. Porto Alegre – Rio Grande do Sul. EDIPUCRS. 2002.p. 358.

<sup>214</sup> HEIDEGGER, 2003. p.10.

<sup>215</sup> NIETZSCHE *apud* BUZZI, 2007. p. 09.

<sup>216</sup> HEIDEGGER, 2008. p. 111.

<sup>217</sup> BUZZI, 2007. p. 09.

compreender o outro, que se exprime no texto, melhor do que ele se compreendeu a si mesmo. Com a sua interpretação psicológica, necessária para completar a interpretação gramatical tradicional, Schleiermacher desloca o verbo interior do texto para o âmbito psicológico do seu criador, consagrando a idéia de que compreender um texto é reconstruir a intenção mental do seu autor.<sup>219</sup> Tendo realizado toda esta discussão, fica a pergunta: Podem existir más interpretações? Kortner utilizando-se de Eco afirma:

Neste ponto, Eco fala sobre “linhas de tendências” e “linhas de resistência”, o que significa dizer “que a realidade apenas interpõe limites à nossa compreensão à medida que ela rejeita falsas interpretações”. Poderíamos afirmar também que Eco preconiza a tarefa da crítica, que já em Schleiermacher tinha seu âmbito de atuação ao lado da hermenêutica.<sup>220</sup>

## 2.4. Heidegger e Gadamer

Será com Martin Heidegger, em *Ser e Tempo* (1927), que a compreensão hermenêutica aparece ligada à questão do sentido do ser, pois ele entende que é hermenêutica porque abriga em si uma questão de fundo: o mistério da temporalidade. Dito por Heidegger:

O tempo temporaliza. Temporalizar significa: amadurecer, deixar surgir. Temporalizado é o que surge de um surgimento. O que o tempo temporaliza? Resposta: o simultâneo, ou seja, o que surge no espaço nesse seu modo. E o que é isso? O que há muito conhecemos, sem no entanto pensá-lo desde a temporalização. O simultâneo do tempo são o vigor de já ser, o fazer-se vigor e o aguardar, esse que nos resguarda e que costumamos chamar de porvir. Temporalizando, o tempo nos arranca para essa tríplice simultaneidade, nos contrai em nos trazendo para o abrir-se do simultâneo, a unicidade do já ser, do vigorar e do aguardar. Nesse arrancar e trazer, o tempo em-caminha o que a simultaneidade entreabre: o tempo-espaço. No todo de sua essência, o tempo não se move. O tempo repousa quieto.<sup>221</sup>

Esta não é uma questão qualquer, mas algo que diz essencialmente respeito ao modo de ser do *ser-aí* (*Dasein*) que é o ser humano. Esta é uma questão fundamental esquecida pela tradição.<sup>222</sup>

<sup>218</sup> HEIDEGGER, 2003. p.187.

<sup>219</sup> Cf. KÖRTNER, 2009. pp.10 e 11.

<sup>220</sup> KÖRTNER, 2009. p. 24.

<sup>221</sup> HEIDEGGER, 2003. p. 169.

<sup>222</sup> Cf. GADAMER, Hans-George. *Hermenêutica em Retrospectiva*. Vol. 1. Tradução: Marco Antônio Casanova. Petrópolis-RJ. Vozes. 2007. pp. 25 e 26.

Com Heidegger, a hermenêutica alcança todo um novo sentido. Deixa definitivamente o registro psicológico e converte-se na questão ontológica central do filosofar. A novidade de Heidegger reside justamente na abordagem do problema metafísico-hermenêutico implicado na questão da historicidade, sempre esquecida por toda a tradição e que não pode determinar-se mais por privação a partir de uma idéia de ser absoluto ou eterno, que “... *nem começa, nem tem sucessão, nem finda. Sem começo, meio e fim, é um puro agora concentrado.*”<sup>223</sup> O fio condutor desta nova concepção de hermenêutica, para a qual a compreensão é o modo próprio de ser do humano, é o seguinte: a problemática da finitude ou historicidade do existir, obriga a pensar o humano como a ambigüidade fundamental da experiência da morte e simultaneamente de uma exigência de abertura, que se expressa na própria interrogação que todo o ser humano faz sobre o sentido do ser. Isto significa que a experiência da temporalidade radical é a experiência do ser ou do sentido, uma experiência hermenêutica de contraste, que resiste ao tradicional modelo da objetividade. Assim, o *Dasein* (ser-aí), porque é temporal, é *hermeneia originária*. Não se concebe mais como um sujeito transcendental e desenraizado. Sobre o *Dasein*, Leão faz o seguinte comentário:

Heidegger reservou a palavra *Dasein* para dizer e evocar o modo de ser próprio do homem. Trata-se de uma maneira composta de duas outras: *Da* e *sein*. A primeira exerce muitas vezes a função de advérbio de lugar com o sentido de “aí”, “lá”. Por isso foi quase sempre traduzida por ser-aí em português e em espanhol, por “être-là” em francês e “esser-ci” em italiano. Apesar de fiel à letra, a tradução é infiel ao pensamento. Se avia a língua, desvia da linguagem. Pois em *Da-sein*, o *Da* não pensa um lugar, mas a abertura do homem para tudo que, de algum modo é. Numa preleção em Freiburg i. Br., Heidegger chamou esta abertura: “o espaço aberto em si mesmo pela irrupção do ser”, (...). É que o homem não está simplesmente no espaço. Seu modo de ser espacial é abrindo espaços para o ser passar. Realizando-se na intimidade das coisas, o homem traz sempre com seu ser algo assim como um “círculo de desvelamento. Neste círculo e por ele, os seres se podem manifestar como os seres que são. O *Da* de *Da-sein* diz, pois, que, instaurando com seu ser uma abertura, o homem se abre a todo instante num círculo de desvendamento.”<sup>224</sup>

Sendo o *Dasein* temporal, não transcendental e enraizado e principalmente “... *abertura para tudo que de algum modo é*”<sup>225</sup>, toma consciência de si como

---

<sup>223</sup> LEÃO, 2000. p. 28.

<sup>224</sup> LEÃO, 2000. p. 200.

<sup>225</sup> LEÃO, 2000. p. 200.

*sentimento da situação*, que implica toda uma pré-compreensão a partir da qual surge a *compreensão*, não como comportamento teórico sem interesse, mas como a revelação de um saber e poder ser já sempre exercidos e do que há ainda por exercer. Neste momento é com muito interesse que se convida Heidegger, para que ele mesmo possa dizer o que é interesse. Para esse autor:

*Inter-esse* quer dizer: ser sob, entre e no meio das coisas; estar numa coisa de permeio e junto dela assim persistir. Para o interesse atual, porém, vale só o interessante. O interessante faz com que, no instante seguinte, já estejamos indiferentes e mesmo dispersos em alguma coisa que, por sua vez, tampouco nos diz respeito quanto a anterior. Hoje, acredita-se dignificar algo achando-o interessante. Na verdade, com tal juízo, subestimamos o interessante levando-o para o domínio do indiferente e assim o empurramos para o âmbito daquilo que logo se tornará tedioso.<sup>226</sup>

Tem-se aqui, pois, uma relação de interesse com a hermenêutica bíblica e em particular com as pessoas com deficiência, pois antes de tudo, os seres humanos são potencialmente deficientes, que são existentes em sua fragilidade e finitude, e não se deve esquecer a diferença entre uma vida finita, como a do ser humano, com a vida infinita, a vida de Deus, pois, *“Uma vida finita é uma vida incapaz de se dar a si mesma a vida, de se dar a si mesma a condição maravilhosa de um ser vivo. A nossa vida não se funda a si mesma.”*<sup>227</sup> É preciso no entanto, estar atento para entender que:

A finitude não é algo negativo (...) A finitude é a estrutura essencial da experiência humana. Assim o pensamento não é finito porque suas possibilidades são deficientes e imprecisas, por fracassar e errar. Ao contrário. É porque a experiência humana já é em si mesma finita que se frustram as possibilidades de pensar.<sup>228</sup>

Ao se abordar as possibilidades de pensar, no sentido de sua finitude, o ser humano se dá conta de que é imprescindível que se compreenda que a experiência humana é na sua origem uma intuição.<sup>229</sup> E o que é intuição? Tem origem no *“... latim intuitio, ato de contemplar. Forma de contato direto ou imediato da mente com o real, capaz de captar sua essência de modo evidente, mas não necessitando de demonstração.”*<sup>230</sup> No dizer de Chauí:

<sup>226</sup> HEIDEGGER, 2008. p. 113.

<sup>227</sup> HENRY, 2003. p.82.

<sup>228</sup> LEÃO, 1977. p. 67.

<sup>229</sup> Cf. LEÃO, 1977. p. 67.

<sup>230</sup> JAPIASSÚ, 1996. p.147.

A intuição é uma compreensão global e completa de uma verdade, de um objeto, de um fato. Nela, de uma só vez, a razão capta todas as relações que constituem a realidade e a verdade da coisa intuída. É um ato intelectual de discernimento e compreensão, como, por exemplo, quando um médico, graças ao conjunto de conhecimentos que possui, faz um diagnóstico em que apreende de uma só vez a doença, sua causa e o modo de tratá-la. Os psicólogos se referem à intuição como insight, descrevendo-o como o momento em que temos uma compreensão...<sup>231</sup>

A compreensão, portanto, é, enquanto “projeto lançado”<sup>232</sup> pertencente a possibilidade de se explicitar, *interpretando* ou configurando tal núcleo de possibilidades. Surge assim a *interpretação* como uma explicitação ou apropriação da compreensão que só é possível sobre o pano de fundo do futuro e da totalidade pré-compreendida. Assim:

Heidegger manifesta de maneira elocuente los puntos de contacto entre la filosofía (em este caso existencialista) y las preocupaciones de una hermenêutica bíblica orientada ontológicamente (...) es impensable una interpretación que precinda de la subjetividad de quien afronta el texto, así como em general no se puede concebir una exégesis objetiva y ‘privada de presupuestos’ ( Bultmann distingue, explicitamente, los presupuestos de los prejuicios: es necesario interpretar sin prejuicios, pero es imposible una comprensión sin presupuestos.)<sup>233</sup>

A interpretação explicita agora o que já foi previamente entendido desenhando-se assim o círculo da compreensão e da interpretação, que corresponde à natureza temporal e antecipadora do existir. Essa é a primeira forma de articulação do estar-no-mundo. Parte sempre de pressupostos (de todo o previamente visto e compreendido pelo sentimento da situação) e nunca de um nada. O âmbito hermenêutico do dizer, do enunciar e do comunicar tem agora raízes ontológicas profundas, que desmontam a redução psicológica da hermenêutica moderna e abrem à hermenêutica todo um novo e importante horizonte.<sup>234</sup> Em Heidegger o ontológico antecede ao ético.

---

<sup>231</sup> CHAUI, 2003. p.64.

<sup>232</sup> A compreensão deve ser entendida como um ato da existência, e é portanto um "projeto lançado." GADAMER, Hans – Georg. *O problema da consciência histórica*. Org. Pierre Fruchon. Trad. Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 57.

<sup>233</sup> FERRARIS, Maurizio. *História de la hermenêutica*. Tradução de A. Perea Cortés. México. Siglo XXI. 2002. p. 218.

<sup>234</sup> Cf. BLEICHER, 1980. pp. 137-138.

É neste novo contexto marcado pelo primado da questão ontológica da temporalidade do existir que se situa Gadamer com a sua conhecida obra *Verdade e Método: Elementos de uma Hermenêutica Filosófica*. Assumindo como decisiva a herança de Heidegger, Gadamer retoma a problemática hermenêutica das ciências do espírito, interrogando-se sobre as conseqüências que decorrem para esta temática do fato de Heidegger ter derivado a estrutura de antecipação da compreensão da temporalidade do existir. O objetivo é mostrar que à hermenêutica não interessam tanto os métodos ou os princípios interpretativos que intervêm no mundo do espírito, mas fundamentalmente esclarecer o fenômeno ontológico da compreensão que caracteriza, desde *Ser e Tempo*, o modo de ser do existir.<sup>235</sup>

De acordo com Gadamer, a hermenêutica depois de Heidegger, se revela como o verdadeiro núcleo vivificador de toda a compreensão.<sup>236</sup> Ser compreensão e não puro *bios* instintivo, tal é a essência do único ser que é historicidade, abertura, isto é, um ser para o qual ser é compreender. A compreensão, modo de ser do humano manifesta-se então, de forma originária, como um acontecer de sentido no qual todo o existir de rosto humano se encontra já sempre mergulhado, mesmo sem disso ter consciência, para o qual contribui com a sua apropriação ou interpretação particular e cujas raízes remontam ao próprio fenômeno da tradição<sup>237</sup> (transmissão). À hermenêutica cabe então, examinar as condições em que acontece o fenômeno da compreensão. Na análise destas condições *Verdade e Método* recusa o moderno primado do método, que considera derivado, desenvolvendo, pelo contrário, a estrutura antecipativa de todo o compreender como o núcleo de uma pertença a costumes, a pressupostos, e a usos lingüísticos, que não podem ser esquecidos, pois determina sempre a atitude interpretativa característica do modo de ser do humano. A compreensão no dizer gadameriano, não se pode pensar como uma ação da subjetividade, mas como um processo no seio do próprio acontecer da tradição. Toda a interpretação se desenvolve no âmbito do acontecer da linguagem ou transmissão, onde “... *ao orientar a hermenêutica para a linguagem e seu assunto e não para um entendimento existencial do autor objetivado no texto bíblico*”<sup>238</sup>, Gadamer parte de pressupostos, que marcam o enraizamento do sujeito num

<sup>235</sup> Cf. BLEICHER, 1980. pp. 181-185.

<sup>236</sup> Cf. GADAMER, 2007. p. 155.

<sup>237</sup> “Do latim *traditione*, declinação de *traditio*, ato de transmitir, de dar a alguém alguma coisa.” SILVA, 2004. p. 776.

<sup>238</sup> DOCKERY, 2005. p.161.

mundo já sempre dito ou significado. Logo, só o reconhecimento do caráter essencialmente pré-conceitual de toda a compreensão confere ao problema hermenêutico a sua real agudeza. O modelo da hermenêutica é agora o do diálogo implicado, suscitado pelo modo como as questões do texto põem em jogo os pressupostos e motivações de cada intérprete. Interpretar não é agora reconstruir ou coincidir, chegar apenas à dimensão cognitiva do dito, como pensava a hermenêutica romântica, mas compreender-se à luz do texto, isto é, traduzir para o horizonte do presente o sentido das suas questões e responder-lhes com os conceitos do presente. Só se interpreta um texto se ele ainda diz algo hoje, isto é, se ajuda a configuração do próprio presente. De outro modo, nem sequer se interpreta-o. Na raiz da compreensão hermenêutica está uma exigência ética de auto-compreensão suscitada pelo fato de se ser um ser finito, de se existir a partir de tradições e, ainda, pelo fato de o ser humano ser uma pergunta fundamental.<sup>239</sup> Segundo Dockery:

Gadamer não buscava recriar o momento da vida em que o autor compunha um texto, como o fazia Schleiermacher, nem repensar o significado que um autor pretendia comunicar; em vez disso, ele buscava captar o conhecimento vital do assunto que, sob certas condições, emerge da linguagem de um texto. Por assunto (*die Sache*), Gadamer referia-se àquilo que ocorre quando duas pessoas envolvidas numa conversa chegam a um acordo.<sup>240</sup>

Entende-se assim que Gadamer defende a tese de que um texto e em particular um texto bíblico, não é depósito de significados fixos, mas uma possibilidade de significados, onde segundo Dockery:

A tarefa do leitor não consiste em determinar o significado do autor quando o texto foi escrito, mas entender o que o texto diz para o leitor do presente. A tarefa do leitor é retratada por Gadamer como uma conversa na qual duas pessoas tentam chegar a um entendimento comum sobre algum assunto que é de interesse mútuo. O objetivo não é tanto se entenderem entre si, mas entender aquilo sobre o qual conversam. Gadamer afirmava que o texto é uma exposição de algo que excede a si próprio. Dessa forma, a linguagem serve como uma estrutura funcional de significados sempre polivalentes e análogos. Isso significa, portanto, que um texto possui uma plenitude de significados que, por sua natureza, nunca se pode exaurir. Não só é possível, mas o que sempre acontece é

---

<sup>239</sup> Cf. BLEICHER, 1980, pp. 186-197.

<sup>240</sup> DOCKERY, 2005, p.161.

que o significado mediado pelo texto de fato na verdade vai além da intenção consciente do autor.<sup>241</sup>

Assim, entende-se que o problema principal do texto está estabelecido entre a fala e a escrita no que se refere ao exercício vinculado à textualização dessa fala, pois como diz Aristóteles: *“De um lado, os sons da voz são símbolos das disposições da alma, de outro, as marcas escritas o são da voz. E assim como as letras não são as mesmas para todos, do mesmo modo também os sons.”*<sup>242</sup> Para Aristóteles existem diferenças nas diferentes formas de mostrar-se, que são os símbolos da disposição da alma: o mostrar-se através dos sons da voz (fala) e o mostrar-se através das marcas escritas (texto). Sobre o mostrar-se Heidegger diz que *“é para mostrar-se que se cunha um signo.”*<sup>243</sup> Passar da fala ao texto é uma transformação daquilo que se mostra pela voz, para aquilo que se mostra pelo texto. Através dessa transformação de fala em texto escrito, este último torna-se autônomo, tanto em relação ao autor, como também qualquer leitor, pois:

Existe uma primeira distância entre o texto e seu autor, porque, uma vez produzido, o texto toma certa autonomia em relação a seu autor; começa uma carreira de sentido. Outra distância existe entre o texto e seus leitores sucessivos. Esses devem respeitar o mundo do texto em sua alteridade.<sup>244</sup>

Existe assim o risco de quem interpreta, que é desejar ser o senhor do texto interpretado, mas esse desejo ou essa *“... ambição hermenêutica pelo poder é contraposta nela pela impotência do crucificado.”*<sup>245</sup> Apesar de que *“a luta entre os que estão no poder e os que querem o poder é, de ambos os lados, luta pelo poder.”*<sup>246</sup> Não se pode, tampouco deve-se esquecer que o ser humano é um mistério profundo que se revela na fragilidade. O ser humano é um mistério, pois reflete o mistério de Deus, que se manifesta fielmente no Verbo encarnado, que é...

... aquele que assumiu plenamente a nossa natureza humana, é o verbo de Deus. Assumir a natureza humana não quer dizer aniquilar-

<sup>241</sup> DOCKERY, 2005. p.161.

<sup>242</sup> ARISTÓTELES *apud* HEIDEGGER, 2003. p.194.

<sup>243</sup> HEIDEGGER, 2003. p.195.

<sup>244</sup> RICOEUR, Paul. *A hermenêutica Bíblica*. Tradução: Paulo Menezes. Edições Loyola. São Paulo-São Paulo. 2000. p. 31.

<sup>245</sup> KORTNER, 2009. p.57.

<sup>246</sup> HEIDEGGER, 2008. p. 78.

se nela mas, pelo contrário, permanecer nela como Verbo. Só porque o Verbo permanece no homem-Jesus é que este é o Cristo.<sup>247</sup>

Em sendo desta forma, o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Esta afirmação é do Livro dos Princípios, que propõe algo absolutamente diferente, pois é “... a primeira análise verdadeira e rigorosa da condição humana.”<sup>248</sup> e isto não pode ser ignorado pelo ser humano, este, o humano, que é adjetivo, atributo do ser, e advérbio, por estar junto ao Verbo. Ao pensar na afirmação de Henry, a partir de Gênesis 1.26 que diz que “Deus fez o homem à sua imagem e semelhança.”, entende-se que a humanidade é feita tendo por fundamento a realidade de Deus, ou seja, “... sendo Deus a Vida, o homem é um vivo”<sup>249</sup>. Deixa-se aqui a noção de criação como algo externo a Deus, para passar a uma noção de criação como algo interno a Deus, ou seja, inexistente anterioridade, mas sim interioridade. Na relação do Pai com o Filho não existe uma precedência cronológica do Pai sobre o Filho, pois tão somente existe o Pai porque existe o filho e vice-versa. Pai e Filho são um só desde a criação, pois a Vida dá-se com o vivo em uma dialética relação de imanência. Tem-se essa ideia construída, vinculada e interpretada no “Prólogo de João”<sup>250</sup>. Tanto quanto o texto de Gênesis, que não é uma descrição carregada de ingenuidade sobre a criação, o Prólogo de João também não é ingênuo, pois enquanto o primeiro citado “... remonta à possibilidade interior da existência de um ser que é o homem”<sup>251</sup>, o segundo “... aborda a relação imanente da Vida com o vivo.”<sup>252</sup> Como lembra Wittgenstein de maneira extraordinária: “Do que não se pode falar, deve-se calar”. Assim como já dito, que ao analisar o poema *A Palavra* de Stefan George, Heidegger não o fez à luz da cientificidade, Wittgenstein não tem qualquer pretensão científica no estabelecimento do projeto “Tractatus”, pois ele tão somente se interessa em buscar “... revelar nas funções da língua o vigor do pensamento e assim denunciar a ilusão”<sup>253</sup>. Qual é essa ilusão? Atribuir à língua “... registro próprio da ciência”.<sup>254</sup>

Assim como aqui não existe uma relação de verdade como correspondência, não existe em Gênesis 1.26 essa mesma relação. A construção, a linguagem

---

<sup>247</sup> HENRY, 2003. p.25.

<sup>248</sup> HENRY, 2003. p.84.

<sup>249</sup> HENRY, 2003. p.84.

<sup>250</sup> Evangelho de João 1.1-14.

<sup>251</sup> HENRY, 2003. p.84.

<sup>252</sup> HENRY, 2003. p.84.

<sup>253</sup> LEÃO, 1977. p. 141.

existente é mais universal de todas; a verdade do mito, da poesia, pois Deus fala poeticamente. Deus é um poeta, e ao falar poeticamente “E disse Deus...”, acontece a criação. “*Deus é vida*”<sup>255</sup>, e sendo Deus plenamente Vida, este ser vivo na vida, que é o ser humano é um ser humano que conhece Deus, “... *porque Deus é intelecto e conheço isso.*”<sup>256</sup> É de fundamental importância entender que “intelecto” em Mestre Eckhart, assim como razão e inteligência e também conhecer e conhecimento, precisam ser entendidos como referentes da auto-identidade de Deus, ou seja, desprendimento/liberdade e da auto-identidade do que é próprio do ser humano enquanto filho de Deus. Essa “*designação Filho de Deus, que nos é dada ao longo do Evangelho, não é metáfora, é a nossa condição real que ela qualifica*”<sup>257</sup>, portanto, na sua liberdade e desprendimento o ser humano é igual a Deus e Deus igual ao ser humano. “*E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.*”<sup>258</sup> Na versão da NTLH faz-se a seguinte leitura: “*Aí ele disse: - Agora vamos fazer os seres humanos, que serão como nós, que se parecerão conosco.*”<sup>259</sup>

Tem-se, portanto um grande desafio! Qual? Promover uma educação poética que não confunda poesia com erudição, tampouco com ciência, pois os poetas também são construtores/buscadores da verdade e então é possível se aproximar de Leão quando ele assim diz: “... *todo saber como todo não-saber, nascendo do esquivar-se do mistério, tem na Linguagem não as fronteiras de suas limitações mais o vigor de sua força.*”<sup>260</sup> A poesia é o fogo da Linguagem que toma corpo e encarna uma interpretação. Fazer a leitura da poesia é recolher-se à escuta dessa encarnação deixando o fogo queimar a carne, até romper a dicotomia entre corpo e alma, para viver a Vida com o vivo na plena possibilidade do viver.

## 2.5. A eticidade hermenêutica

Seguindo este trilho, que no que se refere a uma exegese histórico-crítica, a mesma é uma hermenêutica, uma interpretação, não sendo impossível de realização, mas não é exclusiva na sua conclusão, pois proveniente de uma longa

---

<sup>254</sup> LEÃO, 1977. p. 141.

<sup>255</sup> HENRY, 2003. p.81.

<sup>256</sup> ECKHART, 2006. p. 87.

<sup>257</sup> HENRY, 2003. p. 39.

<sup>258</sup> **Bíblia Sagrada**. Revisada Almeida. São Paulo, 1995. Gênesis 1.26.

<sup>259</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Gênesis 1. 26.

<sup>260</sup> LEÃO, 1977. p. 172.

tradição humanística, a hermenêutica moderna ressurge no contexto da luta contra a pretensão de haver um único caminho de acesso à verdade, pois:

... recordemos somente que a leitura tradicional da Bíblia, ao interpretar todos os textos em chave “histórica”, tem falhado num ponto essencial. Em nenhuma outra literatura se cometeu erros tão elementares. É como se alguém escutasse todas as composições musicais em uma única chave ou segundo o sentido de um único gênero! Por isso voltamos a assinalar uma vez mais a importância das ciências da linguagem...<sup>261</sup>

É preciso reconhecer a “*importância das ciências da linguagem*”, entendendo principalmente que a ciência não detém o poder sobre a mesma, pois foi no ambiente cientificista, tecnicista da modernidade que se estabeleceu o predomínio do positivismo<sup>262</sup>. Em oposição a isso, a hermenêutica quer demonstrar que não há mais condições de manter o monismo metodológico, uma forma exclusiva para determinar o espaço de produção do conhecimento. Neste sentido, “... a hermenêutica é uma ciência transversal ou uma área da teoria da ciência.”<sup>263</sup> A hermenêutica traz a perspectiva do interpretar, produzir sentido e a impossibilidade de separar o sujeito do mundo objetivado. Contra o distanciamento alienante provocado pelo modo de proceder objetificador próprio da ciência moderna, Gadamer quer recuperar o sentimento de pertença a uma tradição, que constitui o ser humano e predetermina sua compreensão. Alguém que oportunamente já conhecesse a hermenêutica não dispensaria os resultados que isso pode proporcionar ao campo ético, tanto por ensejar uma auto-compreensão, uma autocrítica da reflexão e agir ético, quanto por dar condição a que se produzam novas interpretações sobre o sentido da formação.

O processo da reinterpretação é, sem dúvida, tão pujante que as tentativas de “fixar” o sentido de um texto bíblico acabaram

<sup>261</sup> CROATTO, 1986. p. 18-19.

<sup>262</sup> “Sistema filosófico formulado por August Comte, tendo como núcleo sua teoria dos três estados, segundo o qual o espírito humano, ou seja, a sociedade, a cultura passa por três etapas: a teológica, a metafísica e a positiva. As chamadas ciências positivas surgem apenas quando a humanidade atinge a terceira etapa, sua maioridade, rompendo com as anteriores... Em um sentido mais amplo, um tanto vago, o termo “positivismo” designa várias doutrinas filosóficas do século XIX, como as de Stuart Mill, Spencer, Mach e outros, que se caracterizam pela valorização de um método empirista e quantitativo, pela defesa da experiência sensível como fonte principal do conhecimento pela hostilidade em relação ao idealismo, e pela consideração das ciências empírico-formais como paradigmas de cientificidade e modelos para as demais ciências. Contemporaneamente muitas doutrinas filosóficas e científicas são consideradas “positivistas” por possuírem algumas dessas características, tendo este termo adquirido uma conotação negativa nesta aplicação.” JAPIASSÚ, 1996. p. 217.

<sup>263</sup> KORTNER, 2009. p.16.

terminando em fórmulas que, com o tempo, por sua vez necessitaram ser relidas, o que significa que a pretensão de fechar o sentido de um texto é vã e irreal.<sup>264</sup>

Uma perspectiva hermenêutica na ética retoma seu caráter dialógico com toda a radicalidade, pois compreender pressupõe uma abertura ao outro, ao mundo. Reafirma-se aqui que só se pode aprender pelo diálogo, porque nesse processo é o próprio sujeito quem se educa com o outro ao refletir e agir eticamente. O diálogo não é um procedimento metodológico, mas constitui-se na força do educar, do refletir e agir ético no sentido de uma constante confrontação do sujeito consigo mesmo, com suas opiniões e crenças, pela condição interrogativa na qual se vive e com o outro.

Tendo feito este percurso, entende-se que se por ética, no seu sentido mais amplo, é a teoria da conduta humana, seu caráter hermenêutico torna-se evidente e assim:

Uma teoria da conduta humana pressupõe que a vida humana e os mundos vivenciais humanos precisam ser compreendidos, e sempre são compreendidos, de uma forma específica, porque aquele que se vê confrontado com questões éticas não é um observador neutro da vida, mas sempre se encontra envolvido na mesma.<sup>265</sup>

Ao pensar no Jesus, narrado no Evangelho de Mateus, percebe-se que toda interpretação de um texto tem como ponto de partida o texto, assim como toda interpretação da vida tem na sua origem a própria vida. Não há como ocorrer uma arbitrariedade contingente, fortuita ou aleatória. A interpretação pretende ser leitura do texto transmitido. Quando em Mateus 9.2c, Jesus diz: “*Os seus pecados estão perdoados*”, isto é uma referência que Mateus parece fazer ao se remeter a um texto do profeta Isaías “*E os pecados de todos serão perdoados*”<sup>266</sup>, que ele está se referindo e, portanto, interpretando. Nota-se aqui um texto abrindo-se a uma interpretação. Ao fazer tal movimento, o ser humano coloca-se na posição de considerar que a relação entre vida, discurso<sup>267</sup> e texto não é dada como algo feito,

<sup>264</sup> CRATTO, 1986. p.23.

<sup>265</sup> KÖRTNER, 2009. p.185.

<sup>266</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Isaías 33.24b.

<sup>267</sup> “... constitui, ao mesmo tempo, a forma de apresentação e significação da linguagem (considerando-se que a linguagem torna manifesto e deixa ver a relação essencial entre ser e mundo, homem e linguagem), quanto a essência fundamental do homem, já que, sem discurso, não haveria meios de o homem descobrir e participar da relação essencial entre ser, mundo, homem e linguagem. O discurso é portanto, a essência da linguagem, a articulação significativa do homem em direção ao mundo. A função primeira do discurso é fazer ver o que é manifesto, função hermenêutica, e a função segunda do discurso é exprimir através de palavras o que foi

mas sempre sendo feito e a fazer, pois inexistiu uma institucionalização ao longo da história da formação social, de se controlar a divisão social da leitura, fazendo algo como um estabelecimento de quem tem e de quem não tem o direito de ler, interpretar e compreender, e ainda mais em que condições. Assim, todo texto carrega em si uma polissemia, que por sua condição de “tecido”, de “vida” é abertura e sendo isso, toda leitura de texto é uma produção de sentido que gera novas leituras e outras produções de sentido, onde a reserva de sentido é sempre explorada e nunca esgotada. Existe, segundo Croatto uma outra possibilidade, pois:

... a leitura como produção de sentido significa também uma apropriação do sentido. Estabelecendo-se uma espécie de dependência em relação ao texto interpretado e surge uma exigência de possuir todo o seu significado. Esse fenômeno é de uma violência tremenda na leitura de textos que tem muito impacto sobre a prática, como por exemplo textos religiosos, políticos ou ideológicos. A pretensão pelo sentido é totalitária e exclusiva: nada é compartilhado. Isto justamente por se tratar de uma “apropriação”. Não se pode deixar fissuras para outras leituras. No próprio ato de afirmar implicitamente uma reserva-de-sentido inesgotável no texto, o intérprete procura esgotá-lo, não deixando nada para outra leitura.<sup>268</sup>

A pretensão neste estudo não é esgotar as possibilidades de leitura, mas realizar uma leitura em que a perícopa estudada/comentada/interpretada expõe ao leitor e a si mesmo suas preocupações/tensões atuais, sejam elas comuns ou apenas singulares. E em reciprocidade, a perícopa (tecido) passa por uma renovação a partir do que foi exposto. É um nascer de novo e de modo novo. A interpretação de Mateus 9.2-8, que não é algo que acontece tão somente na relação entre o texto e o leitor, pois este último não poderia entender a palavra Jesus na perícopa citada se a mesma não emanasse à idéia na vida ética, esclarece o texto e a vida e estes se explicam/interpretam/compreendem em reciprocidade. Assim vê-se que “... a imagem que nos chega de Jesus através dos Evangelhos vem-nos a partir do seu falar e do seu agir.”<sup>269</sup> Esse falar e agir estão presentes em Mateus 9.2-8, onde tem-se a ética e a hermenêutica, que em Cristo sintetizam a Odisséia e o Êxodo.

---

manifesto, função apofântica: deixar ver a coisa discorrida.” FERREIRA, Acylene Maria Cabral. *A linguagem originária*. Salvador – Bahia. Editora Quarteto. 2007. p.55.

<sup>268</sup> CROATTO, 1986. p.31.

<sup>269</sup> HENRY, 2003. p.07.

### 3 O *Paralytikos*: vigor-de-ter-sido, atualidade e porvir

O mistério da existência possibilita o vigor da fé e  
o vigor da fé possibilita o mistério da existência.

Um não pode ser sem o outro  
embora nenhum origine sozinho o outro.  
É que existência e fé são cada qual em si.

*Emanuel Carneiro Leão*

Uma das qualidades de um texto é a sua delimitação, ou seja, um texto necessita ter início, meio e fim. “O contexto literário tem a ver com o lugar de uma determinada perícopes no contexto de qualquer um dos Evangelhos”.<sup>270</sup> É Riobaldo, uma personagem de Guimarães Rosa, na sua célebre obra “Grande Sertão: Veredas” quem diz:

Baixei, mas fui ponteando opostos. Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim, ruim, que de um lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo no meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado.<sup>271</sup>

É extremamente paradoxal, ao se tentar fazer demarcações, mesmo que provisórias, perceber que as demarcações são uma perspectiva vista de um ponto, ou seja, as demarcações não somente são provisórias, como também ilusórias. Neste jogo de provisoriedade e ilusão, tenta-se fazer a demarcação.

A perícopes em questão tem seu início em 9.2 e o seu fim em 9.8, apresentando-se de maneira coerente, pois seu conteúdo possui uma mensagem específica que difere tanto da perícopes anterior, como também a posterior. Assim, apesar da perícopes anterior ter em comum com a perícopes em estudo um relato de milagre, cada um desses milagres possui uma mensagem própria, entendendo sempre que “um texto tem em suas margens muitos outros textos.”<sup>272</sup>

<sup>270</sup> FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* São Paulo: Vida Nova, 1984. pág. 105.

<sup>271</sup> ROSA, João G. *Grande sertão: veredas*. 22ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p.206-207.

<sup>272</sup> ORLANDI, 2005. p.110.

Pode-se estabelecer a delimitação do início desta perícopie pelo final da perícopie anterior que estabelece uma mudança de lugar ao dizer: “*Jesus entrou num barco, voltou para o lado oeste do lago e chegou à sua cidade*”.<sup>273</sup>

Esta perícopie, ao mesmo tempo em que estabelece o limite entre os perícopes, é também uma passagem, uma ligação entre a perícopie em estudo e a perícopie anterior.

No que se refere à delimitação do fim desta perícopie, pode-se identificá-la em 9.8 quando o autor bíblico diz: “*Quando o povo viu isso, ficou com medo e louvou a Deus por dar esse poder a seres humanos*”.<sup>274</sup>

No versículo 9.9, que é o início da perícopie posterior, existe uma mudança de lugar, apesar de aparentemente de uma forma geral, continuar em Cafarnaum, pois assim diz o texto “*Jesus saiu dali e, no caminho...*”<sup>275</sup> significa um outro espaço em Cafarnaum e um outro tempo.

Além disso, percebe-se alterações. Inicialmente alteração de gênero, pois enquanto a perícopie em estudo apresenta um relato de milagre, a perícopie posterior apresenta um relato de chamado, no caso o chamado de Mateus. Outra alteração diz respeito aos personagens, saem o “*paralytikos*” e “*algumas pessoas*” e entram Mateus e “*muitos publicanos*”.

A perícopie anterior tem seu início em 8.28 e seu fim em 9.1, ao afirmar que aquela cidade foi ao encontro de Jesus e regoram ao mesmo que se retirasse da cidade. Tem-se, pois, a conclusão desta perícopie com Mateus 9.1, que assim diz: “*Jesus entrou num barco, voltou para o lado oeste do lago e chegou à sua cidade*”.<sup>276</sup> Dito isso, pode-se fazer a divisão desta perícopie em três (03) partes:

A primeira parte é composta pelos versículos 9.2-3, que começa com a expressão “*Então*”, que dá um ritmo sincrônico e velocidade ao texto, além de apresentar o problema.

A segunda parte é formada pelos versículos 9.4-6. Nestes versículos estão centralizadas as falas de Jesus e a sua ação. É interessante notar aqui que as palavras de Jesus não são dissociadas de sua ação, sendo assim, o falar e o agir de Jesus fazem parte de uma única dimensão, um acontecimento, seu compromisso

<sup>273</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.1.

<sup>274</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.8.

<sup>275</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.9.

<sup>276</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.1.

ético. É, portanto, aqui que se tem o problema: discussão sobre a autoridade de Jesus em perdoar pecados.

A terceira parte desta perícopé é a sua conclusão, percebida nos versículos 9.7-8, onde são relatados a concretização do milagre e a reação da multidão.

### 3.1. “Levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa.”

O Evangelho de Mateus, entre outras possibilidades, parece usar essa história para mostrar o exemplo dos novos poderes dos cristãos. No evangelho de Marcos, sua função é levemente diversa: é a primeira dentre uma série de narrativas de controvérsia, das quais Mateus inclui duas, nos vss. 10-15. Parte dos críticos supõe que o âmagô original é uma narrativa simples de como Jesus viu a fé do *paralytikos*, e disse: “-*Levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa.*”<sup>277</sup> Ao se afirmar que Jesus “viu a fé do *paralytikos*”, visita-se na realidade o campo do mistério, pois, “... *um cristão nunca sabe se crê realmente. Pois a fé não é uma questão de saber. (...) O cristão crê simplesmente, aceitando com simplicidade a graça da fé.*”<sup>278</sup> Segundo tal teoria, foi adicionada à narrativa a tradição da controvérsia sobre o perdão de pecados, talvez antes de Marcos haver recebido a narrativa. Contudo, pode-se argumentar que a controvérsia faz parte do original da história e que o homem fora perdoado/curado. Isto faz parte da narrativa de um milagre, do que se pode denominar de contexto menor.

No que se refere ao contexto maior percebe-se em Mateus, toda uma série de narrativas de milagres de Jesus, que se encontra reunida nos capítulos 8 e 9. Logo após o sermão da montanha, Mateus reuniu dez milagres de Jesus (Mt 8-9), que, intuindo Mateus, servem de comprovante da Palavra de Vida em Jesus. São os seguintes os milagres relatados: Mt. 8.1-4, cura do leproso ; Mt 8.5-13, cura do servo do centurião; Mt 8.14-17, cura da sogra de Pedro; Mt 8.23-27, a tempestade acalmada; Mt 8.28-9.1a, libertação de dois possessos; Mt 9.2-8 cura do “*paralyticos*”; Mt 9.18-26, a filha do chefe da sinagoga/a hemorroissa curada; Mt 9.27-31, os dois cegos recuperam a vista; Mt 9.32-34, o possesso mudo é libertado. Percebe-se assim, que Mateus tem a tendência de agrupar informações semelhantes.

<sup>277</sup> Bíblia de Estudo NTLH. 2005. Mateus 9.6c.

<sup>278</sup> LEÃO, 2000. p. 16.

É possível que o Evangelho de Mateus preserve a versão mais próxima do original, cuja narrativa pode ser lida nos outros sinóticos. Deve ser então, uma narrativa bastante difundida sobre Jesus e o “*Paralytikos*” de Cafarnaum. Deveria ser uma história muito importante para os judeus que viviam na diáspora<sup>279</sup>, fora da Palestina, portanto, fora de casa, precisando/intencionando realizar a Odisséia.

Em seu texto, Mateus parece não se sentir obrigado a moldar a narrativa de uma forma que creia ser mais apropriada a sua comunidade, pois, para ele é provável que o milagre, a Palavra de Vida tenha mesmo acontecido dessa maneira. Essa forma de revisionismo construtivo, ou melhor, de uma hermenêutica que é eminentemente ética e ao viver plenamente reconstrói o passado, o vigor-de-ter-sido. As palavras de Jesus e a forma como Mateus relata as histórias são as que ele acredita abordarem com mais força e mais proveito os problemas e as pessoas de sua comunidade. Para Mateus, esta versão alcança esses objetivos. “*Também é claro que Mateus, como os outros evangelistas, está interessado em formar e reformar o comportamento, crenças e atitudes do cristão.*”<sup>280</sup>, como por exemplo, a própria perícopos em estudo.

A cura do “*paralytikos*” em 9.2-8 desenvolve o tema da autoridade de Jesus em perdoar pecados, como também do seu exercício ético, tanto no que se refere à Palavra humana, como também à Palavra Divina, tratando com franqueza a origem da autoridade com a qual Jesus atua. No centro de toda a discussão está a oposição entre o pecado e o perdão. Seguindo Marcos, Mateus trata abertamente essa questão, que até agora foi tema latente na narrativa. Jesus cura o “*paralytikos*” dizendo: “*os teus pecados estão perdoados*”<sup>281</sup> e, assim, provoca o primeiro conflito público com os líderes locais que, neste caso, são escribas. Jesus e, por meio dele, a comunidade mateana, como o autor afirma várias vezes, têm a autoridade de perdoar (ou não) os pecados? Os escribas chamam isso de blasfêmia, exatamente a acusação que volta à tona na passagem do julgamento quando perguntam a Jesus: “*Você é o Messias, o Filho de Deus?*”<sup>282</sup>

<sup>279</sup> **Nota do autor:** Os judeus da diáspora eram uma minoria importante, bem estabelecida e, em geral, muito estimada. As comunidades judaicas eram respeitáveis e de bom tamanho, em Alexandria, Egito, em Roma, em Sardes na parte oriental da Turquia atual (antiga Ásia Menor). Essas comunidades judaicas deram contribuições significativas à vida cultural e cívica de seus contextos da diáspora. Havia uma animada troca de idéias entre essas importantes comunidades e as culturas não-judaicas dominantes vizinhas.

<sup>280</sup> MEEKS, Wayne A. *O mundo moral dos primeiros cristãos*. Tradução de João Resende. São Paulo – São Paulo. Paulus. 1996. p. 126.

<sup>281</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Mateus 9.2c.

<sup>282</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Mateus 26.63.

Que “pecado” o *“paralytikos”* pode ter cometido? Fica-se sem saber; contudo, sabe-se que no mundo antigo, as doenças eram associadas a algum tipo de falha com os deuses, ou pecado. Na verdade, Jesus admite que não precisava dizer: “Os seus pecados estão perdoados”.<sup>283</sup> Mas para deixar claro que pode fazê-lo, diz: “Os seus pecados estão perdoados”. A questão da autoridade (quem está no comando, quem estabelece as regras e as interpreta e, acima de tudo, quem fala pelo Deus de Israel) surge como asserção principal. É a questão fundamental que vem em primeiro plano, no início do capítulo 9 e vai se formando em toda a narrativa.

A fé, “... que só pode ser mesmo objeto de Fé...”<sup>284</sup>, respeitada por Jesus em Mateus é aspecto importante desta história. Nos sinóticos, é um grupo de pessoas que traz o *paralytikos* (em Lc 5.20 ele é “homem”) para ser curado. Ao ver a fé daquelas pessoas, isto é, a fé expressa<sup>285</sup> pelos que agiam em favor do *paralytikos*, Jesus, em sua ação ética é movido a perdoá-lo e curá-lo. Nesta história, atos de fé efetuam mudança e cura mesmo em situações particulares.

“Para que saibais que o Filho do Homem tem poder na terra de perdoar pecados”<sup>286</sup> é o propósito da história e, na verdade, das outras histórias de cura e perdão que conduziram a esta. O título “Filho do Homem” remonta a Dn 7 e data aproximadamente de 165 a.C. O Filho do Homem é figura redentora celestial e coletiva conhecida entre grupos apocalípticos de Israel deste período. A condição eficaz em Mt 9.6 é, provavelmente, ter “autoridade na terra” de perdoar pecados. O Filho do Homem é figura celestial com autoridade celestial. Jesus proclama, como Filho do Homem, que tem poder na terra de perdoar pecados.<sup>287</sup> Mateus enfatiza esse ponto na conclusão da narrativa de Cafarnaum, na qual escreve quando afirma: “Quando o povo viu isso, ficou com medo e louvou a Deus por dar esse poder aos seres humanos.”<sup>288</sup> Mc 2.12 e Lc 5.26 concluem com “Nunca vimos coisa igual!” e “Hoje vimos coisas estranhas!”, respectivamente. Só Mateus volta a enfatizar a questão da autoridade em 9.8, na conclusão da história. Para Mateus, mais do que para qualquer outro, os milagres de Jesus têm o propósito de

<sup>283</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.5.

<sup>284</sup> LEÃO, 2000. p. 16.

<sup>285</sup> “A vigência da fé, em que mora e vive o cristão, é um espaço de verdade originária, isto é, irreduzível, indeclinável e incompreensível para a atitude interrogativa do filósofo.” LEÃO, 2000. p. 16.

<sup>286</sup> **Bíblia Sagrada revisada Almeida.** Mateus 9.6.

<sup>287</sup> **Nota do autor:** baseado na nota de rodapé de Marcos 8.31. **Bíblia de Estudo NVI** – Nova Versão Internacional / Organizador Geral Kennet Barker; Co-organizadores Donald Burdick... (et al.). São Paulo. Editora Vida. 2003. p. 1693.

<sup>288</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.8.

demonstrar a autoridade que Ele recebeu de Deus. Essa autoridade foi transmitida à comunidade mateana como herdeira da mensagem e da autoridade de Jesus.

Desde o início da sua vida pública, a palavra que Cristo dirige aos homens impressiona pelo seu tom e pela sua autoridade. Jesus terminara assim o seu discurso. As multidões eram tocadas pelo seu ensinamento porque ele ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.<sup>289</sup>

A narrativa vai se encerrando exatamente com as multidões (*ochloi*), que se admiram, temem e dão glórias, porque o poder foi dado “aos homens” (*anthropois*). Quem são esses homens? A comunidade de fé, que recebe poder. Agora a comunidade tem o mesmo poder de perdoar. Receberam esse poder de Jesus, que o recebeu de Deus. O milagre aqui parece ter a finalidade de reforçar a afirmação de Mateus, onde não se deve esquecer que “o decisivo no milagre é sua significância salvífica. Traduzindo: ‘O que Deus quis com isso?’”<sup>290</sup>, pois segundo Brakemeier, “... o problema mais candente dos milagres de Jesus reside na pergunta pela função dos mesmos.”<sup>291</sup>

### 3.2. Texto e simetria.

A perícope em estudo, enquanto grande gênero literário do Novo Testamento é classificada como Evangelho, no caso o de Mateus. Como sub-gênero esta perícope é um relato de milagre.

Esta análise está dentro do campo hermenêutico e através desta leitura busca-se produzir em seu estudo uma possibilidade de análise do texto, pois:

Felizmente para o moderno estudioso da bíblia, a análise literária tem produzido um corpo substancial de conhecimento concernente às características dessas formas literárias e dos princípios necessários para interpretá-las adequadamente.<sup>292</sup>

Dentro da análise literária percebemos a existência de uma estrutura simétrica, tal como está disposto abaixo:

#### 9.2. Pessoas trazem (ação) para Jesus ver (visão);

<sup>289</sup> HENRY, 2003. p. 50.

<sup>290</sup> SANTOS, Manuel Augusto. *Para uma teologia do milagre*. Teocomunicação. Vol. 1, nº 1. Porto Alegre. PUC, 1970. p.894.

<sup>291</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *Evangelho e milagre sob a perspectiva do Novo Testamento*. Estudos Bíblicos nº 01. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. EST. 1975.

- 9.3. Falação, acusação e não-ação;
- 9.4. Percepção de Jesus (Jesus fala de forma interrogativa);
- 9.5. O Pecado e o Perdão;
- 9.6. Percepção das pessoas (Jesus fala de forma afirmativa);
- 9.7. Silêncio, aceitação e ação;
- 9.8. As pessoas vêem (visão) o que Jesus faz (ação).

Esta relação simétrica tem como centro o binômio pecado-perdão, que se movimenta em um processo de expansão ou contração em relação aos demais eixos da estrutura simétrica.

### 3.3. Fontes e paralelos.

Existem várias hipóteses quanto às origens das fontes dos evangelhos, a saber: hipótese da utilização recíproca, do evangelho primitivo, dos fragmentos, da tradição oral e das duas fontes.<sup>293</sup>

Os trechos paralelos de Mateus 9.2-8 são Marcos 2.3-12 e Lucas 5.18-26, pelo que a fonte informativa é o protomarcos (hipótese das duas fontes).

À luz de Marcos e Lucas, tem-se a impressão de que o perdão e a cura em Cafarnaum ocorreram antes da pregação do Sermão do Monte. Porém o lugar que esse material tem em Mateus, isto é, o nono capítulo, tão afastado do quinto para o sétimo capítulo, onde se acha registrado o Sermão do Monte, poderia levar o leitor descuidado a imaginar que esse milagre tivesse sucedido muito depois da pregação do Sermão. Visto que a disposição em Mateus é mais temática do que cronológica, este relato de Mateus 9.2-8, não é introduzido por qualquer referencia a um tempo específico. Ele simplesmente declara: *“E eis que Ihe trouxeram...”* Marcos e Lucas, ainda que não deixando dúvida quanto à questão do que ocorreu antes, não conseguem satisfazer a nossa curiosidade quanto a exatamente quando essa cura ocorreu. Enquanto Marcos registra: *“depois de alguns dias”*, Lucas registra *“num daqueles dias”*.

Voltando para o relato de Mateus, o mais breve dos três, nota-se primeiramente que ele simplesmente menciona que um *paralytikos* estava sendo trazido a Jesus. Aqui não se indica a forma exata como foi posto diante de Jesus. O grau de gravidade não é especificado em qualquer dos três relatos. Ele é descrito

<sup>292</sup> VIRKLER, 2001. pp. 121-122.

<sup>293</sup> CULLMANN, 2001. pp.17-18.

como estando deitado num “leito” ou esteira de dormir. Os amigos ou parentes o haviam carregado até Jesus. O próprio *paralytikos* consentira (quem sabe até mesmo tivesse sugerido!?) em ser assim conduzido. Teria havido um consentimento mútuo, e isso foi concretizado. A fé desses homens consistia simplesmente em crerem eles que Jesus estava disposto e podia realizar a cura? Ou incluía também a confiança de que Jesus aliviaria o *paralytikos* do fardo de sua culpa? Ainda que isso não possa ser comprovado, não parece provável à luz da narrativa de que, antes de fazer qualquer coisa, Jesus lhe tenha assegurado o perdão?

Uma coisa estranha ocorre. Geralmente, quando Jesus é confrontado com uma pessoa doente, cega ou um *paralytikos*, é esta que inicia o diálogo, ou algum de seus amigos ou parentes, com uma solicitação para a cura (8.2,5; 9.18,27; 15.21; 17.14,15; 20.30; Mc 1.30). No presente caso, contudo, nem os homens que carregaram o *paralytikos* até essa casa e o colocaram diante de Jesus falam alguma coisa e assim também se comporta o próprio *paralytikos*. Nenhuma palavra, porém, de qualquer um deles, se faz necessária. Jesus compreende plenamente. O que acontece aqui é a plenitude da Palavra de Deus. É Jesus que ama e cuida, e então se dirige ao *paralytikos*. A primeira coisa que Jesus diz a ele é: “*Coragem*<sup>294</sup>, filho!” Quanto ao termo “filho”, expressa carinho. Combinado com “coragem”, que “... *pode mostrar-nos o que é o ser... coragem como um ato humano, como matéria de avaliação, é um conceito ético...*”<sup>295</sup> testemunha a compaixão e a ternura de Jesus, em que ele afasta o constrangimento e a tristeza do *paralytikos*. Parece justificada a inferência de que o que mais deveria preocupar o *paralytikos* não era o estado de seu corpo, e, sim, o estado de pecado. Daí, antes mesmo de fazer qualquer outro pronunciamento, Jesus lhe concede perdão. Justifica-se também a conclusão adicional, ou seja, que no caso desse homem o pecado e a doença fundiam-se um ao outro na relação de causa e efeito, no sentido em que uma vida dissoluta lhe havia acarretado essa enfermidade? Que havia tal relacionamento, geralmente se pressupõe. Não obstante, não há nada no texto ou no contexto que o comprove. Tudo o que se sabe é que aquele homem era um *paralytikos* que juntamente com seus amigos estão profundamente preocupados com seu estado. Que o pecado

---

<sup>294</sup> “... a franco-inglesa *courage* se deriva do francês *couer*, coração.” Na nota de rodapé nº 02 referente a esta afirmação assim temos: “A etimologia de “coragem”, em português, é semelhante, vem do latim *cor*, *cordis* – coração. (Nota do tradutor)” TILLICH, Paul. *A Coragem de ser*. Tradução de Eglê Malheiros. 3ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976. p.05.

<sup>295</sup> TILLICH, 1976. p.02-03.

resultara em sua doença não se declara e provavelmente nem mesmo seja subentendido. Quem fala de pecado é o Jesus de Mateus. O *paralytikos* e seus amigos estão preocupados com a paralisia, e esperam que ocorra a cura.

E o texto prossegue: “Os mestres da Lei e os fariseus começaram a pensar. - Quem é este homem que blasfema contra Deus desta maneira? Ninguém pode perdoar pecados; só Deus tem esse poder.”<sup>296</sup> Unicamente ele sabe o que vai no coração humano, se está ou não verdadeiramente arrependido. Basicamente, pois, nenhum outro tem o direito nem o poder de conceder perdão. Os escribas estavam certos em considerar a remissão de pecados como sendo da alçada de Deus, pois “como o Oriente está longe do Ocidente, assim ele afasta de nós os nossos pecados.”<sup>297</sup> Seguramente, há um sentido em que os seres humanos também perdoam, ou seja, quando sinceramente resolvem não se vingar, mas, ao contrário, amar, promovendo o bem-estar e praticando o “perdoa as nossas ofensas, como também perdoamos as pessoas que nos ofenderam.”<sup>298</sup> Basicamente, porém, na forma descrita, é unicamente Deus quem perdoa. Daí, como os escribas o entendem, Jesus, ao dizer ao *paralytikos*: “Teus pecados serão perdoados”, está reivindicando para si uma prerrogativa que pertence exclusivamente a Deus. Aqui, uma vez mais, os escribas estavam certos. Agora, porém, seu pensamento chega a uma bifurcação da estrada e tomam uma direção errada. Uma de duas coisas: ou Jesus, por implicação, é o que alega ser, isto é, o enviado de Deus, o que fala em nome de Deus, ou blasfema, no sentido de que ele injustamente reivindica atributos e prerrogativas de Deus. Os escribas optam pela segunda opção, pois são fariseus legalistas.

Eles não só cometem esse erro, mas, como o contexto seguinte o indica, o aumentam raciocinando algo assim: “É muito fácil para ele dizer: ‘Seus pecados estão perdoados’, pois ninguém pode contradizê-lo, já que ninguém é capaz de ver o coração de seu próximo ou entrar na presença de Deus e perscrutar suas decisões quanto a quem é e a quem não é perdoado.” Como entendem o caso, Jesus é tanto blasfemo quanto leviano. No que agora Jesus diz e faz, ele aniquila as falsidades e as conclusões deles:

<sup>296</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Marcos 2.7; Lucas 5.21

<sup>297</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Salmos 103.12

<sup>298</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 6.12.

Conhecendo Jesus seus pensamentos, disse-lhes: “Por que vocês pensam maldosamente em seus corações? Que é mais fácil dizer: Os seus pecados estão perdoados, ou: Levante-se e ande? Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados” – disse ao paralítico: “Levante-se, pegue a sua maca e vá para a sua casa.”<sup>299</sup>

Ele conhecia os pensamentos deles, pois “... e ninguém precisava falar com ele sobre qualquer pessoa, pois ele sabia o que cada pessoa pensava.”<sup>300</sup> Não fosse ele Deus, não teria como conhecê-los (Sl 139). Ao questionar os escribas, Ele os repreende. As cogitações deles eram perversas, porque falsamente o acusavam. Jesus procura saber por que falavam assim. Que examinem seus próprios corações. Não foi com o intuito de apanhá-lo em alguma falta que haviam vindo aqui hoje, com o propósito de destruí-lo? Quanto ao que era mais fácil, dizer: “*Teus pecados serão perdoados*”, ou dizer: “*Levantando-te...*”, não requer ambas as coisas em igual medida Palavra de Deus, Palavra de Vida? Portanto, se Jesus pode fazer uma dessas coisas, pode ele também executar a outra, para que soubessem que ele é humilde, que tem sua origem no latim “... *húmus, que é terra fértil e na origem, significa chão. A palavra ‘humildade’ é a mesma da origem húmus, da qual deriva a palavra humano*”<sup>301</sup>, portanto, cada ser humano tem o mesmo nível de dignidade, de possibilidade de ação. Neste sentido, sendo humilde, Jesus fala e age. A fala de Jesus é Palavra humana e Palavra de Deus, em sua plenitude, sem dicotomia, sendo essencialmente ética.

No livro dos Princípios, abertura do texto bíblico, em uma narrativa conhecida como o “relato da queda”, assim pode ser lido: “*Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó e ao pó voltará.*”<sup>302</sup> Assim, o ser humano do pó veio, ao pó voltará! O que isto significa? Que em relação à dignidade do ser humano, todos estão no mesmo nível. Seres humanos que não possuem essa virtude, não conseguem viver a vida na sua plenitude, exatamente porque não têm humildade<sup>303</sup>. Assim, esse humilde, auto-intitulado, o Filho do homem, tem o divino direito e poder de perdoar pecados... aqui, Mateus acrescenta: “*Diz então ao paralítico*”, sendo as seguintes palavras dirigidas a este: “*Levantando-te, pega o teu leito e vai para a tua casa.*” As primeiras duas

<sup>299</sup> **Bíblia de Estudo NVI.** 2003. Mateus 9.4-6.

<sup>300</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. João 2.25.

<sup>301</sup> SILVA, 2004.p.433.

<sup>302</sup> **Bíblia de Estudo NVI.** 2003. Gênesis 3.19.

<sup>303</sup> **Nota do autor:** A doutrina cristã tornou virtude o que era considerado pejorativo.

ações indicadas na ordem dada por Jesus, são obedecidas imediatamente; a terceira (ir para casa) é realizar a Odisséia, voltando para dentro de si mesmo.

E o texto prossegue: “*O homem se levantou e foi para casa.*”<sup>304</sup> Por meio da Palavra de Deus em Jesus, o perdão e a cura se efetuam, pois o homem acreditou que ele era capaz de fazer o que havia sido dito. E assim ele agiu com base nessa fé, foi curado/perdoado e seguiu seu caminho, buscando voltar para casa, para sua morada.

Na esfera do visível, Jesus operou um milagre que simultaneamente comprovou que também no universo do invisível ele exercia sua Palavra Divina. Ele deu a esse homem um corpo saudável, mas também, e em simultaneidade, uma “alma”, uma vida saudável, restabelecendo a dignidade, pois, “*Teus pecados serão perdoados*”.

Os escribas reconheciam sua derrota? Pelo menos reconheceram que Jesus justificou sua reivindicação? Sobre isso Mateus guarda silêncio. E assim também Marcos e Lucas. A seqüência parece indicar que não reconheceram nada, e que se tornaram cada vez mais hostis (Mt 9.11,34; 12.2,14,24; Mc 2.16,24; 3.2,5; 3.22; Lc 5.30; 6.2,7,11). Quanto ao povo em geral, sua reação se acha assim descrita: “*Quando o povo viu isso, ficou com medo e louvou a Deus por dar esse poder a seres humanos*”.<sup>305</sup> De acordo com Mateus, o povo “estremeceu”, ou “ficou pasmo”; Marcos traz “atônitos” ou “assombrados”; Lucas, “apoderados de perplexidade” ... e “cheios de medo”. Todos relatam que o povo “glorificava a Deus”. Mateus acrescenta: “doador de tal autoridade aos seres humanos.” Não se pode interpretar isso no sentido em que o povo em geral agora entendia que Jesus era Deus.

É importante lembrar que uma característica geral de Mateus é a constante citação da Bíblia hebraica, para ele o termo de referência, de onde se extrai toda autenticidade e legitimidade: “*tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito por meio do profeta.*”<sup>306</sup> Esta frase, que introduz citações da Bíblia hebraica, reaparece em Mateus cerca de onze vezes, com pequenas variantes (Mt 1.22; 2.15.23; 4.14; 8.17; 12.17; 13.35; 21.04; 26,54.56; 27.9)

Mateus cita a Bíblia mais de sessenta vezes, sem contar as inumeráveis alusões que faz dela sem mencioná-la explicitamente; para aqueles que o ouvem,

<sup>304</sup> Bíblia de Estudo NTLH. 2005. Mateus 9.7.

<sup>305</sup> Bíblia de Estudo NTLH. 2005. Mateus 9.8.

<sup>306</sup> Bíblia de Estudo NTLH. 2005. Mateus 1.22

uma simples frase, uma simples palavra, remete à matriz bíblica da qual todo o Novo Testamento tem a sua marca e é interprete. Contam-se, 329 casos de semitismos flagrantes em Mateus, que recorre freqüentemente a expressões judaicas tomadas de empréstimo às liturgias das sinagogas e do Templo.<sup>307</sup>

Os paralelismos que caracterizam o estilo da Bíblia hebraica são cultivados por Mateus a ponto de fazer deles um procedimento. Paralelismos<sup>308</sup>, quiasmos<sup>309</sup>, inclusões, citações de palavras ou sentenças revelam com evidência um autor hebreu vivendo em um meio da Judéia e de tradições judaicas, do ensinamento da Bíblia e das tradições dos rabis.

O evangelho de Mateus, com todo o seu entusiasmo, ilumina a pessoa de Jesus, como é feito em Mateus 9.2-8, em que reconhece o messias, anunciado por Deus, adaptando, às vezes livremente, o texto profético que cita no sentido da verdade que ele quer ensinar. Exalta, assim, a pessoa e a obra de Jesus anunciadas pelos profetas e desejadas por Deus para salvar Israel e conduzir o mundo para o Reino dos Céus. Segundo Holderlin: *“Ora, onde mora o perigo/ é lá que também cresce/ o que salva.”*<sup>310</sup> O que significa salvar? Às vezes se pensa de forma ingênua que salvar é tão somente remover a tempo, da destruição aquilo que está sob a ameaça de em permanecer a ser o que vinha sendo. Entretanto, “salvar” é muito mais que isso, pois é atingir a essência, buscando deixá-la aparecer em sua própria luz.

Mateus, mais que Marcos, descreve em Jesus esse Salvador. Ele o faz através de menções quase imperceptíveis, eliminando de seu relato tudo que pode lembrar a humanidade de sua pessoa, tal como o faz em 9.2-8, sobre a qual Marcos, ao contrário, insiste freqüentemente. Mateus situa seu salvador num plano sobrenatural, enfatizando a grandeza de seus milagres, ou seja, da palavra de Deus que acontece em Jesus.

<sup>307</sup> Cf. MOSCONI, Luis. *O Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus*. 1998. p. 25-28.

<sup>308</sup> Relação de equivalência, por semelhança ou por contraste, entre dois ou mais elementos. Em poesia, *paralelismo* é o termo que designa, habitualmente, a correspondência rítmica, sintática e semântica entre estruturas frásicas. *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.fesh.unl.pt/edtl>> Acessado em 09 de abril de 2010.

<sup>309</sup> Do grego *Khiasmus*, «cruzamento», é uma figura de estilo que se traduz pela inversão da ordem das palavras (o que poderá conduzir à repetição das mesmas) e de duas frases que se opõem, permitindo não só diversificar o ritmo frásico, bem como levar à obtenção de certos efeitos semânticos, a partir da posição que as palavras ocupam no enunciado. *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.fesh.unl.pt/edtl>> Acessado em 09 de abril de 2010.

<sup>310</sup> HOLDERLIN *apud* HEIDEGGER, 2008. p. 31.

### 3.4. Portas de entrada.

Não se tem a pretensão de aqui oferecer a chave definitiva de interpretação da narrativa em estudo, mesmo que ela existisse, mas apenas ofertar mais uma chave de leitura desse diverso e plural texto na sua perspectiva hermenêutica. Serão consideradas três palavras-chave nesta narrativa: pecado, perdão e *paralytikos*.

Ao se abordar o pecado no Antigo Testamento, vê-se que o israelita não faz distinção entre a ação e aquele que a realiza. Uma ação é sempre a expressão daquele que a faz. “A abrangência do conceito de pecado inclui desde a transgressão de normas até a profundidade ontológica do ser humano, o que explica a ampla terminologia bíblica, perpassando o Antigo e o Novo Testamentos.”<sup>311</sup>

A visão que Israel tinha do mundo se caracteriza por um otimismo. A bondade foi vinculada à terra dos homens, habitação da luz e da vida. O Deus que criou é seu sustentador. É má qualquer tentativa de por em perigo a vida do mundo criado por Deus e de ameaçar o livre desabrochar das forças de vida. O pecado, portanto, se define em relação a Deus, garantia da vida e do bem. Contudo, a vida e a morte, como o bem e o mal, não são considerados contrários. A experiência obriga a admitir a existência de outras forças, que se opõem a estas.<sup>312</sup>

Mateus 9.2-8 aborda a ideia que Jesus perdoa também enquanto liberta o homem de sua condição de *paralytikos*. A Palavra de Deus liberta do pecado, o maior de todos os males: “Então algumas pessoas trouxeram um paralítico deitado numa cama. Jesus viu que eles tinham fé e disse ao paralítico: “- Coragem meu filho! Os seus pecados estão perdoados”.<sup>313</sup>

Numerosas são as palavras com a significação de pecado na Bíblia. O termo usado mais freqüentemente vem de uma raiz significando extraviar-se, errar seu alvo. Ação boa é aquela que atinge resultado positivo; ação pecaminosa, pelo contrário, não conduz a resultado algum. Na Bíblia são numerosos os “pecadores”, cujas ações são definidas como desvio. Outra palavra corrente para pecado vem de uma raiz que designa algo torto, curvo. Aqui a ação pecaminosa se opõe à ação direta. Portanto, o pecado é aquilo que se afasta do sagrado, tudo que se opõe à Palavra de Deus, a própria vida. Ora, o ser humano na Bíblia não é considerado como indivíduo isolado, pois o Antigo Testamento sempre o vê onde ele está, isto é,

<sup>311</sup> Dicionário Brasileiro de Teologia/ Fernando Bortolletto Filho, Organizador. São Paulo. ASTE, 2008.p. 767.

<sup>312</sup> <http://www.infoescola.com/religiao/pecado/>> Acessado em 15 de março de 2010.

<sup>313</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.2.

na vida, e esta só está presente onde o ser humano é posto em relação com outros seres humanos, na comunidade. Assim, o pecado é aquilo que danifica a aliança ou a comunidade, aquilo que as põe em perigo. Em outras palavras, quando se peca, é sempre em relação a outro, seja ser humano, seja Deus. O pecado, portanto, é o aspecto de uma relação, tal como a justiça. É produto e também violação de um dever que se havia aceitado. Vê-se que a noção de pecado abrange toda a vida do indivíduo, bem como a da nação, ou contra o bem de seu próximo, contra os fracos e os pequenos, a viúva, o órfão.<sup>314</sup> *“...awôn, péshâ e râshâ, três dentre os termos mais expressivos do Antigo Testamento para referi-se ao pecado, mais denunciam atitudes de vida do que simplesmente atos isolados”*.<sup>315</sup>

No Antigo Testamento, encontra-se o Livro denominado Levítico que consiste num conjunto de normas e leis para orientar e disciplinar a vida daquele povo. Para os seguidores desta cultura religiosa, *“tanto a doença crônica quanto a deficiência física ou mental, e mesmo qualquer deformação por menor que fosse, indicava um certo grau de impureza ou de pecado”*.<sup>316</sup> Neste livro, tem-se um exemplo desta concepção a respeito das pessoas com deficiência:

O senhor Deus disse a Moisés o seguinte: - Diga a Arão que nenhum descendente dele que tiver algum defeito físico poderá me apresentar as ofertas de alimentos. Essa lei valerá para sempre. Nenhum homem com defeito físico poderá apresentar as ofertas: seja cego, aleijado, com defeito no rosto ou com o corpo deformado; ninguém com uma perna ou braço quebrado; ninguém que seja corcunda ou anão; ninguém que tenha doença nos olhos ou que tenha sarna ou outra doença de pele; e ninguém que seja castrado. Nenhum descendente do sacerdote Arão que tiver algum defeito poderá me apresentar as ofertas de alimento; se ele for defeituoso, estará proibido de oferecer o meu alimento. Esse homem poderá comer dessas ofertas, tanto as que são sagradas como as que são muito sagradas; mas ele não poderá chegar perto da cortina do Lugar Santíssimo; nem chegar perto do altar, pois tem um defeito e tornaria impuras essas duas coisas. Eu sou o Senhor, e as dediquei a mim.<sup>317</sup>

Entretanto, do mesmo escrito em que esse texto foi retirado, encontra-se também um outro, que assim afirma: *“Não amaldiçoe um surdo, nem ponha na frente*

<sup>314</sup> Cf. Dicionário Vine. O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento. W.E. Vine; Merryl F. Unger; William White Jr. Tradução Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro – RJ.Ed CPAD.2002.p.218.

<sup>315</sup> MOSER, 1996. p. 221.

<sup>316</sup> SILVA, 1986. p.74.

<sup>317</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Levítico 21.16-23.

*de um cego alguma coisa que o faça tropeçar. Tenha respeito comigo, o seu Deus. Eu sou o Senhor*”.<sup>318</sup>

O Novo Testamento não considera a obediência irrefletida aos mandamentos como ideal, pois segundo Mateus, Jesus disse: “- *Felizes as pessoas que têm o coração puro, pois elas verão a Deus.*”<sup>319</sup>, portanto, o homem deve purificar o seu coração de forma a execrar o mal. A contraparte desta verdade é que o bem deve ser feito por amor a Deus e ao próximo, “... *pois eles pela prática sabem a diferença entre o que é bom e o que é mau.*”<sup>320</sup> Tendo o cristão a capacidade de fazer tal distinção, mostra-se o Evangelho como aquele que previne contra o legalismo, isto é, a ausência de coração no cumprimento dos mandamentos. É por amor e misericórdia que se deve socorrer o desafortunado, perdoar o próximo e, sendo necessário, dar a vida pelos irmãos.

Em Mateus, Jesus denuncia a hipocrisia como vício particularmente perigoso, pois ela realiza ações pretensamente boas para estar “em dia” com Deus e para adquirir méritos. A hipocrisia facilmente se une à vaidade, outro pecado que está à espreita dos piedosos e os impele a fazer-se ver e ser louvado pelos homens, por causa do “bem” que fazem (Mt 23). Compreende-se, pois, que a maneira cristã de ver as coisas se opõe inteiramente ao conceito farisaico de pecado, segundo o qual a violação da lei do sábado é pecado pior do que a falta de amor. Eles não compreendem que aquilo que contamina o homem é o que sai de seu coração mau (Mc 7.15).<sup>321</sup>

É verdade que o quarto evangelho e as epístolas de João facilmente identificam a ausência<sup>322</sup> de pecado com o cumprimento dos mandamentos. Mas como estes são expressamente relacionados ao mandamento supremo do amor: “O meu mandamento é este: *Amem uns aos outros como eu amo vocês.*”<sup>323</sup> É Moser que afirma:

Da mesma forma, se o posicionamento de Jesus com respeito ao pecado pode ser caracterizado de surpreendente, é justamente porque se coloca numa linha completamente diferente dos grupos religiosos do seu povo e do seu tempo. Jesus vê o pecado na

<sup>318</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Levítico 19.14.

<sup>319</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 5.8.

<sup>320</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Hebreus 5.14.b.

<sup>321</sup> Cf. Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Redator: A. Van Den Born. Tradução: Frederico Stein. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1971.

<sup>322</sup> “Ausência não é um nada. Ausência é precisamente a vigência apropriadora da plenitude velada do ter-sido e assim do que, reunido no modo do ter-sido, vige e é.” HEIDEGGER, 2008. p. 162.

<sup>323</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** Barueri, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 2005. João 15.12.

profundidade do coração e em atitudes de resistência às interpelações de Deus e à implantação do Reino.<sup>324</sup>

A subordinação de todos os preceitos morais ao amor não impede que o Novo Testamento previna contra toda uma série de pecados particulares. Por isto, o apóstolo Paulo, sempre resumindo os mandamentos na lei do amor (Rm 13.9s), dá diversos catálogos de vícios. 1Coríntios 5.9ss e 6.9s lembram que os impuros, roubadores, maldizentes, bêbados, ladrões, idólatras não herdarão o Reino de Deus. As epístolas pastorais ainda acrescentam outros pecados, dos quais o cristão deve fugir em particular, a saber, a inveja, as provocações, as difamações, as suspeitas malignas (1 Tm 6.4s), a avareza, a jactância, a ausência de mansidão, a servidão aos prazeres (2 Tm 3.1-7).<sup>325</sup>

O amor cristão autêntico preserva o cristão destes pecados. Segundo 1 Coríntios 13, o amor ignora o fanatismo, a falta de tato, o orgulho, o egoísmo, a cólera, a vingança. Esta virtude sanativa do amor constitui a originalidade da doutrina neotestamentária sobre as virtudes e os vícios, pois seus catálogos não diferem sensivelmente dos que se podem encontrar entre os filósofos gregos da época, por exemplo, entre os estóicos.<sup>326</sup>

A partir disso é preciso tratar sobre o perdão<sup>327</sup>. Toda uma série de expressões no Antigo Testamento e no Novo Testamento designam o ato do perdão e permitem definir sua natureza. A expressão mais corrente é “remir”, “abandonar” (uma transgressão), em comparação com a remissão de uma dívida, como “*Coragem, meu filho! Os seus pecados estão perdoados.*”<sup>328</sup> ou “*Feliz aquele cujas*

<sup>324</sup> MOSER, 1996. pág.222.

<sup>325</sup> <http://www.hottopos.com/notand10/jean.htm>. Acessado em 23 de junho de 2011.

<sup>326</sup> “(Do grego *stoa*: pórtico em Atenas onde se reuniam os filósofos dessa escola) Adeptos do estoicismo, ou seja, da doutrina filosófica de Zenão de Cício, segundo a qual o ideal do sábio consiste em viver em perfeito acordo e em total harmonia com a natureza, dominando suas paixões e suportando os sofrimentos da vida cotidiana, até alcançar a mais completa indiferença e impassibilidade diante dos acontecimentos. JAPIASSÚ, 1996.p.231.

<sup>327</sup> “Em termos morais e psicológicos, perdão é a remissão da pena ou castigo decorrente de uma ofensa ou injúria pessoal. Em termos teológicos, o perdão dos pecados é o ato de Deus por meio do qual o seu amor absoluto sujeita o ser humano pecador e o integra na comunhão com Ele mesmo. Em perspectiva moral e psicológica, o perdão é alcançado por aqueles que têm o direito legal de concedê-lo, isso considerando a quebra das relações que se transformaram em culpa. Considerando que a lei e sua subsequente restauração como elo entre juiz e o culpado, o perdão seria mais uma etapa dentro desse processo legal, do qual fazem parte também o arrependimento, a confissão e a reparação para que as relações sejam restauradas. Restaurar relações de amizade ou fraternas através do perdão trona-se fundamental para a vida social, visto que, do ponto de vista terapêutico, as relações interpessoais precisam sempre ser reatadas, a fim de que possamos viver em meio a uma sociedade que empurra o ser humano ao egoísmo e á imoralidade. O perdão proporcionará liberdade de ação e interação, visto que a capacidade de se perdoar proporciona condições de vida comunitária.” Dicionário Brasileiro de Teologia/ Fernando Bortolletto Filho, Organizador. São Paulo. ASTE, 2008, p. 779.

<sup>328</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Mateus 9.2c.

*maldades Deus perdoa e cujos pecados ele apaga!*<sup>329</sup> Há as expressões como algo que não mais se quer ver, por exemplo: “*Feliz aquele cujas maldades Deus perdoa e cujos pecados ele apaga!*”<sup>330</sup>; ou ainda “esquecer”, como algo cuja lembrança se quer evitar “*Nenhum dos pecados que cometeu será lembrado contra ele.*”<sup>331</sup> Algumas vezes o verbo “perdoar” é empregado em sentido absoluto, pois Jesus em Mateus diz: “*Se alguém disser alguma coisa contra o Filho do Homem, será perdoado; mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem agora nem no futuro.*”<sup>332</sup>

Assim, o perdão é o ato que restabelece o ser humano em sua verdadeira relação com Deus, arrancando o elemento perturbador desta relação que é o pecado.

É preciso observar, contudo, que, segundo todas as definições, este ato do perdão não consiste em negar pura e simplesmente a falta do ser humano, em fazer como se ela não existisse. A Palavra de Deus, geradora do perdão, age em pleno conhecimento de causa e em plena soberania. Inclusive em relação ao pecado, ao perdão e aos adversários de Jesus, Carter assim afirma:

Aparentemente os escribas pensam que Jesus desonra a Deus anunciando o perdão, algo que eles reclamam que ele não tem nenhuma autoridade para fazê-lo. Na sua visão teológica, Deus não designa homens como Jesus para anunciar o perdão. Mas a audiência sabe que Deus comissionara Jesus para este papel(1.21). Jesus desafia seu veredicto, sua autoridade de fazer tal determinação, e seu esquema teológico. Sua preocupação de onde se encontra o perdão de Deus pode refletir os debates pós-70 acerca de como se experimenta a expiação, agora que o templo fora destruído.<sup>333</sup>

O perdão em Jesus Cristo é colocado em dupla perspectiva. Por um lado, a ênfase é colocada no caráter imerecido do perdão.<sup>334</sup> Na realidade, as condições indispensáveis para o perdão são exigências irrealizáveis pelo ser humano entregue a si mesmo. Ele não pode salvar-se a si mesmo (Mc 10.26s). Do ponto de vista do ser humano, o perdão aparece como uma impossibilidade.

<sup>329</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Salmos 32.1.

<sup>330</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Romanos 4.7.

<sup>331</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Ezequiel 33.16.

<sup>332</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 12.32.

<sup>333</sup> WARREN, Carter. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens.* 2002, p. 285.

<sup>334</sup> Cf. Dicionário Brasileiro de Teologia/ Fernando Bortolletto Filho, Organizador. 2008.p. 780.

Por outro lado, apesar da impotência humana para a obtenção do perdão, este é proclamado “... *os seus pecados estão perdoados.*”<sup>335</sup> Esta é a boa nova da Palavra de Deus para o ser humano. Este é um possível significado da parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32). Por pura compaixão do pai pelo filho, este volta a sua situação original, tem novo acesso à casa paterna e à vida, realizando sua Odisséia e Êxodo, estando sempre pronto a sair e nascer de novo

Mas os evangelhos não proclamam apenas o perdão; eles o ligam estreitamente àquele que o traz, Jesus, o Cristo de Deus, que confere o perdão. Jesus aparece como aquele que tem o poder de perdoar os pecados, poder semelhante ao de Deus, pois Ele assim diz: “... *os seus pecados estão perdoados.*”<sup>336</sup> Além disso, sua morte é apresentada como ato redentor, que torna possível a remissão dos pecados<sup>337</sup>, pois “... *isto é o meu sangue, que é derramado em favor de muitos para perdão de pecados, o sangue que garante a aliança feita por Deus com o seu povo.*”<sup>338</sup>

Assim, tudo o que se refere ao perdão, converge em Jesus, pois o perdão se torna um ato vivo para o ser humano, essencial para o estabelecimento da nova aliança. Assim, ao contrário do judaísmo, para o cristão, o perdão não concerne apenas ao vigor-de-ter-sido. É o gesto vivo da Palavra de Deus, que o homem conhece no ato e que lhe abre o porvir.

No que se refere à paralisia, no Novo Testamento sempre se encontra o adjetivo, *paralytikos* (paralítico), palavra usada por onze vezes; Mat. 4.24; 8.6; 9.2,6; Mc 2.3-5,9,10; Lc 5.24. Esse termo grego significa (“frouxo”, “solto”)<sup>339</sup>. As causas conhecidas da paralisia são estas: 1. inflamação do cérebro e da coluna espinal, o que pode levar a uma paralisia parcial ou completa; 2. injúrias da coluna vertebral; 3. pressão na curvatura da espinha; 4. tumores que deformam a espinha; 5. apoplexia, causada por alguma lesão vascular do cérebro, ou por causa de uma hemorragia, como no caso de uma congestão. Mateus relata que Jesus curou pessoas com esse

<sup>335</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.2c

<sup>336</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.2c.

<sup>337</sup> Cf. Dicionário Vine. 2002. p.858-859.

<sup>338</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 26.28.

<sup>339</sup> Cf. BEULKE, Gisela. *Saúde e doença: um desafio constante.* Práticas diaconais: subsídios litúrgicos. Orgs. Rodolfo Gaede Neto. Rosane Pletsch e Uwe Wegner. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Sinodal/CEBI. 2004. p.113.

tipo de enfermidade, embora a ciência continue essencialmente impotente diante da mesma.<sup>340</sup>

É importante ressaltar que a palavra “paralítico”<sup>341</sup> não é possivelmente a melhor tradução para a palavra grega “*paralytikos*”, pois não corresponde necessariamente na atualidade às denominadas pessoas com deficiência<sup>342</sup>. Os paraplégicos e os tetraplégicos (paralíticos de hoje), possivelmente teriam poucas condições de sobreviver no mundo antigo, pois “*paralytikos*” era quem não podia andar, seja qual for o motivo. Entendendo desta forma, quando um “*paralytikos*” consegue andar, a profecia em Isaías<sup>343</sup> de que os coxos andarão<sup>344</sup> é mais que cumprida, é superada, pois o Reino de Deus, a construção do projeto ético de Jesus tem a ver com o poder dinâmico da Palavra de Deus por meio do qual “... os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e os pobres recebem o evangelho.”<sup>345</sup>

Sabe-se que os registros sobre a vida de Jesus narrados nos evangelhos foram escritos muitos anos depois do evento morte/ressurreição de Jesus e que os mesmos não foram realizados com as mesmas técnicas que existem hoje e também que a comunidade cristã primitiva interpretou e re-interpretou os relatos sobre a vida de Jesus a partir de sua própria experiência de fé. Mas são esses relatos, em particular o relato de Mt 9.2-8, que se mostra com transparência um Jesus comprometido com o perdão e a cura dos seres humanos, buscando ensinar a viver, mostrando caminhos de restauração da saúde no mais pleno sentido da palavra<sup>346</sup>, que é a Palavra da Vida.

<sup>340</sup> Cf. Dicionário Vine. 2002. p.849.

<sup>341</sup> **Nota do autor:** Outras possibilidades existem no que se refere ao português “paralítico”, como cita Beulke: “Aleijado – em grego: *chalos*, aparece 14 vezes na Bíblia. Algumas dessas referências: Mt 21.14; 11.5; Mc 9.45; Jo 5.3; At 3.2; 8.7; Hb 13.12. A palavra grega *anápeiros* também foi traduzida para o português como ‘aleijado’, em Lc 14. 13,21. A palavra grega *Kullos* quer dizer ‘manco’ e aparece quatro vezes: Mt 15.30-31; 18.8; Mc 4.43.” BEULKE, Gisela. *Saúde e doença: um desafio constante*. Práticas diaconais: subsídios litúrgicos. Orgs. Rodolfo Gaede Neto. Rosane Pletsch e Uwe Wegner. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Sinodal/CEBI. 2004.p.113.

<sup>342</sup> **Nota do autor:** Ver artigo de Dwight Peterson, onde o autor explica e propõe que em lugar de se traduzir “*paralytikos*” por paralítico, deveria ser utilizada a palavra em inglês “*cripple*”, que significa “aleijado” em português. Deve-se chamar atenção que ao fazer tal proposta, o autor está assumindo a sua própria condição de “*cripple*” (aleijado). PETERSON, Dwight N. *Translating paralytiko, in Mark 2.1-12: A Proposal*. IN: Bulletin for Biblical Research, Winona Lake, 2006, v. 16. p. 261-272.

<sup>343</sup> **Nota do autor:** Ao entender que o primeiro século conhecia Isaías como um livro, isto nos leva a afirmar que a discussão das diferentes camadas literárias do livro de Isaías é irrelevante para esta pesquisa.

<sup>344</sup> Em Isaías 35.5-6 assim lemos na **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005: “Então os cegos verão, e os surdos ouvirão; os aleijados pularão e dançarão, e os mudos cantarão de alegria. Pois fontes brotarão no deserto, e os rios correrão pelas terras secas.”

<sup>345</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Mateus 11.5.

<sup>346</sup> Cf. SANTOS, 2008. p. 27-28.

### 3.5. Jesus e a comunidade de Mateus

Parte-se para a análise teológica, pensando no Evangelho de Mateus como uma recordação da vida, do ministério, da morte e ressurreição de Jesus, que tem em vista os problemas que acercavam os seguidores de Jesus na Palestina do fim do século I e provavelmente foi escrito na cidade de Antioquia<sup>347</sup>. Além disso, é importante notar que os manuscritos originais dos evangelhos não têm cabeçalho, isto é, não há nenhum título ou nome associado a eles. Só posteriormente, a tradição eclesiástica deu nome a eles, quase sempre em virtude de alguma prova ou alusão interna que pudesse ser tomada como possível (embora duvidosa) nota explicativa por parte do autor.<sup>348</sup>

Ao lançar um olhar teológico sobre o texto de Mateus, percebe-se que ele usa a popularidade que parece vir das curas realizadas por Jesus como oportunidade para ensinar sobre como seguir o projeto de Jesus e ser membro da comunidade mateana, cuja ordem é usar os milagres para ensinar sobre autoridade, discipulado e ética. Isto é uma possibilidade de interpretação, e ao realizar tal feito deve-se reconhecer que:

A interpretação é circular, implicando num movimento de vaivém das partes ao todo, previamente compreendido, e do todo às partes. O intérprete que não pode sobrevoar o compreendido trabalha dentro desse “círculo hermenêutico”, onde já se encontra quando inicia a exegese, e do qual não sai quando termina. Os conceitos elaborados no curso da interpretação retificam, ampliam ou corrigem em benefício do correto entendimento do sentido, a compreensão preliminar da qual se partiu. Se, como diz Foucault, os intérpretes também são interpretados pelas suas próprias técnicas de interpretação, então o *interpretans* se reconhece no *interpretandum*.<sup>349</sup>

Pensar na análise teológica de Mateus 9.2-8 é não fugir dessa experiência onde o intérprete é interpretado à luz de sua interpretação, reconhecendo-se nela. Ao fazer esse reconhecimento, trata-se aqui do ensino e isso remete aos escribas e sua relação com Jesus. A palavra “escriba” está associada aos adversários de Jesus no texto de Mateus e ele fala de “alguns” escribas, o que sugere haver outros escribas, como é observado em 9.3. O termo “alguns” tem função indefinida, porque havia muitos escribas e nem todos estavam lá no momento.

<sup>347</sup> WARREN, Carter. 2002. p. 34.

<sup>348</sup> BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. 2002.

A imagem dos escribas, que essa passagem transmite, é a de um grupo muito interessante e diverso, pois pode-se compreendê-los como os teólogos da atualidade. E como também acontece hoje, eles eram de diversas orientações, ou seja, existiam escribas de orientação farisaica e também escribas de orientação saducéia. Estes escribas, que são os eruditos de ambos os partidos, estavam em diversas oportunidades a desafiar Jesus, “principalmente devido ao fato de que Ele não observava as práticas tradicionais ditadas pela lei”<sup>350</sup>. De acordo com Champlin, “a maioria dos escribas pertencia ao partido dos fariseus, e deles foram surgindo aqueles ensinamentos exagerados que circundavam a lei e as observâncias legalistas.”<sup>351</sup> Tanto a partir dessa afirmação, que faz uma ampliação da probabilidade desses escribas citados na perícopes em estudo serem de orientação farisaica, como também dos vários “ais” de Jesus em Mateus 23. 13, 14, 15, 23, 25, 27 e 29, quando o próprio Jesus (segundo a narrativa de Mateus) censura os escribas e fariseus, é possível pensar que esses escribas citados em Mateus 9.3 são de orientação farisaica. Aqui, trata-se de uma probabilidade extremamente elevada, pois estes “escribas e fariseus” são de uma forma geral fariseus e os eruditos (no caso, os escribas) do partido farisaico “eram os líderes que, mais tarde, haveriam de tornar-se o judaísmo rabínico, mas que, posteriormente, passaram a ser conhecidos como ‘sábios’, e, mais tarde ainda, como ‘rabinos’”.<sup>352</sup> Com certa complexidade e não renunciando às dificuldades inerentes a quem escreve e especula a respeito de narrativas é que realmente se trabalha com a idéia de que os escribas citados em Mateus 9.3 são do partido farisaico, que, por serem muito populares entre o povo, mantêm-se em volta ou próximos dos que estão no poder e cuja sorte pode fazer com que gozem de poder e, de repente, não tenham mais nenhum. Esse é o destino da elite culta em uma sociedade agrária, visto que ela depende das boas graças de quem detém o poder. À luz das descrições de Josefo<sup>353</sup>, faz sentido a preocupação deles com a Lei, fato que os faz passar a debater questões legais. A popularidade com o povo e o respeito dele são importantes para o partido farisaico<sup>354</sup>. A influência

<sup>349</sup> NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Benedito Nunes; Maria José Campos (organizadora). Belo Horizonte. Ed. UFMG.1999. p. 57.

<sup>350</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 02. Editora Hagnos. Cidade Dutra-SP. 2004.p.464.

<sup>351</sup> CHAMPLIN, 2004. Vol.02. p.689.

<sup>352</sup> CHAMPLIN, 2004. Vol.02. p.464.

<sup>353</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 03. Editora Hagnos. Cidade Dutra-SP. 2004. p.596.

<sup>354</sup> CHAMPLIN, 2004. Vol. 02, p.688.

e a posição dos fariseus em relação aos que ocupam o poder depende da popularidade e da influência deles sobre o povo. Freqüentemente, os debates altamente estilizados e polêmicos com os fariseus, no evangelho de Mateus<sup>355</sup>, têm como tema o apoio popular do povo ou das multidões, fato este que é percebido na perícopes em estudo.

Os fariseus foram um dos poucos grupos que sobreviveram à destruição de Jerusalém e à primeira revolta. Pouco se ouviu falar dos essênios<sup>356</sup> ou da comunidade de Qumran<sup>357</sup>, nem de vários grupos rebeldes, e grupos apocalípticos são muito raros depois de 70. A literatura rabínica<sup>358</sup> e os evangelhos poucas vezes mencionam os saduceus<sup>359</sup>. A posição e a influência dos fariseus parece ficar mais forte à medida que se aproxima o fim do século I d.C. O sistema farisaico, da melhor maneira que se pode reconstruir, não exigia um templo no sentido literal, embora se baseasse nele. As cerimônias de pureza ritual, do dízimo e da observância do calendário fundamentavam-se todos no templo e relacionavam-se com ele. Os fariseus tomaram esse sistema, aplicaram-no a todos (não mais apenas aos sacerdotes do templo) e incentivaram a realização dele em um ambiente doméstico ou local. Os debates com Jesus sobre esses assuntos, mais adiante em Mateus, são, em grande parte, consistentes com essa imagem. As regras pertinentes ao templo podiam agora ser cumpridas no ambiente do lar ou do povoado. Os preceitos sobre a vida do templo eram apropriados, mas este, como tal, já não era necessário. Existe, pelo menos, uma razão para os fariseus se saírem tão bem depois de 70 d.C.

<sup>355</sup> **Nota do autor:** Textos em Mateus onde os fariseus aparecem citados em polêmicas com Jesus: Mt 3.7; 5.20; 9.11; 9.14; 9.34; 12.2; 12.14; 12.24; 12.38; 15.1; 15.12; 16.1; 16.6; 16.11; 16.12; 19.3; 21.45; 22.15; 22.34; 22.41; 23.2; 23.13; 23.14; 23.15; 23.23; 23.25; 23.27; 23.29; 27.41; 27.62.

<sup>356</sup> CHAMPLIN, 2004. Vol. 02. p.522.

<sup>357</sup> Uma das grandes descobertas da arqueologia bíblica deu-se em meados do século XX, quando foram encontrados os manuscritos do mar Morto. Em couro e papiro, esses documentos são de inestimável valor para o estudo do ambiente judaico pré-cristão. Sob o nome de manuscritos do mar Morto tornaram-se conhecidos os documentos descobertos em 1947 em grutas e ruínas do território da Jordânia. As jarras de cerâmica que continham os rolos escritos de couro e papiro foram encontradas por Mohamed al-Dib, um pastor de 15 anos, na região de Khirbet Qumran, cerca de dois quilômetros a noroeste do Mar Morto. Nas décadas de 1950 e 1960, em áreas próximas, descobriram-se outros documentos que também ficaram conhecidos com o mesmo nome. Disponível em <<http://www.nbz.com.br/igrejavirtual/biblia/qumran.htm>> Acessado em 29 de abril de 2010.

<sup>358</sup> **Nota do autor:** é o nome dado à literatura religiosa dentro do [judaísmo rabínico](#), desenvolvida após a destruição do [Segundo Templo](#).

<sup>359</sup> **Nota do autor:** Quase da mesma época dos fariseus, os saduceus eram membros de um partido religioso ou seita judaica, recrutados entre as famílias sacerdotais. Negavam a ressurreição e a existência de anjos e espíritos. Foram censurados publicamente por João Batista e por Jesus respectivamente: “Quando João viu que muitos fariseus e saduceus vinham para serem batizados por ele, disse: -Ninhada de cobras venenosas! Quem disse que vocês escaparão do terrível castigo que Deus vai mandar?” (Mt 3.7); “Jesus disse: -Fiquem alertas e tomem cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus.” (Mt 16.6). Fariseus e saduceus nutriam grande ódio a Jesus e estavam sempre tramando algo para incriminá-lo e levá-lo à morte (Lc 19.47).

e da destruição do templo de Jerusalém. Aliás, a alegoria do templo e sua réplica no ambiente doméstico também eram praticadas pelo chamado cristianismo primitivo. Neste ponto, vê-se ainda outra causa potencial de conflito e competição entre esses dois grupos. Uma controvérsia sobre quem teria influência e constituiria a liderança e autoridade local está em franco progresso. Mateus não faz segredo de sua polêmica com esses líderes, e em 9.2-8 percebe-se que o conflito tem dois lados.

Os escribas e fariseus achavam-se os pastores do povo. Mas eram pastores indiferentes. Pertenciam à categoria dos mercenários que não se importavam com as ovelhas. Jesus é o verdadeiro pastor e os seus discípulos irão comportar-se também como pastores que têm compaixão das ovelhas e se preocupam com elas. Aí está certamente a raiz da oposição radical entre escribas e fariseus, por um lado, e os discípulos de Jesus, na opinião de Mateus.<sup>360</sup>

O capítulo 9 conclui com uma série de narrativas de milagres que demonstram a crescente popularidade de Jesus entre as multidões (a comunidade de fé). Este ciclo de milagres, do qual faz parte o relato de Mateus 9.2-8, põe os fariseus em primeiro plano como o grupo que se opõe, da maneira mais óbvia, a Jesus e, por extensão, à comunidade mateana. A caracterização que Mateus faz dos fariseus é controversa e polêmica e não propicia nenhuma resposta por parte dos acusados. Seu sentido é emocional e talvez amedrontado. Este tom estridente aumenta à medida que o evangelho prossegue. Seriam os fariseus históricos tão maus quanto Mateus quer fazer crer? Provavelmente, não. Essa imagem parcial sugere duas coisas. O relato de Mateus é construído deixando entender que ele está no lado fraco ou perdedor da luta entre dois grupos quase análogos. Segundo, esta luta com certeza ainda não terminou. Ela continua: pela popularidade, pela obtenção de um público e de uma plataforma da qual essas formas de judaísmo possam expor suas interpretações e crenças, embora Mateus perceba os problemas.

O ciclo de milagres do capítulo 9 e em particular 9.2-8, mostra duas coisas: a fama e a popularidade de Jesus estão se espalhando. Este é um dos pontos fundamentais dos milagres em Mateus, que ele abreviou, de maneira significativa, de suas fontes mais primitivas. Ele não inventa nem enfeita as histórias. O povo é curado, o que contribui para a popularidade de Jesus.

---

<sup>360</sup> COMBLIN, José. *Justiça e lei no Evangelho segundo Mateus*. Estudos Bíblicos. Nº 26. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1990. p.25.

Muitos milagres citados nos evangelhos têm o propósito de mostrar a autoridade, o poder e a ética de Jesus, e Mateus 9.2-8 o faz com maestria, contrastando essa autoridade, esse poder e essa ética com outros supostos poderes, autoridades e éticas. Mateus não é exceção. Os atores de suas narrativas de cura atestam a autoridade, o poder e a ética de Jesus, quando se dirigem a ele e quando se tornam exemplos vivos desse tripé. Mas é esse tema que provoca tensão e oposição. Os escribas/fariseus são mencionados/percebidos/interpretados em ligação com a cura, o perdão ou com o comportamento público de Jesus, como em 9.3. As narrativas das curas realizadas por Jesus e seu ensinamento público em Mateus contribuíram de maneira substancial para sua popularidade entre as multidões. Entretanto, essa notoriedade e esse apoio popular e as manifestações públicas de autoridade, poder e ética em forma de milagres e ensinamento serviram para apressar o conflito com os “escribas e fariseus” e com outras autoridades regionais.<sup>361</sup> Assim, estando em companhia de Comblin é possível ouvir:

Acontece que os fariseus e os escribas não conhecem a justiça de Deus. Atribuem a Deus os seus próprios vícios. Não sabem que a justiça de Deus é essencialmente misericórdia. A justiça de Deus é que Deus perdoa aos pecadores. Em nome de Deus o Messias veio para praticar a misericórdia, o perdão dado aos pecadores: “misericórdia quero e não sacrifício” (9.13). Jesus disse “eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (9.13). Nisto consiste a justiça de Deus.<sup>362</sup>

A ética em Jesus se vincula à justiça e essa está condensada em uma única palavra: perdão, pois “o que a lei ensina é: a justiça é equivalente à misericórdia, isto é, ao perdão”<sup>363</sup>. A partir disso Jesus tem autoridade para perdoar, poder e um pensar e agir ético para proclamar: “Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso.”<sup>364</sup> Ao contrário de tudo isso, os escribas e fariseus estão pautados em um falar e não

<sup>361</sup> COMBLIN, José. *As linhas básicas do Evangelho segundo Mateus*. Estudos Bíblicos. Nº 26. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1990. p.09-18.

<sup>362</sup> COMBLIN, José. *As linhas básicas do Evangelho segundo Mateus*. Estudos Bíblicos. Nº 26. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1990. p.13.

<sup>363</sup> COMBLIN, José. *Justiça e lei no Evangelho segundo Mateus*. Estudos Bíblicos. Nº 26. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1990. p. 23.

<sup>364</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Mateus 11.28.

agir<sup>365</sup>, sendo hipócritas. Quando agem, fazem isso com a finalidade de serem vistos em sua ação<sup>366</sup>, portanto meramente estética e jamais ética.

### 3.6. O *Paralytikos*: atualização e atualidade

Analisando as informações disponíveis a respeito das condições de existência dos seres humanos desde as sociedades mais primitivas até aquelas mais próximas da atualidade, é possível verificar como estas concebiam e se relacionavam com as pessoas com deficiência.<sup>367</sup>

#### 3.6.1. Sociedades primitivas e antiguidade

Entre as características das sociedades primitivas percebe-se o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas e a vida nômade, tendo suas condições de existência totalmente dependentes do que a natureza lhes proporcionava, ou seja, a coleta de frutos, a caça e a pesca, no que se refere à alimentação, e as cavernas no tocante à acolhida.

Neste período histórico, devido ao caráter cíclico da natureza, totalmente fora do controle dos seres humanos, os deslocamentos do grupo eram constantes, sem que o mesmo pudesse auxiliar aqueles que não se encontrassem em condições de acompanhar o seu ritmo. "(...) em função desta prática, abandonavam aqueles que não pudessem mover-se com agilidade, ou que tivessem alguma diferença que impedisse sua mudança de um lugar para outro com rapidez".<sup>368</sup> Dentre estes abandonados, encontravam-se pessoas com deficiência. Este procedimento não resultava de um sentimento de ódio ou desprezo, mas decorria do processo de seleção natural<sup>369</sup> a que a humanidade ainda se encontrava submetida.

Nas sociedades escravistas, grega e romana, verificou-se a supervalorização do corpo perfeito, da beleza e da força física, pois estas dedicavam-se predominantemente à guerra, que tinha a finalidade de conquistar escravos e manter

<sup>365</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 23.3.

<sup>366</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 23.5.

<sup>367</sup> Toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano. **(Decreto Nº 3298, de 20 de dezembro de 1999)**

<sup>368</sup> BIANCHETTI, 1998, p.27

<sup>369</sup> **Nota do autor:** Muitos autores possuem opiniões diversas sobre a seleção natural, ainda que, a seleção natural exerceu uma influência na evolução do homem arcaico e na formação dos grupos sociais. A humanidade, no início da sua história, se encontrava nas fases primitivas do progresso social e sua cultura era bastante

a ordem vigente. Nessas sociedades, amparados em leis e em costumes, se uma criança apresentasse, ao nascer, algum "defeito" que viesse a se contrapor de alguma forma ao ideal proposto, era eliminada ou abandonada sem que isso fosse considerado crime.

Na antiguidade clássica, em particular, Atenas, Platão que viveu entre 428-348 a.C., ao buscar descrever sobre como deveria ser uma república perfeita, afirma: "... e no que concerne aos que receberam corpo mal organizado, deixa-os morrer (...). Quanto às crianças doentes e as que sofrerem qualquer deformidade, serão levadas, como convém, a paradeiro desconhecido e secreto".<sup>370</sup>

Apesar disso, é possível defrontar-se com Homero, "que segundo relatos baseados na tradição e em diversos escritores antigos"<sup>371</sup>, era cego. Segundo Cícero:

Homero era cego, segundo a tradição. Seus poemas são verdadeiros quadros: que lugares, que praias, que paragens da Grécia, que tipos de combates, que estratégias de batalhas, que manobras navais, que movimentos de homens e animais são tão fielmente retratados pelo autor, que parece nos colocar sob os olhos, o que ele mesmo não havia nunca visto! O que é, então, que faltou a esse grande gênio não mais do que a outros homens verdadeiramente sábios, para aproveitar todos os prazeres de que a alma é capaz?<sup>372</sup>

Na descrição de Cícero, Homero<sup>373</sup> enxergava além, fazendo descrições que fazem qualquer um perceber com detalhes aquilo que estava vendo, apesar de não enxergar. Ter essa compreensão provoca uma série de questionamentos, como faz a Rede Ecumênica em Defesa das Pessoas com Deficiência:

A deficiência é realmente algo que, de fato, mostra a fraqueza da vida humana? É esta uma interpretação limitadora e opressiva? Não seria melhor adotar uma interpretação diferente e mais radical? A deficiência é realmente algo limitador? Enfatizar a deficiência como sendo uma perda é adequado, apesar de ser um estágio de uma jornada assumida pelas próprias pessoas com deficiência? A

---

rudimentar, nessas condições as sociedades humanas eram influenciadas pela seleção natural, mesmo sabendo que a seleção não era um fator principal e sim secundário da evolução.

<sup>370</sup> PLATÃO *apud* SILVA, 1986, p.124

<sup>371</sup> SILVA, Otto Marques da. *A Epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. São Paulo: Ed. CEDAS, 1986. p.91.

<sup>372</sup> CÍCERO *apud* SILVA, 1986. p.104.

<sup>373</sup> "Escreveu os belos poemas de Ilíada e Odisséia. Em Ilíada Homero criou o personagem de Hefesto, o ferreiro divino. Seguindo os parâmetros da mitologia, Hefesto ao nascer é rejeitado pela mãe Hera por ter uma das pernas atrofiadas. Zeus em sua ira o atira fora do Olimpo. Em Lemnos, na Terra entre os homens, Hefesto compensou sua deficiência física e mostrou suas altas habilidades em metalurgia e artes manuais, tendo inclusive casado com Afrodite." Disponível em <[http://www.ampid.org.br/Artigos/PD\\_Historia.php](http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php)> Acessado em 18 de setembro de 2011.

linguagem da diversidade não seria mais adequada? Viver com uma deficiência é viver com habilidades e limitações que outras pessoas não possuem? Todos os seres humanos vivem com limitações. Não seria a deficiência algo que Deus mesmo criou a fim de construir um mundo mais diversificado, plural e rico? Não seria a deficiência um presente de Deus ao invés de uma condição limitadora que algumas pessoas precisam suportar?<sup>374</sup>

Além de Homero, autor da *Odisséia*, no mundo antigo é possível perceber Moisés como pessoa com deficiência, ele que segundo a tradição é o autor do *Êxodo*. Em *Êxodo* o autor bíblico assim escreve:

Então, disse Moisés ao Senhor: ah! Senhor! Eu não sou homem eloqüente, nem de ontem, nem de anteontem, nem ainda desde que tens falado ao teu servo; porque sou pesado de boca e pesado de língua.<sup>375</sup>

“Pesado de boca e pesado de língua”<sup>376</sup> são duas coisas distintas e é possível que Moisés seja gago e com uma péssima dicção ou até mesmo “fuem”, ou seja, uma pessoa com deficiência. As condições estão dadas e Deus responde a Moisés:

Porém o Senhor lhe disse: - Quem dá a boca ao ser humano? Quem faz com que ele seja surdo ou mudo? Quem dá a vista ou faz com que ele fique cego? Sou eu, Deus, o Senhor. Agora vá, pois eu o ajudarei a falar e lhe direi o que deve dizer.<sup>377</sup>

Decididamente, o cego, o mudo, o coxo, o pesado de boca e de língua, enfim, as pessoas com deficiência são parte da criação de Deus em toda sua diversidade. No que se refere a Moisés, Deus o manda tirar os israelitas do Egito, baseado na capacidade de Deus, pois:

Talvez tenha sido por esta razão que Deus escolheu alguém com dificuldade para falar, pois isso impediria Moisés de confiar demasiadamente em si mesmo em vez de depender de Deus. O propósito de Deus é fazer com que, através do seu conhecimento, tenhamos uma visão diferente de nós mesmos, de nossas capacidades e de nossos pontos fracos. Quando atingimos a maturidade, somos capazes de identificar nossos pontos fracos, e a tendência é fugir deles. Como reagir a um chamado que evidencia nossas fraquezas?<sup>378</sup>

<sup>374</sup> REDE ECUMÊNICA EM DEFESA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. 2005. p. 13.

<sup>375</sup> *Bíblia Sagrada*. Revisada Almeida. São Paulo, 1995. *Êxodo* 4.10.

<sup>376</sup> **Nota do autor:** A NTLH, em lugar de “pesado de boca e pesado de língua” coloca “... nunca tive facilidade para falar...” *Bíblia de Estudo NTLH*. 2005.

<sup>377</sup> *Bíblia de Estudo NTLH*. 2005. *Êxodo* 4.11-12.

<sup>378</sup> WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. *Caminhos da graça: identidade, crescimento e direção nos textos bíblicos*. Viçosa – Minas gerais. Ultimato. 2006. p. 15.

Pode-se fazer uma leitura da deficiência como algo que demonstra a fraqueza humana, não numa perspectiva limitadora ou opressiva, mas sim num olhar da fragilidade, da finitude e da própria humanidade do ser humano. Esta é uma interpretação diferente e radical, onde esse radical significa estar vinculado às suas raízes, ou seja, às raízes do Cristo de Deus e estas como sendo criadoras não criam a deficiência como algo limitador e sim como parte da experiência da pluralidade e diversidade da criação e presença de Deus, pois ao se viver com deficiências vive-se a plenitude da vida nas habilidades e limitações que outros seres humanos não possuem ou possuem de outras formas, entendendo que todos os seres humanos vivem com algum tipo de limitação ou e com habilidades diferenciadas. Fazer todo esse entendimento é compreender a riqueza da criação e a expressão da benção de Deus em lugar do estabelecimento de limitações, pecado ou maldição.

Algumas pessoas com deficiência, que sobreviviam no modo de produção escravista e que não eram escravos nem amos, acabavam vivendo sob a proteção de um poderoso. Isto passou a ocorrer, principalmente, na Roma dos Césares, em tempos mais sofisticados, onde *"deficientes mentais, em geral tratados como 'bobos', eram mantidos nas vilas ou nas propriedades das abastadas famílias patrícias, como protegidos do pater famílias"*.<sup>379</sup>

Na antigüidade, em alguns lugares onde ocorria grande concentração humana, pessoas com deficiência passaram a ser utilizadas para mendigar ou simplesmente serem reificadas<sup>380</sup>, tornando-se parte de espetáculos circenses. Quando estas, em razão de sua não-normalidade, começaram a ser utilizadas economicamente como pedintes ou enquanto seres bizarros em espetáculos, neste momento elas passaram a ter algum valor mercantil. Este acontecimento pode ser observado nas palavras de Durant, o qual afirma que *"existia em Roma um mercado especial para compra e venda de homens sem pernas ou braços, de três olhos, gigantes, anões, hermafroditas"*.<sup>381</sup>

A vinculação entre deficiência e forças demoníacas ou maus espíritos, que se encontra presente nos principais pensamentos teológicos ocidentais, teve origem na

---

<sup>379</sup> SILVA, 1986, p. 130.

<sup>380</sup> **Nota do autor:** Reificar é uma daquelas palavras cujo significado é diametralmente oposto ao que o senso comum indica. Reificar é a característica de ser uma coisa. Portanto, a reificação de uma pessoa não é dar-lhe o status de rei. Muito pelo contrário. É tirar-lhe a condição de ser humano, transformando-a em objeto. Os escravos, para serem juridicamente considerados como tal, eram reificados, transformados em coisas. Somente com essa condição é que podiam ser livremente comprados e vendidos.

prática das comunidades primitivas, o que se pode constatar ao analisar alguns povos que viveram e ainda vivem neste modelo de sociedade.

No que se refere ao cristianismo, pensamento teológico predominante no ocidente<sup>382</sup>, existem textos bíblicos em que aparecem pessoas com deficiência sendo curadas<sup>383</sup> por Jesus. Existem nos Evangelhos, aproximadamente 40 narrativas de milagres de Jesus. Dessas narrativas, pelo menos 21 são relacionadas a pessoas com deficiência, inclusive Mateus 9.2-8.

### 3.6.2. Modernidade e...

O modelo baseado no misticismo e carregado de preconceito começa a ser contestado a partir de alguns acontecimentos que passaram a ocorrer ainda no final da Idade Média. As descobertas geográficas do final da primeira metade do segundo milênio contribuíram para que nos séculos XVI e XVII ocorresse um gradativo aumento do mercado por produtos manufaturados, a possibilidade de maior acumulação de capitais e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, ampliando as condições do ser humano na luta para dominar a natureza. Isso permitiu a ele figurar como ator principal, questionando o teocentrismo e inaugurando o antropocentrismo.

Esse período de grandes transformações, que representaram o fim do feudalismo e o surgimento do modo de produção capitalista, fez com que, aos poucos, os tradicionais costumes medievais fossem perdendo força e, em seu lugar, nascesse a cultura da sociedade moderna. Para tanto, os novos donos do poder foram retirando de cena a nobreza e o clero.

Ao iniciar-se o século XV a Europa sentia falta de dinheiro, de capital. No entanto, as pessoas não sabiam bem de que precisavam para ser ricas. Terras ou dinheiro? Quem possuía terras sentia falta de dinheiro, mas quem possuía dinheiro não tinha o prestígio dos donos de terra. Tal situação tinha uma razão de ser. Iniciava-se um período de transição. Era a Época Moderna que se anunciava no Mundo

<sup>381</sup> DURANT *apud* SILVA, 1986, p. 130.

<sup>382</sup>“Mas o que é isso, o ocidente? Será que o Ocidente é um espaço geográfico que possui uma história comum, como querem geógrafos e historiadores? Será que o Ocidente é o espaço onde, por oposição ou antítese ao Oriente, a ética está em crise, sugerindo-nos uma fuga ao leste do globo terrestre como solução para a referida crise? Por Ocidente, nos termos aqui manifestos, não se compreende um espaço geográfico. Nas palavras de Heidegger: ‘Ocidente não é pensado regionalmente em oposição ao Oriente. Não é pensado simplesmente como Europa e sim, dentro da história do mundo, pela proximidade à origem.’” CABRAL, 2009.p. 20.

<sup>383</sup> **Nota do autor:** É possível perceber a partir da narrativa de Mateus 9.2-8 que cura é cuidado, sendo uma via de duas mãos, ou seja, é algo que se constrói em comum, sobre uma base mínima de identificação onde as condições de possibilidade de emergência de uma outra configuração depende do olhar do outro e de uma escuta que agencia o desejo no processo de cura e de afirmação da vida.

Ocidental. Todo o período compreendido entre os séculos XV e XVIII, vulgarmente chamado de Idade Moderna, caracterizou-se por uma série de transformações na estrutura da sociedade europeia ocidental.<sup>384</sup>

Foi nesse contexto que algumas pessoas com um outro tipo de relação com a realidade de seu tempo começaram a questionar a forma pela qual os seres humanos eram obrigados a agir e pensar. Dentre estes questionamentos encontravam-se alguns dogmas da igreja católica, que condenavam o acúmulo de riqueza e era empecilho para o desenvolvimento do novo modo de produção. Esse movimento, que ficou conhecido como Reforma, não entrava em contradição com o objetivo final da ação dos industriais, dos banqueiros e dos comerciantes, ou seja, o lucro, já que introduziu novos preceitos religiosos distintos daqueles predominantes na sociedade feudal, que era dominada pelos guerreiros e sacerdotes, onde o homem era ensinado a viver despreocupado das questões mundanas e a se dedicar às atividades que pudessem ajudá-lo na salvação.<sup>385</sup>

A cobiça era condenada pela Igreja. Mas a Igreja representava o velho (...) e agora (...), nesses novos tempos (...) a cobiça era a mola-mestra do comércio que se desenvolvia. Quem estava tomando daquele mal tinha necessariamente possibilidades de ser rico. E os nobres e burgueses endinheirados faziam construir santuários privados em que se rogava especialmente pelos mortos da própria família.<sup>386</sup>

É bom lembrar que o ensinamento proposto aqui, ao contrário da doutrina católica que condenava, na teoria, o acúmulo de riqueza, afirmavam que o homem rico era um bem-aventurado, pois “... *podeis trabalhar para serdes ricos para Deus, embora não para a carne e o pecado.*”<sup>387</sup>

Essa concepção também pode ser encontrada nas palavras de Wesley, que afirmava: “*não devemos impedir as pessoas de serem diligentes e frugais; devemos estimular todos os cristãos a ganhar tudo o que puderem, e a economizar tudo o que puderem; ou seja, na realidade, a enriquecer.*”<sup>388</sup>

Buscando demonstrar que a teologia cristã dos reformadores estava em conformidade com a nascente ordem social, destaca-se Calvino, que procurando

<sup>384</sup> AQUINO, Rubim Santos Leão. *História das Sociedades. Das sociedades Modernas às Sociedades Atuais.* Rubim Santos leão de Aquino... et [et al]. 36ª edição. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1987. p.13.

<sup>385</sup> WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo.* Tradução de Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1967.

<sup>386</sup> DELUMEAU *apud* AQUINO, 1987. p. 87.

<sup>387</sup> HUBERMAN, L. *História da riqueza do homem.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.179-180.

<sup>388</sup> WESLEY *apud* HUBERMAN, 1981, p.180.

dissociar o lucro do capitalista e o pecado, formulou as seguintes questões: "*por que razão a renda com os negócios não deve ser maior do que a renda com a propriedade da terra? De onde vêm os lucros do comerciante, senão de sua diligência e indústria?*".<sup>389</sup>

As mudanças propostas pelos reformadores não ocorreram em todas as direções, em alguns casos, os mesmos propuseram a adoção de velhos procedimentos. Neste sentido, Lutero, ao expressar seu pensamento e sua opinião sobre o modo de se proceder em relação às pessoas com deficiência, revela seu profundo desprezo por aqueles que pertenciam a este segmento da sociedade, tendo inclusive encontrado oposição naquele momento, pois:

No Século XV o Príncipe de Anhalt, na Alemanha saxônica, desafiou publicamente o reformador religioso Martinho Lutero, não cumprindo sua ordem de afogar crianças com deficiência mental. Lutero afirmava que estas pessoas não possuíam natureza humana e eram usadas por maus espíritos, bruxas, fadas e duendes.<sup>390</sup>

Percebe-se aqui um choque entre a ética de Lutero e a ética de Jesus, pois enquanto a primeira é contextual a última é universal, como diz Dreher: "*... podemos compreender que a ética de Lutero não é válida para todos os tempos, mas é ética de sobrevivência em tempo difícil. É ética no contexto do caos e do perigo, não é lei, mas adaptação à necessidade da época.*"<sup>391</sup>

O progresso científico, impulsionador e impulsionado pelo desenvolvimento econômico, político, social e cultural, verificado na sociedade moderna, começou a refletir na forma de se ver, compreender e tratar as pessoas com deficiência. Neste contexto:

Torna-se relevante desmistificar a idéia de que as pessoas deficientes têm outros sentidos super-desenvolvidos, pois seus órgãos são biologicamente como os das demais, diferenciam-se apenas funcionalmente. Isto porque outro órgão acaba sendo melhor estimulado, a fim de compensar a limitação do órgão afetado. Qualquer pessoa pode aprender o Braille, assim como a Libras.<sup>392</sup>

A despeito desse equívoco, com este enfoque, "*... foi posta a ciência, no lugar*

<sup>389</sup> CALVINO *apud* HUBERMAN, 1981, p.180.

<sup>390</sup> [http://www.ampid.org.br/Artigos/PD\\_Historia.php](http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php) <Acessado em 18 de setembro de 2011.>

<sup>391</sup> DREHER, Martin. *Coleção História da Igreja – A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma* – Vol. 03. São Leopoldo-RS. Sinodal, 1996. p. 52.

<sup>392</sup> Disponível em <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2006/02/a15.htm>> Acessado em 18 de setembro de 2011. Inclusão: contribuições da teoria sócio-interacionista à inclusão escolar de pessoas com deficiência. Edição: 2006 - Vol. 31 - No. 02

do preconceito, a experiência e o estudo".<sup>393</sup> Trata-se da entrada em cena do modelo biológico, o qual forneceu os primeiros pressupostos científicos para a educação das pessoas com deficiência.

Com o capitalismo, as relações humanas passaram a ser organizadas em função de um processo produtivo voltado para a acumulação de lucros. Nesse modelo, aqueles que não se ajustam à lógica do sistema de exploração, passam a ser considerados como perturbadores da ordem social. Dentre estes, encontram-se as pessoas com deficiência, as quais, juntamente com outros "divergentes", passaram a ser internadas em asilos, manicômios, hospícios etc. *"O que ocorreu, na verdade, foi o isolamento daqueles que interferiam e atrapalhavam o desenvolvimento da nova forma de organização social, baseada na homogeneização e na racionalização"*.<sup>394</sup>

Progressivamente, os pressupostos científicos para a educação das pessoas com deficiência, passam a ser estendidos àqueles que pertenciam às camadas populares. Foi com base nesses pressupostos que foram organizadas na França, na segunda metade do século XVIII, as primeiras instituições voltadas para a educação de cegos, onde em 1780 foi criado o *"Hospice des Quinze-Vingts"*. Esta organização inicialmente dependia do Ministério do Interior, mas funciona atualmente mantendo-se com recursos próprios.<sup>395</sup> Neste trilha, percebe-se, no que se refere ao surgimento das primeiras instituições especializadas na educação de pessoas com deficiência, que quase sempre elas são o resultado do esforço da moderna sociedade em oferecer educação escolar a este segmento.

Se o surgimento das primeiras instituições escolares especializadas correspondeu ao ideal liberal de extensão das oportunidades educacionais para todos, (...) respondeu também ao processo de exclusão do meio social daqueles que podiam interferir na ordem necessária ao desenvolvimento da nova forma de organização social.  
<sup>396</sup>

Isso passou a ocorrer na medida em que essas instituições foram rapidamente perdendo o seu caráter educativo e se transformando em espaço de isolamento e

<sup>393</sup> VIGOTSKI, L. S. *Fundamentos de Defectologia. In: Obras completas*. Tomo V. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997. p.76.

<sup>394</sup> SILVEIRA BUENO, J. G. *Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente*. São Paulo: EDUC, 1993. p.63.

<sup>395</sup> SILVA, 1986. p.255.

<sup>396</sup> SILVEIRA BUENO, 1993. p.64.

exploração daquelas pessoas com deficiência pertencentes às classes exploradas, pois estes eram obrigados à internação e ao "(...) *trabalho forçado, manual e tedioso, parcamente remunerado...*".<sup>397</sup>

### 3.6.3. Do século XX até...

Por volta de meados do século XX o paradigma da institucionalização passou a ser criticamente estudado e denunciado como sendo uma prática que violava os direitos dos seres humanos. Esta crítica estava inscrita dentro de um contexto marcado pelo crescimento da luta pelos direitos humanos das minorias sociais. Isto levou ao estabelecimento do modelo da integração. Este modelo está embasado na oferta de serviços, buscando normalizar<sup>398</sup> as pessoas com deficiência. Em sintonia com este modelo, o principal problema para a inserção social da pessoa com deficiência é a...

... necessidade de modificar a pessoa com necessidades educacionais especiais, de forma que esta pudesse vir a se assemelhar, o mais possível, aos demais cidadãos, para então poder ser inserida, integrada, ao convívio em sociedade.<sup>399</sup>

Os serviços para tentar "normalizar" cegos, surdos e outras pessoas com deficiência, seja física ou mental, se efetivou nas escolas especiais, nas entidades assistenciais e nos centros de reabilitação. Este paradigma logo começou a receber críticas, tanto de setores acadêmicos quanto dessas próprias pessoas, agora já organizadas em associações e outros órgãos de representação. Essas críticas assentam-se no pressuposto de que: "*Diferenças, na realidade, não se 'apagam', mas sim, são administradas na convivência social.*"<sup>400</sup> Como resultado destas críticas vem sendo gestado, na atualidade, o paradigma da inclusão, sendo que "*a inclusão das pessoas com deficiência na igreja é um testemunho do amor de Deus.*"<sup>401</sup>

Para este modelo, não é a pessoa que deve se ajustar ao meio social, mas é a

<sup>397</sup> SILVEIRA BUENO, 1993. p.69.

<sup>398</sup> "O que faz com que um comportamento seja normal tem muito a ver com pautas sociais e culturais cuja introversão determina o comportamento das pessoas. Assim, o conceito de 'normalidade', do ponto de vista estatístico, passa a ter um *status* sociológico que define o que é normal de acordo com o que a sociedade espera que os indivíduos realizem." SANTOS, Hugo N. *Saúde e ética na ação pastoral de Jesus*. Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia pastoral. Organizado por Lothar Carlos Hock e Thomas Heimann. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. EST/Sinodal. 2008. p.27.

<sup>399</sup> BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Série Amarela, **Projeto Escola Viva**, Visão Histórica, Brasília 2000. p.16.

<sup>400</sup> BRASIL, 2000. p.17.

<sup>401</sup> REDE ECUMÊNICA EM DEFESA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. 2005. p.29.

sociedade que deve garantir os suportes necessários para que todos possam usufruir da vida em comunidade. Na proposta de inclusão, não se nega que as pessoas com deficiência necessitam de serviços especializados, oferecidos no âmbito de suas comunidades, mas é necessário compreender que estas não são "(...) as únicas providências necessárias caso a sociedade deseje manter com essa parcela de seus constituintes uma relação de respeito, de honestidade e de justiça".

402

Na atualidade, começam a ganhar espaço novos entendimentos a respeito da relação entre pessoas com deficiência, aprendizado e desenvolvimento. Uma das principais contribuições neste sentido tem sido oferecida pela Rede Ecumênica em Defesa das Pessoas com Deficiência que afirma:

Provavelmente nós todos já experimentamos limitações, seja no modo como nos movemos, sentimos, pensamos ou percebemos o mundo. Devido aos nossos impedimentos e conseqüentes deficiências, temos sido marginalizados através de atitudes, ações e barreiras na sociedade. Em muitas sociedades, pessoas com deficiência têm se organizado em fortes grupos de pressão que lutam contra este tipo de marginalização e em favor de direitos e de independência para as pessoas com deficiência, independência mesmo dos familiares que são seus cuidadores. Mas um dos maiores desafios de muitos cuidadores é manter viva a voz dos que não têm voz, uma vez que as pessoas das quais cuidam, muitas vezes, podem ser tão profundas e múltiplas deficiências que elas somente são compreendidas na profundidade da relação amorosa do cuidado.<sup>403</sup>

Visto desta forma, os princípios para o desenvolvimento das pessoas com deficiência são os mesmos aplicados aos demais seres humanos, ou seja, a palavra de ordem é cuidado. No que se refere ao processo de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano, esta abordagem afirma que "*o processo principal que caracteriza o desenvolvimento psíquico de uma pessoa é um processo específico de apropriação das aquisições do desenvolvimento das gerações humanas precedentes*".<sup>404</sup> Mas estes conhecimentos não se fixam morfológicamente e não se transmitem por hereditariedade.

Sendo assim, o ser humano não deve ser estudado como um indivíduo isolado, mas como alguém que possui um desenvolvimento relacionado a múltiplos

<sup>402</sup> BRASIL, 2000. p.18.

<sup>403</sup> REDE ECUMÊNICA EM DEFESA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. 2005. p.09.

<sup>404</sup> LEONTIEV, Aléxis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978. p.323.

fatores, os quais são estabelecidos por fatores econômicos, políticos, sociais e culturais, presentes e combinados ao longo do processo histórico.

Neste modelo, a linguagem é indispensável no processo de apropriação da experiência acumulada historicamente pela humanidade, sem o qual não pode ocorrer a atualização histórica do ser humano, pois:

... sem atividade coletiva não há conhecimento, nem linguagem, nem simbolismo possível. Se, pois, a emoção ritualizada desempenha sem dúvida um papel no advento da atividade simbólica, se ela parece ter antecedido as manifestações mais decisivas da vida e da alma coletiva, é preciso reconhecer nela um intermediário necessário entre o automatismo e o conhecimento.<sup>405</sup>

O ponto de partida na busca do entendimento a respeito da educação das pessoas com deficiência deve estar assentado no pressuposto de que *"o defeito por si só não decide o destino da personalidade, senão as conseqüências sociais e sua realização sócio-psicológica"*.<sup>406</sup>

No que se refere ao desenvolvimento e ao processo de ensino-aprendizagem as contribuições de Vygotsky são importantes. Para ele o ser humano nasce apenas com recursos biológicos, mas com a convivência social, com seus valores e sua cultura, esses recursos concretizam o processo de humanização, essencialmente possível por meio do processo ensino-aprendizagem. Tem-se aqui o duplo nascimento: um biológico e outro cultural. O processo relacional entre ambos possibilita o desenvolvimento e a apropriação do conhecimento historicamente produzido.

Esse duplo nascimento ocorre, impulsionado pelo conflito entre os limites impostos pelas necessidades das pessoas com deficiência e as necessidades advindas do meio social. Para tanto, é indispensável a plena participação social da pessoa com deficiência, pois:

Ao entrar em contato com o meio externo, surge o conflito provocado pela falta de correspondência do órgão, a função deficiente, com suas tarefas, o que conduz a que exista uma possibilidade elevada para a morbidade e a mortalidade. Este conflito origina grandes possibilidades e estímulos para a super-compensação. O defeito se converte, desta maneira, no ponto de partida e na força motriz principal do desenvolvimento psíquico da personalidade. Se a luta

<sup>405</sup> WALLON, H. *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995. p.102.

<sup>406</sup> VIGOTSKY, 1997, p.29.

conclui com a vitória para o organismo, então, não somente vencem as dificuldades originadas pelo defeito, senão se eleva em seu próprio desenvolvimento a um nível superior, criando do defeito uma capacidade.<sup>407</sup>

A partir desses pressupostos, a pessoa com deficiência deixa de ser um estorvo para o processo de aprendizagem e desenvolvimento, para se tornar a sua força impulsionadora.

Visto desta forma, a manutenção de pessoas com deficiência em ambientes segregados reforça a sua necessidade e não gera a força impulsionadora do desenvolvimento e da vida. Para evitar tal ocorrência, esta pessoa deve ser educada em sociedade e para a sociedade, indo além, na vida e para a vida.

Na atualidade vive-se um momento de transição de paradigma, em que se busca garantir melhores condições de vida para as pessoas com deficiência. Essa ebulição das idéias inclusivas propõe a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações nos ambientes físicos e na mentalidade do ser humano no que se refere indistintamente a todas as pessoas, assim como das pessoas com deficiência. Essa transformação é levar a cabo o que afirma o escritor de Efésios:

Abandonem toda amargura, toda ódio e toda raiva. Nada de gritarias, insultos e maldades! Pelo contrário, sejam bons e atenciosos uns para com os outros. E perdoem uns aos outros, assim como Deus, por meio de Cristo, perdoou vocês.<sup>408</sup>

Eis o mistério e o milagre da vida: o perdão!

---

<sup>407</sup> VIGOTSKY, 1997, p. 77-78.

<sup>408</sup> **Bíblia de Estudo NTLH**. 2005. Efésios 4.31-32.

## Para não concluir...

O diálogo que está em curso  
não se subtrai a qualquer fixação.  
Mau hermeneuta é o que crê que pode  
ou deve ficar com a última palavra.

*Hans-George Gadamer*

Refletir, aprofundar e trabalhar a temática abordada ao longo deste texto é uma tarefa, não somente das pessoas com deficiência ou de quem possui uma relação direta ou indireta com este segmento social, mas de todos aqueles que lutam para superar o processo de exploração e marginalização de que são vítimas amplas parcelas da sociedade contemporânea. Isto se faz necessário para se romper com o senso comum a respeito das atuais condições de existência das pessoas com deficiência e, assim, elaborando uma visão crítica capaz de não-naturalizar a marginalização de que são vítimas. Desta forma, mesmo que não se supere as atuais condições de exclusão deste segmento social, pode-se apontar possibilidades por onde esta discussão deve trilhar e apontar também alternativas transformadoras. Tem-se aqui, portanto, a dimensão do já e o ainda não.

O abalo nos alicerces da modernidade, ou seja, a contestação da racionalidade, das certezas, da ciência positiva, bem como dos paradigmas universais, trouxe o ser humano (*dasein*) para um novo momento histórico, caracterizado primordialmente pela refutação ao anterior. Neste mundo pós-moderno as afirmações definitivas e absolutas não acham guarida. Vive-se num imenso complexo de possibilidades e palpites, podendo todos, aparentemente, gozar do mesmo espaço, ser considerados igualmente bons.

É neste clima que Vigotsky afirma que o desenvolvimento como preceptor não é o impulsionador da aprendizagem e sim o contrário, a aprendizagem vem em primeiro plano. Isto porque comumente não é reconhecida a complexidade humana, na sua diferença e diversidade. Dessa maneira, nega-se a diferença, a identidade do sujeito desviante, utilizada pelo próprio sistema para manter a ordem social.<sup>409</sup>

---

<sup>409</sup> VIGOTSKY, Leontiev. - *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. SP, Icone, 1989.

À sociedade impõe-se um estereótipo do ser humano, sem levar em conta que todos são diferentes entre si, não existindo ninguém igual ao outro. Até mesmo gêmeos univitelinos têm diferenças. Sendo assim, entende-se que as pessoas com deficiência têm seu lugar na sociedade e devem ser respeitadas como seres humanos.

Neste viés, falar em inclusão social não é simplesmente falar em igualdade de direitos, mas em respeito à diversidade, ou seja, em respeito à diferença. Cidadania, então, envolve e define o direito de ser diferente, por mais marcante que essa diferença possa ser, como afirma Boaventura: “*Temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza.*”<sup>410</sup>

Pode-se através de Vigotsky<sup>411</sup> tirar algumas idéias que ajudam a compreender tudo isso. A primeira diz que o aprendizado é produzido socialmente, ou seja, o aprendizado se dá nas interações sociais; portanto, o processo de significação do sujeito é produzido no contexto social. Isso quer dizer que não é o sujeito que internaliza passivamente o que a sociedade produz, mas ele lança sentidos sobre o que a sociedade produz nesse processo de internalização. Esse é um elemento importante, pois logo quando ele internaliza, está aprendendo, e esse aprendizado, que é uma apropriação daquilo que a sociedade produz, faz com que ele chegue a um processo de desenvolvimento cada vez mais elaborado. E isto é percebido como? O ser humano de hoje, intelectualmente, é o mesmo que o de séculos atrás?

Do ponto de vista biológico, a origem desse homem é quase idêntica, mas no ponto de vista cultural, a cada geração vai se apropriando do que a anterior produziu e faz com que cada novo ciclo geracional se desenvolva e transforme-se.

Este é o modo de existir do ser humano: uma natureza consciente, em parte já construída e em parte ainda não realizada. Sendo consciente e indeterminada, esta existência é livre e responsável por sua autoconstituição e pela construção de regimes políticos e equitativos para os nossos dias.<sup>412</sup>

Entre o já feito, já construído e o a fazer, em parte ainda não realizado é que se defronta, de uma forma geral, dentro da análise do texto neo-testamentário, e em

---

<sup>410</sup> SANTOS, 1999. p.44.

<sup>411</sup> VIGOTSKY, Leontiev. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. SP, Icone, 1989.

particular, o Evangelho de Mateus na perícopé estudada, com a concepção de relação direta entre a doença/deficiência e pecado e entre a cura da doença e o perdão divino. Assim o texto de Mateus 9.2-8, possui essas relações que aparecem e são reafirmadas em João 5.14. Aí, após haver ministrado a cura a um enfermo, Jesus adverte: “- *Escute! Você agora está curado. Não peque mais, para que não aconteça com você uma coisa ainda pior.*”<sup>413</sup> Algo similar se verifica na Carta de Tiago:

Se algum de vocês estiver doente, que chame os presbíteros da igreja, para que façam oração e ponham azeite na cabeça dessa pessoa em nome do Senhor. Essa oração feita com fé, salvará a pessoa doente. O Senhor lhe dará saúde e perdoará os pecados que tiver cometido. Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e façam oração uns pelos outros, para que sejam curados. A oração de uma pessoa obediente a Deus tem muito poder.<sup>414</sup>

Entretanto, apesar de se admitir a existência desse modo de pensar na tradição judaica, entende-se que a postura de Jesus é justamente a de romper com esse modo de pensar, no que se refere à relação causa e efeito: tal pecado gera tal consequência. Isso, tanto está evidenciado em João 9.1-3, como também na perícopé estudada, na perspectiva de que o perdão dos pecados é a cura fundamental, que coloca a pessoa novamente na relação verdadeira com Deus. A pergunta que Jesus faz: “*é mais fácil curar ou perdoar pecados?*” é sempre atual, deixando transparente a idéia de que não existe relação de causa e efeito, pois são duas realidades distintas, mesmo porque pecadores são todas as pessoas, sem distinção. Percebe-se, assim, que tanto uma como a outra abordagem, revelam aos olhos da sociedade o pecador. Tanto na perspectiva da punição, como da ruptura com essa tradição é preciso entender que:

Qualquer moléstia importante cuja causa é obscura e cujo tratamento é ineficaz tende a ser carregada de significação. Primeiro, os objetos do medo mais profundo (corrupção, decadência, poluição, anomia, fraqueza) são identificados com a doença. Os sentimentos relacionados com o mal são projetados numa doença. E a doença (assim enriquecida de significados) é projetada no mundo [...]. E são as doenças das quais se acredita terem múltiplas causas (isto é, as

---

<sup>412</sup> PEGORARO, Olinto. *Ética dos maiores mestres através da história*. Petrópolis. Vozes. p.135.

<sup>413</sup> *Bíblia de Estudo NTLH*. 2005. João 5.14

<sup>414</sup> *Bíblia de Estudo NTLH*. 2005. Tiago 6.14-16.

doenças misteriosas) que reúnem as maiores possibilidades de serem usadas como metáforas para o que se considera social ou moralmente errado.<sup>415</sup>

A compreensão aqui é de uma estrutura recheada de misticismo e carregada de preconceito, sendo preciso abrir os olhos e o coração e num movimento contínuo fechar as portas da exclusão e do preconceito.

O cenário da Palestina dos tempos de Jesus é interessante para considerações sobre exclusão. As formulações escritas e orais sobre pureza levavam a situações de arbitrariedade escandalosa. Pobres e doentes eram objeto de desprezo por parte dos representantes da religião oficial. Em Jesus, percebe-se atitudes de cuidado, perdão e cura. Ao ser questionado pelos discípulos de João Batista, em Mateus 11.2-6, sobre a sua messianidade, Jesus oferece como resposta aquilo que eles estavam vendo e ouvindo, mas, principalmente, que aos pobres está sendo pregado o evangelho. A resposta de Jesus é absolutamente *escandalosa* no versículo 06: a salvação extensiva aos pobres. Mais importante que as curas são os muros que Jesus derruba.

Existem, atualmente, muros de vergonha, muros de preconceito, muros de ódio, muros de competição, muros de medo, muros de ignorância, muros de preconceito teológico e mal-entendidos culturais. A igreja é convidada a ser uma comunidade inclusiva e a derrubar muros.<sup>416</sup>

Jesus não somente abre o Reino aos pobres, mas diz que deles é o Reino. Assim, percebe-se que o pobre, na pregação de Jesus, tem sentido mais amplo; não é somente o que tem menor condição econômica; é aquele que, por ser excluído, está aberto para Deus, demonstra disponibilidade para Deus, é um dependente de Deus, como todos os seres humanos devem ser em sua fragilidade. Mistério e razão estão aqui em constante diálogo e todos os seres humanos são convidados a derrubar todos os muros, pois *“de onde menos se espera encontra-se revelação profunda da graça de Deus. Para perceber esse agir misterioso de Deus, é preciso humildemente deixar-se surpreender.”*<sup>417</sup>

<sup>415</sup> SONTAG, S. *A doença como metáfora*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002. p. 76-79.

<sup>416</sup> REDE ECUMÊNICA EM DEFESA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. 2005. p.07.

<sup>417</sup> KUPKA, Cláudio. *Espiritualidade na música pop. Uma abordagem a partir da experiência da banda U2*. Aconselhamento pastoral e espiritualidade. Lothar Carlos Hoch e Thomas Heimann (orgs.). São Leopoldo/EST. Sinodal. 2008. p. 165.

Ao se surpreender, o ser humano defronta-se com questões acerca da dependência e independência, que são particularmente agudas para as pessoas com deficiência. Os equipamentos desenvolvidos para elas buscam oferecer independência de locomoção, por exemplo, como ganho significativo da qualidade de vida. Contudo, quando se trata a questão do ponto de vista teológico, percebe-se uma necessária interação entre dependência e independência, entre interiorização e exteriorização, entre o direito ao movimento, a locomoção e o direito de não movimentar-se, da não-locomoção. Ao viver eticamente, e para Deus não existe outra possibilidade de se escolher ao viver, ouve-se e entende-se o imperativo categórico: o dever absoluto de ser livre. Não é um dever extrínseco, fora do ser humano, mas intrínseco, uma precisão que movimenta o ser humano a ser livre, pois como lembra o poeta “*navegar é preciso viver não é preciso.*” A luta e a vitória do ser humano se sintetizam e alongam em busca da liberdade, seja movimentando-se ou desejando não movimentar-se como fez Rosa Parks<sup>418</sup>. A existência ética, ou a vida se manifesta como luta e vitória da liberdade, indicando o modo de ser do vivo na Vida.

Quando Jesus, em Mateus 9.2-8, promove o perdão/cura, Ele quer promover independência. Essa independência significa resgate da dignidade. O mesmo se pode dizer do *paralytikos* que aguardava ser colocado em contato com as águas em movimento, no texto de João 5.1-9. Ele aguardava que alguém fizesse algo por ele (dependência) no sentido da sua cura. Jesus, ao perdoá-lo/curá-lo, promove sua independência, com a mesma recomendação de que ele carregasse o seu leito. Tem-se aqui um daqueles movimentos citados, a aquietação e a inquietação.

---

<sup>418</sup>**Nota do autor:** “Rosa Parks nasceu em 4 de fevereiro de 1913 em Tuskegee, Alabama e morreu em 24 de outubro de 2005 em Detroit. Com um gesto simples mas de grande significado, no dia 1 de dezembro de 1955 em Montgomery, estado do Alabama (EUA), **Rosa Parks**, uma costureira negra de 42 anos, entrou para a história ao se recusar a ceder seu lugar num ônibus para um homem branco que exigia que ela se retirasse para ele poder se acomodar. Naquela época a segregação racial era permitida pelas leis norte-americanas e, principalmente nos estados do sul, havia leis que proibiam os negros de frequentar alguns locais ou restringiam o acesso a transportes e acomodações em locais públicos e restaurantes. Rosa Parks foi presa e recebeu uma multa por se recusar a levantar, mas seu ato foi o pontapé inicial para que o reverendo Martin Luther King Jr. organizasse um boicote em massa de 381 dias contra as companhias de ônibus locais iniciando uma grande reviravolta na história dos EUA e do mundo todo. Rosa precisou enfrentar ameaças de morte, humilhações e teve até de se mudar de estado por não conseguir arranjar emprego, mas seu papel já havia sido feito e por seu ato de coragem ela é até hoje considerada a mãe do movimento moderno pelos direitos civis.” <http://www.infoescola.com/biografias/rosa-parks/> <Acessado em 17 de setembro de 2011>

Jesus, portanto, liberta para independência como sinal de dignidade, mas espera de seu povo postura de interdependência. A situação do *paralytikos* transmite a ideia de uma condição de passiva espera em relação àquilo que os outros vão oferecer. A mensagem do Reino aponta para outra direção, pois Jesus alimenta a multidão a partir daquilo que foi partilhado pelo próprio povo faminto (Mt 14.13-21). Em relação às pessoas com deficiência, na maioria das vezes, elas não são consideradas como dignas de partilharem também os seus dons, mas apenas receptáculos da caridade alheia, numa postura absolutamente passiva.

Ao considerar essas questões e a sua superação via “desenvolvimento”, ligado ao “crescimento econômico”, Wanderley cita Amartya Sen: “O desenvolvimento consiste na eliminação das privações de liberdade que limitam as escolhas e oportunidades das pessoas de exercer sua condição de gente”.<sup>419</sup> É preciso superar as privações de liberdade, portanto, eliminar cerceamento da liberdade fundamental do ser humano, aspecto particularmente sensível para as pessoas com deficiência, que precisam ser libertas da “dependência”, no sentido negativo do termo, para que se tenha o privilégio de contar com seus dons. Deus liberta o ser humano para o compromisso comunitário. Não se busca a liberdade para a superação do outro, no sentido da competitividade, mas a liberdade para a liberação de potencialidades que todos têm e que devem estar a serviço da comunidade. Assim coloca-se em prática a saudável interdependência, sem dicotomias entre o agir e o pensar.

A teologia precisa mostrar que o desafio colocado pelas pessoas com deficiência ocorre porque eles têm algo a ensinar. As pessoas com deficiência ensinam a todos. Ensinam solidariedade, ensinam a confiança em Deus, ao esperar com fé o pão de cada dia. Paralelamente, tem-se muito a aprender com as pessoas com deficiência, pois não se pode esquecer que todos os seres humanos são portadores de limitações. As limitações constituem parte integrante da condição humana. Isso mostra que não se pode olhar com sentimento de superioridade para qualquer que seja a pessoa, pois num certo sentido, todos os seres humanos convivem com limitações. Todos são, de uma forma ou de outra, pessoas com

---

<sup>419</sup> AMARTYA SEM *apud* WANDERLEY, Mariângela B. e WANDERLEY, Luiz E. *O social e a pobreza: visões e caminhos*. In: *Religião & Cultura*. 12, VI (2007). p. 105.

deficiência. O ser humano está sempre na esfera entre o ficar e o sair, entre o direito à locomoção e o direito à não-locomoção.

De uma forma geral, a “solução” para as pessoas com deficiência passa pelos avanços tecnológicos. Equipamentos para pessoas com deficiência são apresentados como verdadeiras “maravilhas” da tecnologia, num contexto de consumo, numa economia de mercado de um mundo globalizado em que vive na atualidade.

Ainda que a tecnologia possa representar uma “solução”, deve-se perguntar: o que se pretende objetivamente? Parece que, numa economia consagrada ao deus Mamom<sup>420</sup>, a “inclusão” pretende criar entre as pessoas com deficiência um “nicho de mercado”, transformando-as em vítimas do consumismo e da competição do mercado.

Os equipamentos de “última geração” para as pessoas com deficiência representam um sonho distante para a grande maioria e sonhar é ser humano. Não se quer dizer que se desconsidera o fato da inclusão de pessoas com deficiência na sociedade ocorrer com o auxílio de aparelhos úteis e até mesmo indispensáveis, dependendo do caso. O que ocorre é que é preciso estar atento para que esses equipamentos não sejam colocados na mesma condição de outros bens. Como esses produtos não estão enquadrados em estratégias comuns de marketing, o consumo ocorre de maneira diversa, e os preços normalmente são exorbitantes. Isso sem contar com o fato de que em regiões subdesenvolvidas as soluções tecnológicas sempre chegam com considerável atraso, o que mostra a falácia da “globalização”.

A associação das pessoas com deficiência com a pobreza é quase automática e inevitável. A vida dos pobres é mais difícil e exigente. Assim, ser uma pessoa com deficiência no Terceiro Mundo é algo especialmente doloroso. A “luta” pela vida é mais árdua e exige outros parâmetros, pois *“... a lógica do nosso sistema é totalmente alheia à lógica do Evangelho. A nossa sociedade está completamente alheia ao espírito do Evangelho.”*<sup>421</sup>

---

<sup>420</sup> **Nota do autor:** Existe aqui um vínculo direto com o texto de Mateus 6.24: “Não podeis servir a Deus e a Mamom”. Mamom é o deus-dinheiro, usado aqui para representar o sistema materialista, consumista e capitalista.

<sup>421</sup> COMBLIN, José. *Justiça e lei no Evangelho segundo Mateus*. Estudos Bíblicos. Nº 26. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1990. p. 23.

Amartya Sen é convidado para tratar sobre pobreza, mostrando que indicadores gerais não servem para as pessoas com deficiência.

Um patamar de renda pode revelar-se inadequado, não porque se situa abaixo de uma linha de pobreza, fixada com base em parâmetros exógenos, mas porque está abaixo do que é adequado para mobilizar um conjunto específico de habilidades compatíveis com as necessidades de uma determinada pessoa.<sup>422</sup>

A situação de pobreza de uma pessoa com deficiência agrava-se muito em função dos problemas de acesso ao mercado de trabalho (já existem determinados avanços nesse setor) e em função dos gastos em situações especiais de tratamento, tendo em vista maior qualidade de vida. Lembre-se então da mulher que tinha um fluxo de sangue, ou seja, um problema crônico de saúde, tal como é narrado em Mt 9.18-22, e que “... veio por trás de Jesus e tocou na barra da capa dele.”<sup>423</sup> É o Evangelho de Mateus que faz uma declaração insinuante: “Nunca vimos em Israel uma coisa assim.”<sup>424</sup> A Odisséia e o Êxodo, na exuberância de seu movimento. Aquele que sempre lá esteve, aparecendo, voltando de onde jamais deixou de estar.

Especialmente dramática é a questão dos mendigos ligada à situação das pessoas com deficiência. Muitas vezes a falta de oportunidades joga estas pessoas às ruas, transformando-as em mendicantes. Elas são constantemente exploradas em pontos estratégicos da cidade. A própria sociedade vê essas pessoas normalmente como pedintes, o que é revelador de um sentimentalismo não solidário. As pessoas com deficiência são as “coitadas”, eternamente dependentes da caridade alheia. Dando esmolas, as pessoas geralmente aliviam suas consciências, sem que precisem pensar de maneira objetiva nos problemas que envolvem as pessoas com deficiência. Tal situação, muitas vezes cria nas pessoas com deficiência a ideia de que é normal pedir esmolas para sobreviver, gerando, em certos casos, uma postura de conformismo.

Isto remete à narrativa de que algumas pessoas levaram um *paralytikos* transportado em um pequeno leito, sendo um quadro de alguém que se salva graças também à fé de alguns. Se não fosse por essas pessoas, talvez este homem nunca teria chegado à presença de Jesus. Quem sabe, este homem, já estivesse

<sup>422</sup> WANDERLEY. 2007, p.105.

<sup>423</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mateus 9.20.

<sup>424</sup> **Bíblia de Estudo NTLH.** 2005. Mt 9.33.

plenamente resignado, pois havia perdido a esperança. Pode ser que ele tenha sido levado contra sua vontade, mas eis que está próximo de Jesus. Seja como for, este homem foi salvo, possivelmente graças também à fé de outros homens.

De fato, a medicina moderna está perfeitamente de acordo que a mente influi sobre o corpo, e que ninguém pode ter o corpo são se sua mente não goza de saúde. A teologia também se pronuncia no sentido de afirmar que o ser humano não é parte, mas sim um todo. A Dra. Abigail Evans em seu estudo sobre o ministério terapêutico da igreja afirma que: “... *curar e salvar têm a mesma raiz, e esses conceitos devem ser compreendidos integralmente – cura da mente, do corpo e do espírito*”.<sup>425</sup>

A cena encerra-se com a re-integração do indivíduo a sociedade, mostrando que a cura devolve a vida ao homem, outrora *paralytikos*. É preciso aprender com a ética proposta no Projeto de Jesus! Essa proposta passa pelo símbolo máximo que existe para os cristãos, que é a ressurreição do corpo, que significa liberdade, identidade e acima de tudo dignidade. Um pensar e agir dessa natureza, que é a ética de Jesus, usa símbolos que tem sua origem em uma tradição bastante antiga, a do Antigo Testamento, que se caracteriza pela preocupação com o corpo: a ação das mãos, dos pés, do olhar, do falar, do ouvir. Assim, a ética em Jesus está assentada no sentido da redenção do corpo; corpo pessoal, corpo social. A perspectiva, a luta, o pensar e o agir ético de Jesus no hoje, devem ser pautados pela libertação desse corpo, fazendo com que esse corpo seja um corpo amado, um corpo amigo no mundo. Enfim, tudo isso é um dizer que:

Uma ética em perspectiva cristã é, assim, ética da fé ativa no amor, ética do cuidado, ética da liberdade. Seu fundamento está na percepção das relações concretas da vida como geradoras e como foco da existência ética.<sup>426</sup>

Ao tratar a ética como vida e dentro de uma perspectiva hermenêutica, após ter excursionado em busca das origens das relações entre pessoas com deficiência, pecado e perdão dentro da cultura judaico-cristã, pode-se constatar que, tanto mediante o texto bíblico, quanto da mitologia greco-romana, se encontra claro o

---

<sup>425</sup> EVANS, Abigail Rian. *O ministério terapêutico da igreja. Programas práticos para ministérios de saúde*. Tradução: Dr. Raimundo César Barreto Jr. São Paulo: Ed. Loyola, 2002. pag. 21.

<sup>426</sup> MULLER, Ênio. *Teologia cristã: em poucas palavras*. São Leopoldo. EST. p. 109.

estigma da pessoa com deficiência apontando-a como pecadora ou impura, portadora de um mal capaz de contaminar e devendo ser, portanto, punida e mantida afastada do convívio social. Por corresponderem as narrativas de questões existencialmente significativas ao ser humano, por revelarem conteúdos muitas vezes inconscientes e por representarem e, ao mesmo tempo, interpretarem as realidades sociais e o acontecimento primordial (que é modelo de um fato real social), os mitos certamente deveriam ser tratados sob a perspectiva de uma hermenêutica livre de dogmatismos e disposta a penetrar nas origens dos temores que habitam o ser humano. Se o medo do contato com o diferente, pessoa com deficiência, possui repercussões sociais excludentes e pode remeter a textos fundantes da humanidade, decifrar sua simbologia pode levar a uma melhor compreensão das atitudes humanas, tendo consciência de que: “... *ser homem diz: ser como mortal sobre essa terra.*”<sup>427</sup>

Neste sentido, entender a condição de pessoas com deficiência e empobrecidas representa um clamor diante de um mundo que se organiza cada vez mais em função do que é global, muito mais em função do que é interessante, do que aquilo que se tem interesse. A Igreja deve estar atenta a esse clamor, pois não se deve conformar com este século é dar testemunho sobre a diversidade da vida humana. Assim “*é papel da igreja, neste novo século, confrontar a realidade com a imagem de um Jesus com deficiência, ou seja, a realidade das pessoas com deficiência que são rejeitadas e abandonadas.*”<sup>428</sup>

O mundo atual “padroniza” tudo em função de parâmetros econômicos de mercado. Assim como o meio ambiente clama pela preservação de sua rica diversidade, também os seres humanos, criados todos à imagem e semelhança de Deus, devem clamar por respeito à sua também rica diversidade, trabalhando sem desigualdade de qualquer espécie para reproduzir na terra as mesmas condições de vida do céu.

As primeiras comunidades experimentaram e transmitiram as narrativas dos milagres de Jesus, tendo possivelmente a compreensão de que essas narrativas são fundamentais para a fé. Essa é uma tentativa da transposição da Palavra de Deus, que é Palavra de Vida para a Palavra Humana, numa ação de continuidade da experiência de vida e divina que alcance a todos indistintamente. Caso isso seja de

---

<sup>427</sup> HEIDEGGER, 2008. p. 127.

<sup>428</sup> REDE ECUMÊNICA EM DEFESA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. 2005. p. 24.

outra forma, a proclamação dos milagres de Jesus torna-se apenas histórias de um passado, que não traduzem um vigor-de-ter-sido, sendo tão somente curiosidades a serem acreditadas e isso está em oposição ao Projeto de Jesus, pois a fé seria neste sentido a aceitação de fatos históricos e isto provoca uma deformação da fé, pois milagres são relevantes não como histórias mas como interpretação, compreensão e experiência de vida. Assim, o milagre, seja em Cafarnaum seja nos confins da terra tem significado para a atualidade em que vive o ser humano e a sua comunidade de fé, na esperança do porvir.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

AGOSTINHO, Santo. **As confissões**. 13ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

ALMEIDA, Custódio Luís S. **Hermenêutica e Dialética: Dos estudos platônicos ao encontro com Hegel**. Porto Alegre – Rio Grande do Sul. EDIPUCRS. 2002.p. 357.

AQUINO, Rubim Santos Leão. **História das Sociedades. Das sociedades Modernas às Sociedades Atuais**. Rubim Santos leão de Aquino... et [et al]. 36ª edição. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1987.

AZPITARTE, Eduardo Lopes. **Fundamentação da ética cristã**. São Paulo. Paulus, 1995.

BACH, Richard. **Longe é um lugar que não existe**. Tradutor: A. B. Pinheiro de Lemos. Editora Record. Rio de Janeiro. 18ª Edição. 1990.

BERGER, Klaus. **Hermenêutica do Novo Testamento**. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Sinodal. 1999.

BERGER, Klaus. **É possível acreditar em milagres?** Tradução: Luis Henrique Dreher. São Paulo – São Paulo. Paulinas. 2004.

BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Frei Betto, Leonardo Boff. 6ª edição. Rio de Janeiro – Rio de Janeiro. Garamoud. 2005.

BEULKE, Gisela. **Saúde e doença: um desafio constante**. Práticas diaconais: subsídios litúrgicos. Orgs. Rodolfo Gaede Neto. Rosane Pletsch e Uwe Wegner. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Sinodal/CEBI. 2004.

BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. In: BIANCHETTI, L. e FREIRE, I. M. **Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania**. Campinas/Sp: Papirus, 1998.

BIANCHETTI, L. **Aspectos Históricos da Educação Especial**. São Paulo: ABPEE/UNIMEP, 1996.

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**, Ed. Sinodal. 2005.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Evangelho e milagre sob a perspectiva do Novo Testamento**. Estudos Bíblicos nº 01. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. EST. 1975.

BROWN, Raymond. **Introdução ao Novo Testamento**. Paulinas. São Paulo-SP. 2002.

**Bíblia de Estudo NTLH**. Barueri, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 2005.

**Bíblia de Estudo NVI** – Nova Versão Internacional / Organizador Geral Kennet Barker; Co-organizadores Donald Burdick... (et al.). São Paulo. Editora Vida. 2003.

**BÍBLIA SAGRADA.** Revisada Almeida. São Paulo, 1995.

BLEICHER, Josef. **Hermenêutica Contemporânea.** Tradução: Maria Georgina Segurado. Lisboa-Portugal. Edições 70. 1980.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). **Declaração de Salamanca** (UNESCO) de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Série Amarela, **Projeto Escola Viva**, Visão Histórica, Brasília 2000.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão:** dificuldades acentuadas de aprendizagem - deficiência múltipla. . 2. ed. rev. Brasília: MEC, SEESP, 2003. (Educação infantil, 4).

BUCKS. RENÉ. **A Bíblia e a Ética: A relação entre a filosofia e a sagrada escritura na obra de Emanuel Levinas.** Edições Loyola. São Paulo – São Paulo. 1997.

BUZZI. Arcângelo R. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem.** 33ª edição. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes. 2007.

CABRAL, Alexandre Marques. **Heidegger e a destruição da ética.** Rio de Janeiro. Editora UFRJ. Manual editora, 2009.

CASTRO, Suzana. **Ontologia.** Rio de Janeiro – RJ. Jorge Zahar Editora. 2008.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** Vol. 02. Editora Hagnos. Cidade Dutra-SP. 2004.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** Vol. 03. Editora Hagnos. Cidade Dutra-SP. 2004.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** Vol. 06. Editora Hagnos. Cidade Dutra-SP. 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo. Editora Ática. 2003.

CODINA, Graciela Deri de. **A questão da ensinabilidade das virtudes na formação do educador: uma problematização.** In: Anais do VIII Simpósio de Educação e LV Encontro de Pedagogia Mackenzie, 1999. São Paulo.

COMBLIN, José. **As linhas básicas do Evangelho segundo Mateus.** Estudos Bíblicos. Nº 26. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1990.

COMBLIN, José. **Justiça e lei no Evangelho segundo Mateus.** Estudos Bíblicos. Nº 26. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1990.

CROATTO, Severino J. **Hermenêutica Bíblica**. Editora Sinodal/Paulinas. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. 1ª edição. 1986.

CROATTO, J. Severino. **A Deusa Aserá no Antigo Israel – a contribuição epigráfica da arqueologia**. Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana. Petrópolis. Vozes. São Leopoldo. Sinodal. Nº 35/36. 2001. p.33-34.

CORETH, Emerich. **Questões Fundamentais de Hermenêutica**. Tradução: Carlos Lopes de Matos. São Paulo. SP. Editora da Universidade de São Paulo. 1973.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. 10ª edição. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes. 2010.

CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. Tradução de Bertolo Weber. – 7 ed. Ver. – São Leopoldo: Sinodal, 2001.

Dicionário Brasileiro de Teologia/ Fernando Bortolletto Filho, Organizador. São Paulo. ASTE, 2008.

Dicionário Vine. O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento. W.E. Vine; Merryl F. Unger; William White Jr. Tradução Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro – RJ.Ed CPAD.2002.

DOCKERY, David S. **Hermenêutica Contemporânea à luz da igreja primitiva**. Tradução: Álvaro Hatnher. São Paulo, Editora Vida, 2005.

DOSTOIEVSKI, F. **Crime e Castigo**. 1947. p. 386.

DREHER, Martin. **Coleção História da Igreja – A Igreja no Império Romano** – Vol. 02. São Leopoldo-RS. Sinodal, 1993.

DREHER, Martin. **Coleção História da Igreja – A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma** – Vol. 03. São Leopoldo-RS. Sinodal, 1996.

ECKHART, Meister. **Sermões Alemães: sermões 1 a 60** / Mestre Eckhart; tradução e introdução de Enio Paulo Giachini; revisão de tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback; apresentação de Emmanuel carneiro Leão. Bragança paulista: editora Universitária São Francisco; Petrópolis: vozes. 2006.

EVANS, Abigail Rian. **O ministério terapêutico da igreja. Programas práticos para ministérios de saúde**. Tradução: Dr. Raimundo César Barreto Jr. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** São Paulo: Vida Nova, 1984.

FERRARIS, Maurizio. **História de la hermenêutica**. Tradução de A. Perea Cortés. México. Siglo XXI. 2002.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. **A linguagem originária**. Salvador – Bahia. Editora Quarteto. 2007.

FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos. Aprendendo a viver II**. Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro – RJ. Objetiva. 2009.

FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de. **Bíblia: Mito? Realidade?** Estudos Bíblicos. Nº 98. Ed Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 2008/2.

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo – São Paulo. Editora Ática. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola. São Paulo – São Paulo. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro.: Paz e Terra. 1996.

GARDNER, E. Clinton. **Fé bíblica e ética social**. Tradução de Francisco Penha Alves. 2ª edição. São Paulo. Aste. Rio de Janeiro. JUERP. 1982.

GADAMER, Hans-George. **Hermenêutica em Retrospectiva**. Vol. I. Tradução: Marco Antônio Casanova. Petrópolis-RJ. Vozes. 2007.

GADAMER, Hans-George. **O problema da consciência histórica**. Org. Pierre Fruchon. Trad. Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GEBARA, Ivone. **O que é Teologia**. São Paulo. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos: 317.

GÓES, Paulo. O caráter científico da teologia. In: MARASCHIN, J. (Org) **Teologia sob limite**. São Paulo – SP: AST. 1992. pp.53-69.

HEBECHE, Luiz. **O escândalo de Cristo: ensaio sobre Heidegger e São Paulo**. Ijuí. Unijuí. 2005.

HENRY, Michel. **Palavras de Cristo**. Tradução de Florinda Martins. Edições Colibri. Lisboa – Portugal. 2003.

HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes. Bragança Paulista. São Paulo. Editora Universitária São Francisco. 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5ª edição. Petrópolis. Vozes. Bragança Paulista. Editora Universidade São Francisco. 2008. Coleção Pensamento Humano.

HEIDEGGER, Martin. **Que é isso, a filosofia ?** Tradução de Enildo Stein. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes. Livraria Duas Cidades. 2006.

HORSLEY, Richard A. **Arqueologia, história e sociedade na Galiléia: o contexto social de Jesus e dos rabis.** Traução Euclides Luiz Calloni. São Paulo-SP. Paulus, 2000. pp. 36-39.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia.** Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 3ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1996.

JANNUZZI, Gilberta. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** Campinas. SP: Autores Associados. 2004.

KOCH, Cleber Eduardo. **“Agora vemos em espelho... mas depois veremos face a face (1 Cor 13.12).** Teologia em Questão. Palavra & hermenêutica. Faculdade Dehoniana. Taubaté – São Paulo. 2005.

KORTNER, Ulrich H. J. **Introdução à Hermenêutica Teológica.** Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo. Sinodal/EST. 2009.

KHUN, THOMAS. **A Estrutura das revoluções Científicas.** Perspectia. São Paulo-SP. 1996.

KUPKA, Cláudio. **Espiritualidade na música pop. Uma abordagem a partir da experiência da banda U2.** Aconselhamento pastoral e espiritualidade. Lothar Carlos Hoch e Thomas Heimann (orgs.). São Leopoldo/EST. Sinodal. 2008.

LEÃO, Emanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar.** Vol 01. 5ª edição. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 1977.

LEÃO, Emanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar.** Vol 02. 2ª edição. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 2000.

LEONE, Alexandre. **Mística e razão: dialética do pensamento judaico.** São Paulo. Perspectiva. 2011.

LEONTIEV, Aléxis. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Horizonte, 1978.

LEVINÁS, Emmanuel. **O Humanismo do outro Homem.** Petrópolis. Vozes. 1993.

LINHARES, Jorge. **Os nomes bíblicos e seus significados.** Editora Getsêmani. Belo Horizonte – Minas Gerais. 9ª edição. 2004.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno.** Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MAZZAROLO, ISIDORO. **A ética e a diaconia da eucaristia.** In: Exigências éticas na Bíblia. Petrópolis. Vozes. 2003. P. 55 (Estudos Bíblicos 77).

MEEKS, Wayne A. **O mundo moral dos primeiros cristãos.** Tradução de João

Resende. São Paulo – São Paulo. Paulus. 1996.

MINAYO, Maria, C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MINC, Carlos. **Ecologia e Cidadania**. São Paulo – São Paulo. Moderna. 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Unesco. Editora Cortez. 9ª edição.

MOSER, Frei Antonio. **O Pecado do descrédito ao aprofundamento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MOSCONI, Luis. **O Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus**. Edições Loyola. São Paulo-SP. 1998.

MULLER, Ênio. **Teologia cristã: em poucas palavras**. São Leopoldo. EST.

NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Tradução: Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba – Paraná. Hemus Livraria, Distribuidora e Editora. 2002.

NOÉ, Sidnei Vimar. **Multi e interculturalidade na América latina**. Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe. Hugo N. Santos (editor). São Paulo. ASTE. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. CETELA. 2008.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Corresponde à 3ª edição, 1ª impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI. 2004 by Regis Ltda.

NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Benedito Nunes; Maria José Campos (organizadora). Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1999.

ORLANDI, Eni Pucciinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos**. Campinas – São Paulo. Fontes. 2ª edição. 2005.

OVIEDO, Aránzazu. **La fecundidade de la filosofía latinoamericana: Raúl Fornet-Betancourt**. Aicante. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. 2005

PARANÁ. **Inclusão e diversidade: reflexões para a construção do projeto político-pedagógico**. Disponível em [www.seed.pr.gov.br](http://www.seed.pr.gov.br) . Acesso 14 abr 2006.

PARECER Nº 17/2001 - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Disponível em [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) . Acesso 17 mar 2006.

PASTORE, José. **Oportunidades de trabalho para portadores de deficiência**. São Paulo: LTR, 2000.

PEGORARO, Olinto. **Ética dos maiores mestres através da história**. Petrópolis.

Vozes.

PETERSON, Dwight N. ***Translating paralytiko, in Mark 2.1-12: A Proposal***. IN: Bulletin for Biblical Research, Winona Lake, 2006, v. 16. p. 261-272.

PIRES, Frederico Pieper. ***O que é espiritualidade?*** Organizado por Valtair A. Miranda. Rio de Janeiro. MK editora. Coleção Teologia ao alcance de todos. 2005.

REDE ECUMÊNICA EM DEFESA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. ***Uma igreja de todos e para todos: uma declaração teológica provisória***. Tradução de Iara Muller e Wener Ewald. São Paulo. Aste. 2005.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2/01 - Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) . Acesso 17 mar 2006.

RICOEUR, Paul. ***A hermenêutica Bíblica***. Tradução: Paulo Menezes. Edições Loyola. São Paulo - São Paulo. 2000.

ROSA, João Guimarães. ***Grande sertão: veredas***. 22ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.

SALLES, João Carlos (Org.). ***Pesquisa e Filosofia***. Salvador-Bahia, Quarteto Editora, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. ***A Construção multicultural da igualdade e da diferença***. Oficina do CES nº135, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, jan. 1999.

SANTOS, Hugo N. ***Saúde e ética na ação pastoral de Jesus***. Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia pastoral. Organizado por Lothar Carlos Hock e Thomas Heimann. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. EST/Sinodal. 2008.

SANTOS, Manuel Augusto. ***Para uma teologia do milagre***. Teocomunicação. Vol. 1, nº 1. Porto Alegre. PUC, 1970.

SCARLATELLI, Cleide Cristina da Silva. ***A Vida à luz do encontro dialógico***. Revista Estudos Teológicos. Ano 44. Nº 1. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Escola Superior de Teologia. 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. ***A arte de escrever***. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sussekind. Porto Alegre – Rio Grande do Sul. L&M. 2010.

SILVA, Otto Marques da. ***A Epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje***. São Paulo: Ed. CEDAS, 1986.

SILVA, Deonísio da. ***De Onde Vêm as Palavras***. São Paulo – SP. A Girafa Editora, 2004.

SILVA, Marta N. da. ***Cuidados em movimento: A ética do cuidado e a escuta sensível como fundamento do cuidado do outro***. Espiritualidade e saúde: da cura

d'almas ao cuidado integral. Organizado por Sidney Vilmar Noé. São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Sinodal. 2004.

SILVEIRA BUENO, J. G. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente**. São Paulo: EDUC, 1993.

SONTAG, S. **A doença como metáfora**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

TELLES Jr., Godofredo da Silva. **Introdução à Ciência do Direito**. São Paulo. Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP, 1953.

TILLICH, Paul. **A Coragem de ser**. Tradução de Eglê Malheiros. 3ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo – Rio grande do Sul. Sinodal. 2005.

TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis. Vozes. 1994.

UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade**. Edições Loyola. São Paulo – São Paulo. 2ª edição. 2000.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense. São Paulo-SP. 2008. p.07.

VAZ, Henrique Cláudio Toledo de Lima. **Ética e Direito**. São Paulo – São Paulo. Edições Loyola. 2002.

VAZ, Henrique Cláudio Toledo de Lima. **Escritos de filosofia**. São Paulo. Loyola. 1999. V.04. Introdução à ética filosófica, t.1.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de Defectologia. In: Obras completas**. Tomo V. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

VIGOTSKY, Leontiev. - **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. SP, Icone, 1989.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. Traduzido por Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Ed. Vida, 2001.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WANDERLEY, Mariângela B. e WANDERLEY, Luiz E. **O social e a pobreza: visões e caminhos**. In: *Religião & Cultura*. 12, VI (2007).

WARREN, Carter. **O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens**. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo-SP, Paulos, 2002.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo : Pioneira, 1967.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **Caminhos da graça: identidade, crescimento e direção nos textos bíblicos**. Viçosa – Minas gerais. Ultimato. 2006.

**Sites:**

*Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência-ONU 2006.*  
<http://www.sedese.mg.gov.br/index.php/caade-deficiencia-pessoas.html>>  
 Acessado em 16 de abril de 2010.

<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2006/02/a15.htm> <Acessado em 18 de setembro de 2011> Inclusão: contribuições da teoria sócio-interacionista à inclusão escolar de pessoas com deficiência. Edição: 2006 - Vol. 31 - No. 02

*E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>> Acessado em 08 de abril de 2010.

<http://www.nbz.com.br/igrejavirtual/biblia/gumran.htm>> Acessado em 29 de abril de 2010.

<http://www.infoescola.com/religiao/pecado/>> Acessado em 15 de março de 2010.

<http://www.infoescola.com/biografias/rosa-parks/> <Acessado em 17 de setembro de 2011>

<http://www.sep.org.br/artigo/xcongresso3.pdf>> Acessado em 25 de março de 2010.

[http://www.ampid.org.br/Artigos/PD\\_Historia.php](http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php) <Acessado em 18 de setembro de 2011.

<http://www.slideshare.net/cotidiano/cotidiano-e-cotidianidade>> Acessado em 26/07/2011.

<http://www.cdvhs.org.br/oktiva.net/1029/nota/156769/>> Acessado em < 16/07/2011.

<http://www.arlsdelphos.com.br/page13.php>> Acessado em 03 de agosto de 2011.

<http://www.hottopos.com/notand10/jean.htm>> Acessado em 15 de setembro de 2011.

<http://www.nbz.com.br/igrejavirtual/biblia/gumran.htm>> Acessado em 29 de abril de 2010.

**DISCO:**

VELOSO, Caetano. **Muito – Dentro da Estrela Azulada**. Philips/Phonogram.1978.

CD:

CAIS, Eri do e MERETI. Deixa a vida me levar. IN: PAGODINHO, Zeca. **Deixa a vida me levar**. Gravadora Universal, 2002. 3ª faixa.

